

Lara
Roberts

A DAMA NEGRA

Romance



CHÁ DA CINCO
Livros com sexto sentido

*Para Marianne e Ky,
com amor, esperança e admiração*



Primeira Parte
PORTO DE ABRIGO

A beleza justifica a sua própria existência.
— Emerson

U M

O vento húmido e impertinente gelava os ossos até à medula. A neve de uma tempestade do início da semana empilhara-se em montes irregulares ao longo da beira da estrada. O céu era de um azul amargo. Árvores sombrias com ramos negros e despídos brotavam da erva escurecida pelo Inverno e oscilavam os seus membros como punhos contra o frio.

Assim era Março no Maine.

Miranda pôs o aquecimento no máximo, programou o leitor de CD para *La Bohème* de Puccini e conduziu com a música em altos berros.

Estava de volta a casa. Depois de dez dias em conferências, saltitando entre hotéis, universidades e o aeroporto, Miranda estava mais do que pronta para regressar a casa.

O alívio que sentia poderia ter algo a ver com o facto de detestar dar palestras e de sofrer imenso sempre que tinha de enfrentar auditórios de rostos ansiosos. Mas a timidez e o medo do palco não podiam interferir com o dever.

Ela era a Dra. Miranda Jones, uma Jones de Cabo Jones. E nunca a deixavam esquecer-se disso.

A cidade tinha sido fundada pelo primeiro Charles Jones a deixar marca no Novo Mundo. Miranda sabia que aos Jones era exigido que deixassem as suas marcas, que mantivessem a sua posição como família mais importante do Cabo, que contribuíssem para a sociedade, que se comportassem como era esperado dos Jones de Cabo Jones, no Maine.

Entusiasmada por se estar a afastar do aeroporto, virou para a estrada litoral e pisou a fundo no acelerador. Conduzir depressa era um dos seus pequenos prazeres. Gostava de se movimentar com rapidez, de ir de um ponto a outro com um mínimo de confusão e de tempo. Uma mulher com quase um metro e oitenta de altura e cabelo da cor de um carro de bombeiros raramente passava despercebida.

E quando se movia com a precisão e o objectivo de um míssil por infravermelhos, o caminho à sua frente ficava geralmente livre.

Tinha uma voz que um homem apaixonado comparara a veludo envolto em papel de lixa. Ela compensava o que considerava ser um acidente do destino cultivando uma elocução rápida e bem articulada que muitas vezes tocava a afectação.

Mas alcançava assim os seus objectivos.

O seu corpo poderia ter resultado de algum antepassado celta, mas o rosto era completamente Nova Inglaterra. Estreito e frio, com um nariz longo e direito, queixo ligeiramente pontiagudo e maçãs-do-rosto salientes. A boca era grande e encontrava-se quase sempre fechada numa linha séria. Os olhos eram de um azul profundo e, na maioria das vezes, discretos.

Mas naquele momento, enquanto se entretinha com o caminho longo e sinuoso que abraçava os rochedos cobertos de neve, tanto a boca como os olhos sorriam. Para lá dos rochedos, o mar estava picado e cinzento. Ela adorava as alterações de humor do mar, o seu poder para acalmar ou fazer vibrar. No preciso momento em que a estrada curvou como um dedo arqueado, ela ouviu o barulho estrondoso da água a bater nas rochas, recuando em seguida como uma mão cerrada para atacar novamente.

A ténue luz do Sol cintilava sobre a neve e o vento espalhava correntes irregulares desta pelo ar e pela estrada. Do lado da baía, as árvores nuas curvavam-se como velhotes, torcidas por anos a fio de tempestades. Quando ainda era criança, e tinha a cabeça cheia de fantasias, imaginara aquelas árvores murmurando lamentos entre si enquanto baloiçavam ao vento.

Embora já não se considerasse imaginativa, ainda adorava o aspecto das árvores, deformadas e nodosas, alinhadas como velhos soldados na falésia.

A estrada subia à medida que o terreno estreitava, com a água a galgar de ambos os lados. O mar instável, muitas vezes revoltado, beliscava as praias com uma fome infundável. A sinuosa ponta de terra elevava-se, o seu ponto mais alto arqueado como uma articulação artrítica adornado pela antiga casa vitoriana com vista para o mar. Do outro lado, onde o terreno tombava novamente em direcção à água, estava o farol que vigiava a costa.

A casa fora o seu refúgio e alegria enquanto criança por causa da mulher que lá vivera. Amélia Jones contrariara a tradição dos Jones e vivera como quisera, dissera o que pensava e sempre guardara no coração um lugar para os dois netos.

Miranda adorara-a. A única dor que verdadeiramente sentira até então fora a perda de Amélia, que falecera sem aviso, durante o sono, oito anos antes.

A avó deixara a casa, o álbum de fotografias que organizara ao longo dos anos e a coleção de arte a Miranda e ao irmão. Ao filho, pai de Miranda, deixara votos para que ele conseguisse ser metade do homem que ela desejara antes de se encontrarem novamente. À nora, deixara um colar de pérolas porque fora a única coisa que se lembrara ser do agrado de Elizabeth.

Mesmo típico dela, pensava agora Miranda. Aqueles pequenos comentários cheios de significado no testamento. Ela vivera sozinha na grande casa de

pedra durante anos e sobrevivera ao marido por mais de uma década.

Miranda estava a pensar na avó quando chegou ao fim da estrada litoral e virou para o longo caminho sinuoso que conduzia à casa.

A casa sobrevivera aos anos e aos temporais, à crueldade do frio do Inverno, ao calor repentino no pino do Verão. Agora, pensava Miranda, com um ligeiro sentimento de culpa, sobrevivia à negligência.

Nem ela nem Andrew pareciam ter tempo para arranjar pintores ou quem tratasse do relvado. A casa que fora em tempos um lugar visitado pela sua beleza exibía agora as suas marcas e cicatrizes. Ainda assim, ela achava-a encantadora, muito como uma mulher mais velha que não receia mostrar a sua idade. Em vez de apresentar uma construção irregular, erguia-se em ângulos corajosos, a sua pedra cinzenta dignificada, os beirais do telhado e torreões notáveis.

Do lado do estreito, uma pérgula conferia charme e extravagância. Glicínias revestiam os lados e cobriam o telhado de flores na Primavera. Miranda fazia sempre tenção de arranjar tempo para se sentar num dos bancos de mármore que se encontravam sob a cobertura perfumada para desfrutar os aromas, a sombra, o sossego. Mas, de alguma forma, a Primavera dava lugar ao Verão, e o Verão ao Outono, e ela nunca se lembrava do seu intento até ao Inverno, quando as espessas trepadeiras já estavam nuas.

Talvez algumas das tábuas da ampla sacada na frente da casa precisassem de substituição. As portadas, de um azul desbotado para cinza, precisavam certamente de ser raspadas e pintadas. As glicínias na pérgula precisavam provavelmente de ser podadas ou regadas ou o que quer que se fizesse com essas coisas.

Ela trataria disso. Mais cedo ou mais tarde.

Mas as janelas brilhavam e as gárgulas agachadas nos beirais sorriam ironicamente. Longos terraços e varandas estreitas ofereciam vistas em todas as direcções. As chaminés lançavam baforadas de fumo – quando alguém se dava ao trabalho de acender uma lareira. Grandes carvalhos antigos erguiam-se a grande altura, e uma densa parede de pinheiros quebrava o vento a norte.

Ela e o irmão partilhavam o espaço de uma forma bastante compatível – ou assim fora até Andrew começar a beber com maior frequência. Mas Miranda não ia pensar nisso. Gostava de o ter por perto, amava-o, e por isso era para si um prazer trabalhar e partilhar a casa com ele.

O vento soprou-lhe o cabelo para dentro dos olhos no exacto momento em que ela saía do carro. Ligeiramente incomodada, puxou-o para trás e depois retirou o portátil e a pasta de dentro do carro. Pôs ambos ao ombro e, assobiando os acordes finais de Puccini, dirigiu-se à bagageira e abriu-a.

O cabelo deslocou-se novamente para diante do rosto fazendo-a bufar de irritação. O meio-suspiro terminou num engasgo quando os cabelos foram subitamente agarrados e usados como corda para lhe puxar a cabeça para trás. Pequenas estrelas brancas explodiram em frente aos seus olhos quando a dor e o choque lhe atingiram o crânio. E ela sentiu a ponta fria e aguçada de uma faca encostada à garganta.

O medo vociferou na sua mente, um grito primitivo que irrompeu no estômago e se dirigiu à garganta. Antes que ela o pudesse libertar, foi virada ao contrário e violentamente atirada contra o carro, e a dor que sentiu na coxa enevoou-lhe a visão e amoleceu-lhe as pernas. A mão que lhe segurava o cabelo sacudiu-a de novo, puxando-lhe violentamente a cabeça para trás como se fosse a de um boneco.

O rosto dele era medonho. De um branco macilento e coberto de cicatrizes, não transmitia qualquer emoção. Ela demorou alguns segundos até o terror lhe permitir perceber que se tratava de uma máscara.

Miranda não lutou, não conseguiu. Não havia nada que ela temesse mais do que uma faca com a sua ponta aguçada e gume mortal. A extremidade cortante pressionada sob o seu queixo fazia com que cada fôlego engasgado viesse acompanhado de dor e medo.

Ele era grande. Cerca de um metro e noventa de altura, reparou ela, tentando prestar atenção aos detalhes enquanto o coração lhe subia até à garganta. Mais de cem quilos, ombros largos, pescoço curto.

Meu Deus!

Olhos castanhos, castanho-escuros. Foi a única coisa que conseguiu ver através das aberturas na apavorante máscara de borracha que ele usava. E eram inexpressivos e frios como os de um tubarão enquanto ele pressionava a ponta da faca e a fazia deslizar sobre o pescoço para lhe cortar delicadamente a pele.

Miranda sentiu um pequeno ardor, e uma fina linha de sangue escorreu para a gola do casaco.

— Por favor. — As palavras saíram num murmúrio enquanto ela tentava instintivamente agarrar no pulso da mão que segurava a faca. Todos os pensamentos racionais deram lugar a um medo frio quando ele usou a ponta aguçada para a fazer levantar a cabeça e expor a linha vulnerável da garganta.

Miranda imaginou a faca a fazer um corte rápido e silencioso na carótida, um jorro de sangue quente. E ela morreria de pé, abatida como um cordeiro.

— Por favor, não faça isso. Tenho trezentos e cinquenta dólares em dinheiro. — *Por favor, meu Deus, faça com que seja dinheiro o que ele quer,* pensava ela freneticamente. *Que seja apenas dinheiro.* Se fosse violação, ela

rezava para ter coragem para lutar e tinha esperança que fosse rápido.

— Eu dou-lhe o dinheiro — começou ela, engasgando-se depois com o susto quando ele a atirou para o lado como se de um trapo se tratasse.

Miranda caiu com força sobre as mãos e os joelhos no chão de gravilha e sentiu o ardor de pequeninos cortes nas palmas das mãos. Começou a choramingar e odiou-se pelo medo paralisante que a impossibilitava de fazer mais do que olhar fixamente para ele através de olhos embaciados e para a faca que cintilava sob a ténue luz do Sol.

Enquanto a sua mente gritava para que fugisse, para que lutasse, ela encolhia-se, paralisada.

O homem pegou na mala e na pasta e rodou a lâmina por forma a que o Sol lançasse um raio de luz para dentro dos olhos dela. Depois agachou-se e perfurou o pneu traseiro do carro com a ponta da faca. Quando se levantou e deu um passo na direcção dela, Miranda começou a rastejar em direcção à casa.

Ela esperava que o homem a atacasse outra vez, lhe rasgasse a roupa, lhe enfiasse a faca nas costas com a mesma força desmedida que usara para furar o pneu, mas continuou a rastejar sobre a relva quebradiça.

Quando chegou aos degraus, olhou para trás murmurando sons indistintos.

E viu que estava sozinha.

A sua respiração era ofegante e sentia o ar queimar-lhe os pulmões enquanto se arrastava escada acima. Tinha de entrar, fugir dali. Trancar a porta. Antes que ele voltasse, antes que ele voltasse e a atacasse com a faca.

A mão escorregou-lhe duas vezes da maçaneta antes de ela conseguir segurá-la com firmeza. A porta estava trancada. Claro que estava trancada. Não estava ninguém em casa. Não havia ninguém para a ajudar.

Por um momento, manteve-se simplesmente encolhida, ali, do lado de fora da porta, a tremer devido ao choque e ao vento frio que vergastava a colina.

Mexe-te, ordenou a si mesma. Tens de te mexer. Pega na chave, entra e chama a polícia.

Os seus olhos moviam-se rapidamente para um lado e para o outro, como um coelho à procura de lobos, e os dentes começaram a bater. Apoiando-se na maçaneta, pôs-se de pé. As pernas ameaçavam ceder, o joelho esquerdo latejava de dor, mas Miranda atravessou rapidamente a sacada numa espécie de andar embriagado e procurou freneticamente pela mala antes de se lembrar que o homem a levava.

Balbuciu palavras, orações, maldições e súplicas enquanto abria a porta do carro e remexia desajeitadamente no porta-luvas. Quando conseguiu agarrar nas chaves de reserva, ouviu um som que a fez virar-se

subitamente e erguer os braços num gesto defensivo.

Não havia nada exceptuando o vento que circulava por entre os ramos negros e desnudados das árvores, através dos caules espinhosos das rosas trepadeiras e sobre a relva quebradiça.

Com uma respiração sibilante, avançou rapidamente para casa a coxear, enfiou atrapalhadamente a chave na fechadura e suspirou de alívio quando esta fez abrir a porta.

Entrou em casa aos tropeções, bateu com a porta e trancou-a. Quando se encostou à madeira sólida, as chaves deslizaram-lhe dos dedos e aterram no chão com um ruído musical. A sua visão enturvou e ela fechou os olhos. Tudo lhe parecia dormente: mente e corpo. Precisava de dar o passo seguinte, de agir, de fazer frente à situação, mas não conseguia lembrar-se do passo a tomar.

Tinha os ouvidos a zunir e sentiu uma forte náusea. Cerrando os dentes, deu um passo em frente e depois outro, enquanto o hall de entrada parecia inclinar-se suavemente para a direita e para a esquerda.

Estava quase a chegar à escada quando percebeu que não eram os ouvidos que estavam a zunir, mas o telefone. Mecanicamente, dirigiu-se, confusa, até à sala de estar, onde tudo era tão normal, tão familiar, e atendeu o telefone.

— Estou? — A sua voz parecia longínqua, cavernosa como uma pancada solitária num tambor de madeira. Oscilando um pouco, olhou para o padrão produzido pelos raios de Sol que entravam pelas janelas e iluminavam as grandes tábuas do soalho de pinho. — Sim. Sim, compreendo. Estarei aí. Tenho... — *O quê?* Abanando a cabeça para clarear a mente, Miranda tentou esforçadamente lembrar-se do que precisava de dizer. — Tenho algumas coisas... tenho que tratar de algumas coisas primeiro. Não, partirei assim que puder.

Depois sentiu algo efervescer dentro de si mas estava demasiado atordoadada para perceber tratar-se de histeria. — Já tenho as malas feitas — disse. E começou a rir.

Ainda estava a rir quando desligou o telefone. A rir quando se deixou cair numa cadeira. E, enquanto se enrolava numa pequena esfera defensiva, não se apercebeu que o riso dera lugar a soluços.

• • •

Tinha as mãos em volta de uma chávena de chá quente, mas não o bebia. Ela sabia que a chávena iria tremer, mas era um conforto segurá-la, sentir o calor passar do recipiente para os dedos gelados e aliviar a pele esfolada das palmas das mãos.

Miranda fora coerente – era imperativo ser-se coerente, claro, preciso e sereno quando se relatava um crime à polícia.

Assim que conseguira raciocinar novamente, fizera os telefonemas adequados, falara com os agentes que se haviam deslocado a sua casa. Mas agora que estava feito, e se encontrava sozinha outra vez, parecia não conseguir reter um único pensamento consistente por mais de dez segundos.

— Miranda! — O grito foi seguido pelo estrondo da porta da frente a fechar. Andrew entrou esbaforido e examinou horrorizado o rosto da irmã. — Jesus! — Correu ao seu encontro, agachou-se aos pés dela e começou a deslizar os longos dedos pelas suas faces pálidas. — Oh, querida...

— Estou bem. São só algumas nódoas negras. — Mas o controlo que ela conseguira reedificar estremeceu. — Fiquei mais assustada do que magoada.

Andrew viu as lágrimas nas pernas das calças dela, o sangue seco na camisola de lã. — O filho da mãe! — Os seus olhos, de um azul mais sereno do que os da irmã, escureceram subitamente de horror. — Ele...? — As suas mãos cobriram as dela e seguraram ambos na chávena de porcelana. — Ele violou-te?

— Não. Não. Não aconteceu nada disso. Roubou-me apenas a mala. Ele só queria dinheiro. Desculpa por ter pedido à polícia para te ligar. Devia tê-lo feito eu mesma.

— Não tem importância. Não te preocupes. — Apertou as mãos dela com mais força e depois libertou-as rapidamente quando ela se retraiu. — Oh, querida. — Tirou-lhe a chávena das mãos, pousou-a de lado e voltou-lhe as palmas das mãos para cima. — Desculpa. Anda, vou levar-te ao hospital.

— Não preciso de ir ao hospital. São só nódoas negras e esfoladelas. — Miranda inspirou profundamente, percebendo que era mais fácil fazê-lo agora que ele estava ao pé dela.

Ele conseguia enfurecê-la, e já a tinha desiludido. Mas durante toda a vida, o irmão fora a única pessoa que nunca a abandonara, que sempre a apoiara.

Andrew pegou na chávena de chá e entregou-a de novo à irmã. — Bebe um pouquinho — ordenou, antes de se levantar e começar a andar de um lado para o outro.

Ele tinha um rosto fino, e bastante ossudo, que ficava bem com a estatura longa e magra. Tinha as mesmas cores da irmã, embora o cabelo fosse de um ruivo mais escuro, castanho-avermelhado. Os nervos faziam-no bater com os dedos na coxa enquanto andava.

— Quem me dera ter estado aqui. Raios, Miranda! Eu devia ter estado aqui.

— Não podes estar em toda a parte, Andrew. Ninguém podia adivinhar que eu seria assaltada à porta de casa. Eu acho, e a polícia também, que ele ia provavelmente assaltar a casa e que a minha chegada o surpreendeu e lhe alterou os planos.

— Disseram-me que ele tinha uma faca.

— Sim. — Miranda levou cuidadosamente uma mão ao corte superficial que tinha na garganta. — E eu posso dizer que não ultrapassei a minha fobia de facas. Bastou um olhar e a minha mente ficou imediatamente paralisada.

O olhar de Andrew ficou pesado, mas ele falou delicadamente quando se sentou ao lado da irmã. — O que é que ele fez? Podes contar-me?

— Ele surgiu do nada. Eu estava a tirar as minhas coisas da bagageira. Ele puxou-me os cabelos e encostou a faca ao meu pescoço. Pensei que me ia matar, mas atirou-me ao chão, pegou na minha mala, na pasta, cortou os pneus do carro e foi-se embora. — Miranda conseguiu fazer um sorriso trémulo. — Não foi exactamente o regresso a casa que eu esperava.

— Eu devia ter estado aqui — disse ele outra vez.

— Pára, Andrew. — Miranda encostou-se ao irmão e fechou os olhos. — Estás aqui agora. — E parecia que isso era suficiente para a acalmar. — A mãe telefonou.

— O quê? — Andrew inclinou-se para a frente para olhar para a cara dela.

— O telefone estava a tocar quando entrei em casa. Meu Deus, ainda tenho a cabeça baralhada — queixou-se ela, esfregando a têmpora. — Amanhã tenho de ir para Florença.

— Não sejas ridícula. Acabaste de chegar a casa e estás magoada, estás abalada. Meu Deus, como é que ela te pode pedir que entres num avião depois de teres sido atacada?

— Não lhe contei. — Encolheu os ombros. — Não estava a raciocinar. De qualquer forma, a ordem foi clara. Tenho de reservar uma passagem.

— Miranda, tu vais é deitar-te.

— Oh, claro. — Sorriu novamente. — Já não falta muito.

— Eu telefono-lhe. — Andrew susteve a respiração como alguém que se depara com uma tarefa complicada. — Eu explico-lhe.

— Meu herói. — Miranda deu um beijo na bochecha do irmão. — Não, eu vou. Um banho quente, uma aspirina, e fico boa. E depois desta pequena aventura, fazia-me bem uma distração. Parece que ela tem um bronze que quer que eu analise. — Como o chá já tinha esfriado, ela pousou novamente a chávena. — Ela não me chamaria à Standjo se não fosse importante. Quer um especialista em arqueometria e com urgência.

— Ela tem arqueólogos na Standjo.

— Exactamente. — Desta vez o sorriso de Miranda foi fino e luminoso. «Standjo» significava Standford-Jones. Elizabeth garantiu que não só o seu nome mas tudo o que constava da sua agenda fosse prioritário na operação de Florença. — Por isso, se ela precisa de mim, é porque se trata de algo muito importante. Ela quer que o assunto fique em família. Elizabeth Standford-Jones, directora da Standjo, em Florença, precisa de um perito em bronzes do período renascentista italiano, e quer um com o nome Jones. Não tenciono desiludi-la.

• • •

Miranda não conseguiu passagem para a manhã seguinte e teve de se contentar com um lugar no voo da noite para Roma com um transbordo para Florença.

Quase um dia inteiro de atraso.

Teria de enfrentar o inferno.

Enquanto tentava aliviar as dores numa banheira de água quente, calculou a diferença horária e decidiu que não valia a pena telefonar à mãe. Elizabeth estaria em casa e, muito provavelmente, já a dormir.

Não posso fazer mais nada esta noite, pensou. De manhã ligaria para a Standjo. Um dia não faria assim tanta diferença, mesmo a Elizabeth.

Chamaria um táxi para a levar ao aeroporto, porque, da forma como o joelho latejava, conduzir seria problemático mesmo se conseguisse substituir rapidamente os pneus do seu carro. Ela só tinha que...

Sentou-se direita na banheira, fazendo transbordar alguma água.

O passaporte. O passaporte, a carta de condução, os cartões de identificação da companhia. O assaltante levava a pasta e a mala; levava todos os seus documentos de identificação.

— Droga — disse, enquanto esfregava as mãos sobre o rosto. Isso tornava tudo ainda melhor.

Destapou o ralo da antiga banheira com pés. Sentiu-se enfurecer, e a explosão de raiva fê-la levantar-se e pegar numa toalha antes que o joelho afectado cedesse. Contendo um grito, apoiou uma mão na parede e sentou-se na borda da banheira deixando cair a toalha dentro de água.

As lágrimas queriam brotar, de frustração, de dor, do medo repentino que a atingia novamente. Sentou-se despida e a tremer, com a respiração agitada e presa em pequenos fôlegos até os conseguir controlar.

Lágrimas não a ajudariam a recuperar os documentos, a aliviar as dores ou a chegar a Florença. Engoliu-as e espremeu a toalha. Com muito cuidado, tirou as pernas de dentro da banheira com a ajuda das mãos, uma de

cada vez. Pôs os pés no chão, com suor a escorrer-lhe da pele, e os olhos encheram-se novamente de lágrimas. Mas levantou-se, apoiando-se no lavatório, e examinou-se no espelho de corpo inteiro que estava atrás da porta.

Tinha nódoas negras nos braços. Não se lembrava de ele a ter agarrado ali, mas as marcas eram de um cinza escuro, por isso, logicamente, ele agarrara. A anca estava azul e negra e extremamente dorida. Aquele, recorreu ela, era o resultado de ter sido atirada contra o carro.

Os joelhos estavam esfolados e em carne viva; o esquerdo, vermelho e inchado. Devia ter caído mais sobre aquele e tê-lo torcido. As palmas das mãos ardiam devido ao atrito com a gravilha do caminho.

Mas foi o golpe longo e superficial na garganta que lhe pôs a cabeça a andar à roda e lhe provocou mais uma náusea. Fascinada e horrorizada, levou os dedos ao pescoço. *A poucos milímetros da jugular, pensou. A poucos milímetros da morte.*

Se ele tivesse querido matá-la, ela teria morrido.

E isso era pior do que as feridas e as dores latejantes. Um estranho tivera a sua vida nas mãos.

— Nunca mais. — Afastou-se do espelho e pegou no robe que estava pendurado na porta. — Nunca mais deixarei uma coisa destas acontecer.

Estava a gelar e embrulhou-se o mais rapidamente possível no robe. Quando tentava dar um nó no cinto, um movimento do lado de fora da janela fê-la levantar subitamente a cabeça e o coração acelerar.

Ele tinha voltado.

Ela queria fugir, esconder-se, gritar por Andrew, encolher-se atrás de uma porta trancada. E, de dentes cerrados, aproximou-se da janela e espreitou lá para fora.

Era Andrew, observou com uma estonteante sensação de alívio. Estava com o casaco xadrez de lenhador que usava para cortar lenha ou trepar as escarpas. Ele ligara os projectores e ela conseguia ver alguma coisa a brilhar-lhe na mão, algo que ele baloiçava enquanto caminhava a passos largos pelo pátio.

Intrigada, encostou o rosto à janela.

Um taco de golfe? Que raio fazia ele lá fora a marchar pelo relvado coberto de neve com um taco de golfe na mão?

Então percebeu, e sentiu-se inundar de um amor que a aliviou mais do que um analgésico.

Estava a protegê-la. As lágrimas regressaram. Uma saltou. Então ela viu-o parar e retirar algo do bolso.

E viu-o tomar um grande gole de uma garrafa.

Oh, Andrew, pensou, fechando os olhos com a desilusão. Que mal estamos.

• • •

Foi a dor que a acordou, uma dor aguda e latejante que emanava do joelho. Miranda ligou atrapalhadamente a luz e entornou os comprimidos do frasco que colocara em cima da mesa-de-cabeceira. Enquanto os engolia, percebeu que deveria ter seguido o conselho de Andrew e ter ido ao hospital, onde algum médico simpático lhe teria prescrito algumas drogas boas e potentes.

Deu uma olhadela ao mostrador luminoso do seu relógio e viu que já passava das três. Pelo menos a mistura de ibuprofeno e aspirina que tomara à meia-noite dera-lhe três horas de alívio. Mas já estava acordada, à caça da dor. Decidiu que o melhor era acabar com esta de uma vez por todas e aguentar com as consequências.

Com a diferença horária, Elizabeth deveria estar no escritório. Miranda pegou no telefone e ligou à mãe. Gemendo um pouco, apoiou as almofadas na cabeceira de ferro forjado e encostou-se nelas.

— Miranda, eu estava prestes a ligar para deixar uma mensagem no teu hotel para quando chegasses amanhã.

— Vou chegar atrasada. Vou...

— Atrasada? — A palavra foi como uma lasca de gelo, fria e cortante.

— Desculpa.

— Pensei que tinha deixado claro que este projecto é uma prioridade. Garanti ao governo que iniciáramos os testes hoje.

— Vou mandar o John Carter. Eu...

— Não mandei chamar o John Carter, mas sim a ti. Qualquer outro trabalho que tenhas pode ser delegado. Acho que também deixei isso bem claro.

— Sim, deixaste. — *Não*, pensou ela. Desta vez os comprimidos não iriam ajudar. Mas a raiva que começava a formar-se dentro dela iria certamente deixar para trás uma pequena dor. — Eu tencionava estar aí, como me mandaste.

— Então porque é que não estás?

— O meu passaporte e os outros documentos de identificação foram roubados ontem. Vou tratar de os substituir o mais rapidamente possível e marcar outro voo. Como hoje é sexta-feira, duvido que consiga ter novos documentos antes de meados da próxima semana.

Ela sabia como funcionavam as burocracias, pensou Miranda. Fora criada dentro de uma.

— Mesmo num lugar relativamente calmo como Cabo Jones, é um descuido tolo não trancar o carro.

— Os documentos não estavam no meu carro, estavam comigo. Conto-te tudo assim que forem substituídos e eu tiver marcado outro voo. Peço desculpa pelo atraso. O projecto terá toda a minha atenção assim que eu chegar. Adeus, mãe.

Deu-lhe um gosto perverso desligar antes de Elizabeth conseguir dizer mais alguma coisa.

• • •

No escritório elegante e espaçoso a cinco mil quilómetros de distância, Elizabeth olhava para o telefone com um misto de irritação e confusão.

— Algum problema?

Distraída, Elizabeth olhou para a sua antiga nora. Elise Warfield estava sentada, com um bloco de notas apoiado no joelho, os enormes olhos verdes perplexos, a boca suave e sensual ligeiramente curvada num sorriso atento.

O casamento entre Elise e Andrew não tinha funcionado, o que fora uma decepção para Elizabeth. Mas a sua relação profissional e pessoal com Elise não ficara prejudicada com o divórcio.

— Sim. A Miranda está atrasada.

— Atrasada? — Elise ergueu as sobrancelhas e estas desapareceram por debaixo da franja que tocava levemente a testa. — Isso não parece coisa da Miranda.

— Roubaram-lhe o passaporte e os outros documentos de identificação.

— Oh, isso é terrível. — Elise levantou-se. Tinha cerca de um metro e sessenta de altura e um corpo com curvas exuberantes e femininas que conseguiam parecer delicadas. Com o seu gorro liso de cabelo preto, os olhos grandes e pestanudos, pele branca e o vermelho profundo da boca, parecia uma fada eficiente e sexy. — Ela foi assaltada?

— Não sei pormenores. — Os lábios de Elizabeth cerraram-se por instantes numa linha estreita. — Ela vai tratar de os substituir e de marcar nova viagem. Pode levar alguns dias.

Elise ia começar a perguntar se Miranda tinha sido ferida, mas fechou a boca. Pelo olhar de Elizabeth, ou ela não sabia ou não era essa a sua preocupação principal. — Sei que quer começar hoje com os testes. Isso pode certamente ser conseguido. Posso trocar algum do meu trabalho e iniciá-los eu mesma.

Reflectindo, Elizabeth levantou-se e voltou-se para a janela. Conseguia sempre pensar mais claramente quando observava a vista sobre a cidade. Florença era a sua casa, tinha sido a sua casa desde a primeira vez que a

vira. Tinha nessa altura dezoito anos, era uma estudante universitária com um amor desesperado por arte e uma sede secreta por aventura.

Apaixonara-se perdidamente pela cidade, pelos seus telhados vermelhos e cúpulas majestosas, ruas sinuosas e praças movimentadas.

E apaixonara-se por um jovem escultor que a atraía de um modo encantador para a cama, lhe dera massas e lhe mostrara o seu próprio coração.

Claro que não era o homem adequado para si. Pobre e loucamente arrebatado. Os pais tinham-na enviado de volta para Boston assim que haviam tido conhecimento da relação.

E isso, obviamente, ditara o fim da mesma.

Elizabeth estremeceu, irritada por o seu pensamento ter divagado naquela direcção. Ela fizera as suas escolhas e tinham sido escolhas excelentes.

Agora era directora de uma das maiores e mais respeitadas companhias de investigação de arte no mundo. A Standjo podia ser um dos braços da organização Jones, mas era dela. O seu nome vinha em primeiro lugar, e também ela.

Ali estava emoldurada pela janela, uma mulher de cinquenta e oito anos, atraente e em plena forma. O seu cabelo era de um tom louro pálido discretamente tingido por um dos melhores cabeleireiros de Florença. O seu excelente gosto reflectia-se no fato Valentino de corte impecável, cor de beringela com botões dourados que usava. As sabrinhas de cabedal eram exactamente do mesmo tom.

A sua compleição era clara, com uma boa estrutura óssea tipo Nova Inglaterra que sobressaía sobre as poucas rugas que se atreviam a aparecer. Os olhos eram de um azul intenso e impiedosamente inteligentes. A imagem era a de uma mulher fria, moderna e profissional, de fortuna e alta posição social.

Ela nunca se teria contentado com menos.

Não, pensou, nunca se teria contentado com menos do que o melhor.

— Vamos esperar por ela — disse. E voltou-se de costas para Elise. — É a área dela, a sua especialidade. Contactarei pessoalmente o ministro e explicarei o curto atraso.

Elise sorriu. — Ninguém compreende os atrasos como os italianos.

— É verdade. Veremos esses relatórios mais tarde, Elise. Agora quero fazer este telefonema.

— A senhora é que manda.

— Pois é. Oh, o John Carter chega amanhã. Vai trabalhar na equipa da Miranda. Estás à vontade para lhe atribuir outro projecto enquanto ela

não chega. Não faz sentido ele ficar de braços cruzados.

— O John vem? Será bom revê-lo. Pode fazer-nos jeito no laboratório. Vou tratar disso.

— Obrigada, Elise.

Já sozinha, Elizabeth sentou-se novamente à secretária e examinou o cofre do outro lado do gabinete. Concentrou-se no que se encontrava lá dentro.

Miranda lideraria o projecto. Tomara essa decisão assim que vira a figura de bronze. Seria uma operação Standjo, com um Jones no comando. Fora isso que planeava, e era o que esperava.

E seria isso que aconteceria.

DOIS

Miranda estava cinco dias atrasada, por isso transpôs rapidamente as imponentes portas medievais da Standjo, em Florença, e caminhou a passos largos fazendo com que os estalidos dos seus sapatos práticos parecessem rápidos disparos sobre o chão de mármore branco reluzente.

Prendeu na lapela do casaco a identificação da empresa, que a assistente de Elizabeth lhe entregara na noite anterior, enquanto contornava uma excelente reprodução em bronze da autoria de Cellini de Perseu exibindo a cabeça cortada de Medusa.

Miranda perguntara-se muitas vezes o que simbolizaria para a mãe aquela obra de arte no átrio de entrada. Talvez vencer, com um golpe rápido, todos os inimigos.

Parou no balcão da recepção, voltou o livro de registos para si e assinou-o à pressa, verificou a hora no seu relógio e acrescentou-a.

Vestira-se com cuidado, e até estrategicamente, para aquele dia, seleccionando um fato de seda azul de estilo e corte militar. Considerava-o elegante e poderoso.

Quando se tinha um encontro com a directora de um dos maiores laboratórios de arqueometria do mundo, a aparência tinha uma importância vital. Mesmo que essa directora fosse nossa mãe.

Especialmente, pensou Miranda com um leve sorriso escarninho, se essa directora era a nossa mãe.

Premiu o botão do elevador e aguardou impientemente. Os nervos pulavam alegremente no seu estômago, faziam-lhe cócegas na garganta, zumbiam-lhe na cabeça. Mas ela não deixaria que se notassem.

Assim que entrou no elevador, abriu o pó compacto e retocou o bâton. Um único bâton podia durar um ano, por vezes mais. Ela só se preocupava com essas pequenas chatices quando não podiam ser evitadas.

Satisfeita por se ter esmerado, guardou novamente o pó compacto e passou a mão pela sofisticada trança enrolada que lhe ocupara demasiado tempo e lhe dera bastante trabalho a criar. Enfiou alguns ganchos soltos de novo no lugar no preciso momento em que as portas se abriram novamente.

Saiu para o átrio calmo e elegante do que via como um sacrário interior. A carpete cinza-pérola, as paredes cor de marfim e as antigas cadeiras de costas austeras adequavam-se à mãe, pensou ela. Encantadoras, finas e

distantes. A elegante consola onde trabalhava a recepcionista com o computador e sistema telefónico de última geração era também a cara de Elizabeth. Eficiente, rápida e topo de gama.

— *Buon giorno*. — Miranda aproximou-se da secretária e explicou em poucas palavras o que pretendia num italiano impecável. — *Sono la Dottoressa Jones. Ho un appuntamento con la Signora Stanford-Jones.*

— *Si, Dottoressa. Un momento.*

Miranda imaginou-se a mudar a posição dos pés, a ajeitar o casaco e a rolar os ombros. Por vezes, imaginar-se a contorcer-se e a mexer-se ajudava-a a manter o corpo calmo e quieto. Estava mesmo a terminar um caminhar imaginário quando a recepcionista sorriu e lhe deu permissão para entrar.

Miranda atravessou as portas de vidro duplas à sua esquerda e desceu o corredor branco e frio que conduzia ao gabinete da *signora direttrice*.

Bateu à porta. Tinha sempre que se bater em qualquer porta de Elizabeth. Ouviu imediatamente a resposta «*Entri*».

Elizabeth estava sentada à secretária, um elegante *Hepplewhite* de pau-cetim que combinava perfeitamente com o seu aspecto aristocrático de Nova Inglaterra. Emoldurada na janela atrás dela estava Florença, em todo o seu luminoso esplendor.

Olharam uma para a outra, avaliando-se rapidamente.

Elizabeth foi a primeira a falar: — Como foi a viagem?

— Sem incidentes.

— Bom.

— Pareces bem.

— E estou, bastante bem. E tu?

— Óptima. — Miranda imaginou-se a fazer um sapateado frenético em volta do gabinete perfeitamente equipado e permaneceu direita como um cadete na inspecção.

— Queres um café? Alguma coisa refrescante?

— Não, obrigada. — Miranda arqueou uma sobranceira. — Não perguntaste pelo Andrew.

Elizabeth fez sinal para que se sentasse. — Como está o teu irmão?

Miserável, pensou Miranda. *A beber de mais. Zangado, deprimido, amargo*. — Está bem. Manda cumprimentos — mentiu ela sem remorso. — Pressumo que tenhas dito à Elise que eu vinha.

— Claro. — Como Miranda não se sentara, Elizabeth levantou-se. — Todos os chefes de departamento e o pessoal habilitado estão cientes de que irás trabalhar temporariamente aqui. O Bronze de Fiesole é uma prioridade. Como é natural, terás livre acesso aos laboratórios e ao equipa-

mento, e a cooperação e assistência de quaisquer membros da equipa que escolheres.

— Falei ontem com o John. Ainda não iniciaram quaisquer testes.

— Não. Este atraso custou-nos tempo e é esperado que comeces imediatamente.

— É para isso que estou aqui.

Elizabeth inclinou a cabeça. — O que aconteceu à tua perna? Estás a coxear um pouco.

— Fui atacada, lembra-te?

— Disseste-me que tinhas sido roubada, não disseste que tinhas ficado magoada.

— Não perguntaste.

Elizabeth deixou escapar o que, vindo de qualquer outra pessoa, Miranda consideraria um suspiro. — Podias ter dito que tinhas sido ferida durante o incidente.

— Podia, mas não disse. Afinal, a prioridade era a perda dos meus documentos e o subsequente atraso. — Inclinou a cabeça, imitando o gesto de Elizabeth. — Isso ficou bem claro.

— Presumi... — Elizabeth calou-se e acenou a mão num gesto que poderia ter sido de aborrecimento ou derrota. — Porque não te sentas enquanto eu te transmito algumas informações?

Então, a discussão ia ser adiada. Miranda já esperava. Sentou-se e cruzou as pernas.

— O homem que descobriu o bronze...

— O canalizador.

— Sim. — Elizabeth sorriu pela primeira vez, um rápido curvar de lábios que era mais um reconhecimento do absurdo do que divertimento genuíno. — Carlo Rinaldi. Aparentemente, trata-se de um artista que nunca foi capaz de ganhar a vida com a sua pintura, e o sogro tem um negócio de canalização.

O rápido elevar de sobrancelha de Miranda foi demonstrativo de alguma surpresa. — A vida dele interessa?

— Apenas no que respeita à sua ligação à peça. Parece não existir nenhuma. Segundo consta, tropeçou literalmente nela. Ele alega que a encontrou escondida debaixo de um degrau partido na cave da *Villa della Donna Oscura*. E, tanto quanto foi possível averiguar, parece ser esse o caso.

— Havia alguma dúvida a respeito disso? Suspeita-se que ele possa ter inventado a história... e o bronze?

— Se havia, o ministro agora já está satisfeito com a história de Rinaldi.

Elizabeth fechou as mãos perfeitamente cuidadas sobre o rebordo da

mesa. A sua coluna Nova Inglaterra estava direita como uma régua. Inconscientemente, Miranda ajeitou-se levemente para endireitar a dela.

— O facto de ele o ter encontrado, — continuou Elizabeth — de o ter levado furtivamente da *villa* escondido na caixa de ferramentas e depois ter demorado um certo tempo até fazer chegar a informação através dos canais apropriados causou inicialmente alguma preocupação.

Perturbada, Miranda fechou as mãos para impedir que os dedos tamborilassem no joelho. Não lhe ocorreu que imitava precisamente a pose da mãe. — Quanto tempo ficou a estátua em posse dele?

— Cinco dias.

— Não houve danos? Já a examinaste?

— Sim, mas preferia não tecer comentários até a veres pessoalmente.

— Está bem. — Miranda inclinou a cabeça. — Vamos dar uma olhadela.

Em resposta, Elizabeth dirigiu-se a um armário e, ao abrir a porta, revelou um pequeno cofre de aço.

— Guarda-la aqui?

— A minha segurança é mais do que adequada. Algumas pessoas têm acesso aos cofres que estão nos laboratórios e neste caso eu preferi limitar esse acesso. E pensei que seria menos incómodo para ti fazer uma primeira observação aqui.

Com um dedo de extremidade coral, Elizabeth digitou um código, esperou e introduziu outra série de algarismos. Depois, abriu a porta reforçada e tirou do cofre uma caixa de metal. Depois de a pousar em cima da mesa, abriu a tampa e retirou de dentro um objecto envolto em veludo desbotado.

— Dataremos também o tecido e a madeira do degrau.

— Naturalmente. — Embora estivesse ansiosa por mexer na figura, Miranda levantou-se e aproximou-se lentamente quando Elizabeth pousou o objecto sobre o seu imaculado mata-borrão branco. — Não há documentos, correcto?

— Até agora, nenhum. Conheces a história da *villa*.

— Sim, claro. Foi em tempos a casa de Giulietta Buonadoni, uma amante de Lourenço, o Magnífico, conhecida por Dama Negra. Depois da morte dele, pensa-se que ela se terá tornado companheira de outros Médicis. Em qualquer altura, qualquer ilustre da Renascença do interior ou arredores de Florença era bem-vindo à sua casa.

— Então, entendes as possibilidades.

— Não trabalho com possibilidades — disse Miranda secamente.

— Exactamente. É por isso que estás aqui.

Cuidadosamente, Miranda roçou um dedo sobre o veludo esfarrapado. — É?

— Eu queria o melhor, e estou em posição de aceder ao que quero. Também exijo discrição. Se houver fuga de informação sobre esta descoberta, a especulação será feroz. Isso é algo que a Standjo não pode nem irá arriscar. O governo não quer publicidade, nem qualquer especulação pública até o bronze estar datado e os testes estarem concluídos.

— Provavelmente o canalizador já contou tudo aos seus companheiros de bebida.

— Eu não pensaria assim. — Uma vez mais, Elizabeth esboçou um pequeno sorriso. — Ele tirou o bronze de dentro de um edifício do governo. Neste momento, está bastante ciente de que se não fizer exactamente o que lhe dizem, pode ir parar à prisão.

— O medo é muitas vezes uma mordaza eficaz.

— Sim. Mas isso não nos diz respeito. Estamos incumbidos de analisar o bronze e de fornecer ao governo todas as informações que a ciência pode oferecer. Precisamos de uma visão objectiva, alguém que acredite em factos e não em romance.

— Em ciência não existe lugar para o romance — murmurou Miranda, desembrulhando cuidadosamente o veludo.

O seu coração deu um salto quando viu a estátua. O olhar perito e experiente reconheceu imediatamente o brilhantismo da obra, a sua magnificência. Mas depois franziu o sobrolho, enterrando instintivamente a admiração por debaixo do cepticismo.

— Está maravilhosamente concebida e executada. Certamente o estilo corresponde ao período da Renascença. — Tirou os ósculos de dentro do estojo que tinha no bolso e colocou-os antes de levantar a estatueta. Avaliou o peso, rodando-a lentamente.

As proporções eram perfeitas, a sensualidade do objecto era óbvia. Os mais pequenos detalhes – unhas dos pés, cada fio de cabelo, a definição dos músculos das barrigas das pernas – estavam esplendidamente representados.

Ela era gloriosa, livre, maravilhosamente ciente do seu poder. O corpo alongado e rico em curvas estava arqueado para trás, os braços erguidos, não em prece ou em súplica, reparou Miranda. Em triunfo. O rosto não era delicado, mas espantoso, os olhos semicerrados de prazer, a boca curvada num sorriso malicioso desfrutando esse prazer.

Estava equilibrada na ponta dos pés, como uma mulher prestes a saltar para dentro de uma piscina quente e perfumada. Ou para os braços de um amante.

Estava desavergonhadamente sexual, e por um momento desconcer-

tante, Miranda pensou conseguir sentir o seu calor. Como a vida.

A pátina indicava idade, mas ela sabia que coisas desse tipo eram enganadoras. A pátina podia ser criada. O estilo do artista era inconfundível. Mas os estilos podiam ser imitados.

— É a Dama Negra — disse ela. — Giuletta Buonadoni. Não tenho qualquer dúvida. Já vi muitas vezes este rosto em quadros e esculturas do período. Mas não sabia da existência deste bronze. Vou fazer alguma pesquisa, mas duvido que me tivesse passado despercebido.

Elizabeth examinou o rosto de Miranda em vez do da estatueta. Ela vira aquele brilho de entusiasmo e alegria nos seus olhos, que fora rapidamente controlado. Exactamente como ela esperara que acontecesse.

— Mas concordas que se trata de um bronze de estilo renascentista.

— Sim. Por isso, dificilmente se tratará de uma peça perdida do século quinze. — Os olhos de Miranda semicerravam à medida que voltava lentamente o bronze nas suas mãos. — Qualquer estudante de arte com bom olho já esboçou e copiou o seu rosto. Eu própria já o fiz. — Raspou um pouco da pátina azul-esverdeada com a unha do polegar. A corrosão superficial era visivelmente espessa, mas ela precisava de mais, muito mais.

— Vou começar agora mesmo.

• • •

A música de Vivaldi enchia com suavidade o laboratório. As paredes eram de um pálido verde hospitalar, o chão de linóleo branco. Todas as bancadas estavam impecavelmente arrumadas, equipadas com microscópios, computadores, frascos ou sacos de amostras. Não havia objectos pessoais, molduras bonitas com retratos de família, mascotes ou objectos de recordação.

Os homens usavam gravata, as mulheres usavam saia, e, sobre a roupa, as batas brancas com o logótipo da Standjo cosido a preto no bolso do peito.

As conversas eram mínimas e em surdina, e o equipamento zunia como relógios bem oleados.

A casa no Maine onde Miranda crescera apresentara precisamente a mesma atmosfera. Fora um lar frio, mas um eficaz local de trabalho, pensou Miranda enquanto examinava a área.

— Já há algum tempo que não vinhas cá — começou Elizabeth. — Mas a Elise refrescar-te-á a memória quanto ao funcionamento. Terás livre acesso a todas as áreas, claro. Tenho o teu cartão de segurança e os teus códigos.

— Excelente. — Miranda pôs um sorriso educado no rosto quando Elise se afastou de um microscópio e começou a caminhar em sua direção.

— Miranda, bem-vinda a Florença. — A voz de Elise era suave e não propriamente rouca, mas prometia sê-lo se ela fosse convenientemente provocada.

— É bom estar de volta. Como estás?

— Bem. Ocupada. — Abriu um largo sorriso e pegou na mão de Miranda. — Como está o Drew?

— Não muito bem... mas ocupado. — Miranda ergueu uma sobrancelha quando Elise lhe apertou a mão.

— Lamento.

— Não tenho nada a ver com o assunto.

— Ainda assim, lamento. — Libertou a mão de Miranda e voltou-se para Elizabeth. — É a Elizabeth que lhe vai mostrar as instalações, ou sou eu?

— Não preciso de uma visita guiada — disse Miranda antes que a mãe pudesse falar. — Preciso de uma bata, de um microscópio e de um computador. Vou querer tirar fotografias e raios X, claro.

— Aqui estás tu. — John Carter aproximou-se a passos largos. O chefe de laboratório de Miranda tinha um aspecto cativamente desganhado no meio de um estilo e eficiência implacáveis. A sua gravata com estúpidas vacas sorridentes já estava de esguelha. Prendera o bolso da bata em qualquer lado e este encontrava-se pendurado por algumas linhas. Tinha uma marca no queixo no sítio onde se cortara durante o barbear, um pedaço de lápis do tamanho de um polegar atrás da orelha e manchas nas lentes dos óculos.

Ele fazia Miranda sentir-se confortavelmente em casa.

— Tudo bem? — Deu-lhe umas pancadinhas no braço e depois acrescentou: — Como está o joelho? O Andrew disse-me que o tipo que te assaltou te atirou ao chão.

— Atirou-te ao chão? — Elise olhou-a rapidamente de cima a baixo. — Não sabíamos que tinhas ficado magoada.

— Só abalada. Não teve importância. Estou bem.

— Ele apontou-lhe uma faca à garganta — anunciou Carter.

— Uma faca. — Elise encostou uma mão à própria garganta. — Isso é horrível. É...

— Não teve importância — disse novamente Miranda. — Ele só queria dinheiro. — Virou-se e olhou a mãe nos olhos. — E eu acho que ele já nos fez perder muito tempo precioso.

Por um momento, Elizabeth não disse nada. Havia desafio no olhar

de Miranda e ela decidiu que o tempo para a solidariedade já se tinha esgotado.

— Então deixarei a Elise instalar-te. Os teus cartões de identificação e segurança estão aqui. — Entregou um envelope a Miranda. — A Elise deverá saber responder a todas as tuas dúvidas ou necessidades. Ou então podes contactar-me. — Olhou para o elegante relógio que tinha no pulso. — Tenho outra reunião daqui a pouco, por isso vou deixar-te começar. Espero ter um relatório preliminar até ao final do dia.

— Terás — murmurou Miranda quando a mãe se afastou.

— Ela não perde tempo. — Elise fez mais um sorriso. — Lamento imenso que tenhas passado por tamanha dificuldade, mas o trabalho aqui deverá ajudar-te a espaiar a cabeça. Tenho um gabinete preparado para ti. O Bronze de Fiesole é prioridade máxima. Estás autorizada a formar a tua equipa com quaisquer elementos do pessoal de segurança máxima.

— Miranda! — Havia uma abundância de prazer na palavra, que foi proferida com os tons carregados e exóticos de Itália. Miranda sorriu mesmo antes de se voltar e de as suas mãos serem agarradas e sumptuosamente beijadas.

— Giovanni. Tu não mudas. — De facto, o químico era tão escandalosamente atraente como Miranda se recordava. Moreno e elegante, com olhos como chocolate derretido e um sorriso que irradiava charme. Era cerca de dois centímetros mais baixo do que ela, mas ainda assim conseguia fazê-la sentir-se feminina e minúscula. Usava o lustroso cabelo negro num rabo-de-cavalo – um capricho que Elizabeth só permitia porque, além de ser alguém agradável à vista, Giovanni Beredonno era um génio.

— Mas tu mudas, *bella donna*. Estás ainda mais encantadora. Mas que história é essa de teres sido agredida?

— Não é nada, apenas uma lembrança.

— Queres que vá rachar alguém ao meio? — Beijou-a docemente numa face e depois na outra.

— Podemos não voltar a falar do assunto?

— Giovanni, a Miranda tem trabalho para fazer.

— Sim, sim. — Sacudiu as palavras duras e reprovadoras de Elise com um gesto de desdém: outro motivo para Miranda sorrir. — Eu sei. Um grande projecto, muito secreto. — Agitou rapidamente as suas sobrancelhas expressivas. — Quando a *direttrice* manda chamar um perito que vive na América, não é coisa pequena. Então, *bellissima*, posso ser-te útil?

— És o primeiro da minha lista.

Giovanni enfiou a mão dela no braço, ignorando a expressão contrariada de Elise. — Quando começamos?

— Hoje — disse Miranda enquanto Elise apontava em direcção a

uma porta. — Quero imediatamente testes feitos às camadas de corrosão e ao metal.

— Acho que o Richard Hawthorne te poderia ser muito útil. — Elise bateu no ombro de um homem debruçado sobre o teclado de um computador.

— Dr. Hawthorne. — Miranda observou o homem calvo pestanejar como uma coruja através dos óculos e depois tirá-los desajeitadamente. Havia nele algo de familiar e ela tentou recordar-se de onde o conhecia.

— Dra. Jones. — Fez-lhe um sorriso tímido que tornava o seu rosto mais atraente. O queixo era curto, os olhos de um azul pálido, mas o sorriso era tão doce quanto o de um menino. — É bom vê-la de novo. Estamos felizes por tê-la aqui. Li o seu artigo sobre o humanismo florentino. É deveras brilhante.

— Obrigada. — Oh, sim, ela recordava-se. Ele fizera um trabalho no Instituto alguns anos antes. Depois de um momento de hesitação, que ela sabia só ter acontecido porque fora Elise a recomendar o sujeito, cedeu. — Elise preparou-me um gabinete. Quer juntar-se a nós por um momento? Gostaria de lhe mostrar o que tenho.

— Seria um prazer. — Mexeu novamente nos óculos e gravou o trabalho.

— Não é um espaço muito grande — começou Elise enquanto apressava Miranda a entrar. — Equipei-o com o que achei que irias precisar. Claro que podes pedir tudo o que quiseres.

Miranda deu uma rápida vista de olhos. A mesa do computador parecia bem equipada e em ordem. Numa grande bancada branca havia microscópios, lamelas e as pequenas ferramentas manuais do seu ofício. Um gravador tinha sido providenciado para registar notas. Não havia janela, apenas uma porta, e com os quatro lá dentro, quase não havia espaço para se virarem.

Mas havia uma cadeira, um telefone, e os lápis estavam afiados. Serviria muito bem, pensou ela.

Pousou a pasta na bancada e depois a caixa de metal. Com todo o cuidado, removeu o bronze embrulhado. — Gostaria de saber a sua opinião, Dr. Hawthorne. Baseada apenas num exame visual da peça.

— Claro, com todo o prazer.

— O projecto tem sido o principal tópico de conversa por estes lados nos últimos dois dias — intrometeu-se Giovanni quando Miranda começou a desembulhar o veludo. — Ah... — Soltou um suspiro quando ela pousou o bronze descoberto sobre a bancada. — *Bella, molto bella.*

— Uma obra excelentemente executada. — Richard ajeitou os óculos

e semicerrou os olhos. — Simples. Fluida. Forma e pormenores maravilhosos. Perspectiva.

— Sensual — disse Giovanni, inclinando-se para ver mais de perto. — A arrogância e o fascínio da fêmea.

Miranda ergueu uma sobranceira a Giovanni antes de devolver a sua atenção a Richard. — Reconhece-la?

— É a *Dama Negra* dos Médicis.

— Também acho. E o estilo?

— Renascença, sem qualquer dúvida. — Richard esticou um dedo para acariciar a face esquerda da figura. — Não diria que a modelo foi utilizada para representar uma figura mítica ou religiosa, mas a si própria.

— Sim, a dama enquanto dama — concordou Miranda. — O artista retratou-a, penso eu, como ela era. Do ponto de vista de um artista, diria que ele a conhecia pessoalmente. Precisarei de fazer uma pesquisa documental. A sua ajuda seria muito preciosa.

— Terei muito gosto em ajudar. Se esta peça puder ser autenticada como uma grande obra do período renascentista, será uma grande jogada para a Standjo. E também para si, Dra. Jones.

Ela já pensara nisso. De facto, pensara precisamente nisso. Mas sorriu friamente. — Não ponho o carro à frente dos bois. Se ela passou algum tempo no ambiente em que foi encontrada, como parece ter acontecido, o crescimento da corrosão terá sido afectado. Quero os resultados disso, claro, — acrescentou ela a Giovanni, — mas não posso depender deles para uma verdadeira exactidão.

— Poderá recorrer a comparações relativas, à termoluminescência.

— Sim. — Sorriu novamente para Richard. — Também testaremos o tecido e a madeira do degrau da escada. Mas a documentação tornará tudo mais conclusivo.

Miranda encostou uma anca ao canto da pequena mesa de carvalho. — A peça foi encontrada na cave da *Villa della Donna Oscura*, escondida sob o degrau inferior das escadas. Providenciarei um relatório para os três sobre os pormenores conhecidos até agora. Apenas para vocês três e o Vincente — acrescentou. — A segurança é uma das principais preocupações da directora. Quem quer que solicitem para vos ajudar tem de ter autorização específica para isso, e as informações têm de ser muito bem guardadas até termos completado todos os testes.

— Então, por agora ela é nossa — disse Giovanni piscando um olho.

— É minha — corrigiu Miranda com um sorriso lento e sério. — Preciso de todas as informações sobre a própria *villa* e sobre a mulher. Quero conhecê-la.

Richard acenou afirmativamente com a cabeça. — Vou começar agora mesmo.

Miranda voltou-se para o bronze. — Vamos ver do que ela é feita — murmurou.

• • •

Algumas horas depois, Miranda rolou os ombros e ajeitou-se na cadeira. O bronze estava à sua frente, sorrindo maliciosamente. Não havia sinais de latão ou bronze silicioso, nem de platina, nenhum dos metais ou materiais que não eram usados na Renascença, na amostra de pátina e metal que ela extraía. O bronze tinha uma parte central de argila, tal como uma peça daquele período deveria ter. O teste anterior aos níveis de corrosão indicava finais do século quinze.

Não te precipites, ordenou a si mesma. Os testes preliminares não eram suficientes. Até então ela estava a trabalhar no negativo. Não havia nada fora do lugar, nenhuma liga metálica que não pertencesse, nenhum sinal de trabalho manual que não correspondesse àquele período no seu exame visual, mas ela tinha ainda de determinar o positivo.

Seria a dama verdadeira ou falsa?

Fez uma pausa para tomar um café e comer algumas bolachas e queijo que Elise providenciara em vez de almoço. O *jet lag* era ameaçador, e ela recusou-se a reconhecê-lo. O café forte, escuro e potente, como só os italianos conseguiam fazer, percorreu-lhe o corpo encobrindo o cansaço com uma máscara de cafeína. Ela acabaria por não aguentar, mas não ainda.

Colocou as mãos sobre o teclado e começou a escrever o relatório preliminar para a mãe. Era tão rigoroso e seco como a tia de uma donzela, até então desprovido de especulação e com muito pouca personalidade. Ela poderia ter pensado no bronze como um puzzle, um mistério a ser resolvido, mas nenhum desse romantismo foi transposto para o relatório.

Enviou o relatório por *e-mail*, gravou-o no disco rígido protegido com a sua palavra-passe, e depois levou o bronze consigo para o último teste do dia.

A técnica sabia pouco de Inglês e tinha demasiada veneração pela filha da *diretrice* para Miranda se sentir à vontade. Miranda inventou uma tarefa e mandou-a buscar mais café. Sozinha, começou o processo da termoluminescência.

A radiação ionizante captaria os electrões em estados energéticos mais elevados no núcleo de argila do bronze. Quando aquecidos, os cristais na argila emitiriam explosões de luz. Miranda preparou o equipamento, tomando notas rápidas de cada passo e resultado num caderno de apon-

tamentos. Registou a medida dessas explosões, acrescentando-as às suas notas e também como *backup*. Aumentou a radiação, aqueceu de novo a argila, para medir o quão susceptível esta era à captação de electrões. Essas medições foram cuidadosamente registadas.

O passo seguinte foi testar os níveis de radiação do local onde tinha sido descoberta a peça. Miranda testou tanto as amostras de terra como as de madeira.

Depois era apenas uma questão de matemática. Embora o teste não fosse infalível, era mais um a acrescentar aos restantes.

Finais do século quinze. Ela não tinha dúvidas quanto a isso.

Savonarola pregara contra a luxúria e a arte pagã durante aquele período, reflectiu Miranda. A obra era um glorioso pontapé no traseiro daquela mentalidade tacanha. Os Médicis tinham o controlo de Florença, com o incompetente Pedro, o Desafortunado, no comando durante um curto período antes de ser expulso da cidade pelo rei Carlos VIII de França.

A Renascença afastava-se da sua glória inicial quando o arquitecto Brunelleschi, escultor de Donatello, e o pintor Masaccio revolucionaram a concepção e as funções da arte.

A partir daí, a geração seguinte e o início do século dezasseis: Leonardo, Miguel Ângelo, Rafael, não-conformistas à procura de originalidade pura.

Ela conhecia o artista. Sentia no seu âmago. Não havia nada que ele tivesse criado que ela não tivesse estudado tão intensa e completamente como uma mulher estuda o rosto do seu amado.

Mas o laboratório não era lugar para sentimentos ou para instintos, lembrou a si mesma. Repetiria todos os testes. E uma terceira vez. Compararia a fórmula conhecida para os bronzes daquela época e verificaria e reverificaria todos os ingredientes e ligas metálicas na estatueta. Perseguiria Richard Hawthorne para conseguir a documentação.

E encontraria as respostas.

TRÊS

O nascer do Sol sobre os telhados e abóbadas de Florença era um momento magnífico. Era arte e glória. A mesma luz delicada espalhara-se sobre a cidade quando homens haviam concebido e construído as grandes cúpulas e torres, as haviam revestido com mármore extraído dos montes e decorado com as imagens de santos e deuses.

As estrelas extinguíam-se à medida que o céu passava de veludo negro para cinzento-pérola. As silhuetas dos pinheiros longos e esguios, que salpicavam as encostas toscanas, desvaneciam-se à medida que a luminosidade hesitante dava lugar e ganhava força.

A cidade estava tranquila, como tão raramente acontecia, enquanto o Sol subia devagar salpicando o ar com tons de ouro. As portas metálicas do quiosque de revistas rangiam enquanto o proprietário bocejava e se preparava para o dia de trabalho. Apenas algumas luzes eram visíveis nas muitas janelas da cidade. Uma dessas era a de Miranda.

Vestindo-se rapidamente, virou a cara ao espantoso quadro que se pintava silenciosamente do lado de fora do quarto do hotel. Os seus pensamentos estavam voltados para o trabalho.

Que progressos faria naquele dia? Quanto se aproximaria das respostas? Ela lidava com factos e cingir-se-ia aos factos, independentemente de quão tentador fosse saltar para o nível seguinte. Nem sempre se podia confiar nos instintos. Na ciência, sim.

Apanhou o cabelo e calçou sapatos de salto raso que combinavam com o simples fato azul-marinho.

Chegar cedo garantir-lhe-ia algumas horas de trabalho solitário. Embora gostasse de ter peritos à sua disposição, a *Dama Negra* já se tinha tornado sua. Tencionava participar em todos os passos do projecto.

Apresentou o cartão de identificação ao guarda de olhos pesados que se encontrava à entrada. Este largou relutantemente o café e os bolinhos de pequeno-almoço e olhou contrariado para o cartão, para o rosto dela e de novo para o cartão. Pareceu suspirar enquanto destrancava a porta.

— Chegou muito cedo, *Dottoressa* Jones.

— Tenho trabalho a fazer.

Tanto quanto o guarda sabia, os americanos pensavam em pouco mais do que trabalho. — Tem de assinar o livro de registo.

— Claro. — Ao aproximar-se do balcão, o cheiro do café entranhou-

-se-lhe na garganta. Miranda fez o que pôde para não se babar enquanto rabiscava o nome e anotava a hora de chegada no livro.

— *Grazie*.

— *Prego* — murmurou ela, dirigindo-se em seguida para o elevador. Primeiro faria um café, pensou. Não esperava ficar alerta antes de tomar pelo menos uma chávena.

Utilizou o cartão de acesso para aceder ao piso correcto e introduziu o seu código assim que chegou ao posto de segurança do lado de fora do laboratório. Quando premiu os interruptores, acendeu-se uma série de luzes fluorescentes. Uma rápida vista de olhos permitiu-lhe verificar que estava tudo no lugar, que o trabalho em curso fora ordenadamente guardado no final do dia de trabalho.

A mãe não admitiria outra coisa, pensou. Não toleraria menos do que eficiência pura nos seus empregados. E nos filhos. Miranda encolheu os ombros como que para expulsar o ressentimento.

Em pouco tempo tinha o café a ferver, o computador ligado e transcrevia as suas anotações da noite anterior para o disco rígido.

Se gemesse com o primeiro gole de café quente e forte, não haveria ninguém para a ouvir. Se se recostasse na cadeira, de olhos fechados, a sorrir sonhadora, não estaria lá ninguém para ver. Durante cinco minutos, permitiu-se entregar a um dos pequenos prazeres da vida. Descalçou os sapatos e o seu rosto suavizou. Só lhe faltava ronronar.

Se o guarda a visse naquele momento, teria aprovado completamente.

Depois levantou-se, serviu uma segunda chávena, pôs a bata e começou a trabalhar.

Primeiro voltou a testar a terra do local, medindo a radiação e anotando os valores. Testou uma vez mais a argila que fora cuidadosamente extraída. Colocou uma amostra de cada numa lamela e depois preparou uma terceira com as aparas de bronze e pátina e observou cada uma ao microscópio.

Estava a olhar para o ecrã do computador quando o pessoal começou a chegar. Giovanni aproximou-se com uma chávena de café acabado de fazer e um pãozinho levemente açucarado.

— Diz-me o que vês — pediu ela, continuando a estudar as cores e formas no ecrã.

— Vejo uma mulher que não sabe como relaxar. — Pousou as mãos nos ombros dela e massajou-os suavemente. — Miranda, já aqui estás há uma semana e não tiveste uma hora de descanso.

— A imagem, Giovanni.

— Ah. — Massajando-lhe ainda os ombros, baixou-se de modo

a que as suas cabeças se aproximassem. — O processo de deterioração primário, corrosão. Aquela linha branca indica a superfície original do bronze, *no?*

— Sim.

— A corrosão na superfície é grande e cresce para baixo, para dentro do metal, o que seria típico de um bronze de quatrocentos anos.

— Precisamos de determinar a taxa de crescimento.

— Nunca é fácil — disse ele. — E a estatueta estava numa cave húmida. A corrosão cresce rapidamente num local desses.

— Vou ter isso em consideração. — Tirou os óculos para massajar a cana do nariz. — A temperatura e a humidade. Podemos calcular ali uma média. Nunca ouvi falar em níveis de corrosão deste tipo serem falseados. Estão lá, Giovanni, dentro da estátua.

— O tecido não tem mais de cem anos de idade. Menos uma ou duas décadas, penso eu.

— Cem? — Irritada, Miranda voltou-se para olhar para ele. — Tens a certeza?

— Sim. Farás os teus próprios testes, mas verás que estou certo. Entre oitenta a cem anos. Não mais.

Ela voltou-se de novo para o computador. Os seus olhos viam o que viam, o cérebro sabia o que sabia. — Está bem. Então devemos pensar que o bronze esteve embrulhado naquele tecido e escondido naquela cave entre oitenta a cem anos. Mas todos os testes indicam que a peça é muito mais antiga.

— Talvez. Toma, come alguma coisa.

Ela aceitou distraidamente o pãozinho e deu uma dentada. — Oitenta anos... o início do século. Primeira Guerra Mundial. Os objectos de valor são frequentemente escondidos em tempo de guerra.

— Verdade.

— Mas onde estaria antes disso? Porque é que nunca ouvimos falar da sua existência? Porque estava escondida — murmurou ela. — Foi escondida quando Pedro de Médici foi expulso da cidade. Talvez durante as Guerras Italianas. Escondida, sim, isso seria aceitável. Mas esquecida? — Insatisfeita, abanou a cabeça. — Isto não é trabalho de um amador, Giovanni. — Mandou imprimir a imagem. — É a obra de um mestre. Tem de haver alguma documentação algures. Preciso de saber mais sobre a *villa*, e mais sobre a mulher. A quem deixou ela os seus bens? Quem viveu na *villa* imediatamente a seguir à sua morte? Tinha filhos?

— Eu sou um químico — disse ele com um sorriso. — Não um historiador. Para isso precisas do Richard.

— Ele já chegou?

— Ele é sempre pontual. Espera. — Riu um pouco, dando-lhe o braço antes que ela se pudesse afastar. — Janta comigo esta noite.

— Giovanni. — Apertou afectuosamente a mão dele e depois largou-a. — Aprecio o facto de estares preocupado comigo, mas eu estou bem. Estou demasiado ocupada para ir jantar fora.

— Andas a trabalhar de mais e a não cuidar de ti. Sou teu amigo, por isso, preocupo-me.

— Prometo que peço uma refeição enorme enquanto estiver hoje à noite a trabalhar no quarto do hotel.

Deu-lhe um beijo no rosto no momento em que a porta se abriu. Elise ergueu uma sobrancelha e contraiu os lábios num sinal reprovador.

— Peço desculpa por interromper. Miranda, a directora gostaria que fosses ao seu gabinete às quatro e meia para falarem sobre o teu progresso.

— Claro. Elise, sabes se o Richard tem um momento para mim?

— Estamos todos à tua disposição.

— Era exactamente isso que eu lhe estava a dizer. — Obviamente imune ao gelo, Giovanni sorriu e saiu do laboratório.

— Miranda. — Após uma breve hesitação, Elise entrou e fechou a porta. — Espero que não te ofendas, mas acho que te devia avisar que o Giovanni...

Divertida com o desconforto de Elise, Miranda apenas sorriu suavemente. — O Giovanni?

— Ele é excelente no trabalho que faz, um elemento valioso para a Standjo. Mas a nível pessoal, é um mulherengo.

— Eu não diria isso. — De cabeça inclinada, Miranda colocou os óculos, puxando-os para baixo para olhar por cima da armação. — Um mulherengo usa. O Giovanni dá.

— Isso pode ser verdade, mas o facto é que ele se faz a todas as coisas.

— Incluindo a ti?

As sobrancelhas bem delineadas de Elise aproximaram-se. — De vez em quando. E eu consigo tolerar isso como parte da sua personalidade. Ainda assim, o laboratório não é lugar para namoricos e beijos roubados.

— Meu Deus, pareces a minha mãe. — E nada poderia ter irritado mais Miranda. — Mas terei isso em mente, Elise, da próxima vez que o Giovanni e eu considerarmos fazer sexo selvagem no laboratório de química.

— Ofendi-te. — Elise suspirou e levantou as mãos num gesto de impotência. — Eu só queria... É que ele consegue ser tão encantador. Eu própria quase caí na armadilha quando fui transferida para cá. Estava a sentir-me tão em baixo, tão infeliz.

— Estavas?

O gelo no tom de voz de Miranda fez Elise endireitar os ombros estreitos. — Divorciar-me do teu irmão não me pôs a dar pulos de alegria, Miranda. Foi uma decisão dolorosa e difícil, e só posso esperar que tenha sido a certa. Eu amava o Drew, mas ele... — Não consegui continuar e abanou furiosamente a cabeça. — Só posso dizer que não era o suficiente para nenhum de nós.

O brilho de humidade nos olhos de Elise despertou em Miranda um sentimento de culpa. — Desculpa — murmurou ela. — Tudo aconteceu tão rapidamente. Eu não pensei que te tivesse custado.

— Mas custou. Ainda custa. — Suspirou e afastou as lágrimas ameaçadoras. — Quem me dera que tivesse sido diferente, mas o facto é que não foi e não é diferente. Tenho de viver a minha vida.

— Sim, tens. — Miranda encolheu os ombros. — O Andrew tem andado tão infeliz, e foi mais fácil para mim culpar-te. Não acho que o fim de um casamento seja culpa apenas de uma pessoa.

— Eu acho que nenhum de nós tinha muito jeito para o casamento. Pareceu-me mais honesto e até menos doloroso acabar com tudo do que continuar a fingir.

— Como com os meus pais?

Elise esbugalhou os olhos. — Oh, Miranda. Eu não queria...

— Não faz mal. Concordo contigo. Os meus pais não vivem sob o mesmo tecto há mais de vinte e cinco anos, mas nenhum dos dois se dá ao trabalho de acabar com o casamento. O Andrew pode estar magoado, mas, considerando bem as coisas, prefiro a tua maneira.

Era, admitiu ela, o caminho que ela própria teria tomado – se alguma vez caísse na asneira de casar. O divórcio era uma alternativa mais humana à pálida ilusão do casamento.

— Deverei desculpar-me por todos os maus pensamentos que tive acerca de ti no último ano?

Elise esboçou um sorriso. — Não é necessário. Compreendo a tua lealdade para com o Drew. Admiro-a e sempre admirei. Sei o quão chegados vocês são.

— Unidos, amparamo-nos. Separados, temos de ir a correr para o psicólogo.

— Nós nunca conseguimos realmente ser amigas. Fomos colegas, depois parentes, mas nunca nos tornámos amigas apesar de tudo o que temos em comum. Talvez não o consigamos, mas gostaria de pensar que poderíamos ao menos ser amistosas.

— Não tenho muitos amigos. — *Demasiado risco de intimidade*, pensou Miranda com uma ponta de desprezo. — Seria tolo da minha parte recusar a oferta de uma.

Elise abriu novamente a porta. — Eu também não tenho muitos amigos — disse calmamente. — É bom ter-te a ti.

Tocada, Miranda ficou a vê-la sair e depois pegou nas folhas impressas e nas amostras para as guardar no cofre.

Interrompeu Carter por uns instantes para lhe pedir que verificasse todas as fontes quanto a fórmulas de bronze da era em questão, embora ela própria já o tivesse feito e o fosse fazer novamente.

Encontrou Richard quase enterrado em páginas impressas e livros. Só faltava roçar o nariz pelas folhas como um cão de caça a farejar um odor.

— Encontrou alguma coisa interessante? — Perguntou-lhe Miranda.

— Hã? — Richard pestanejou mas não olhou para cima. — A *villa* foi concluída em 1489. Lourenço de Médici contratou o arquitecto, mas a escritura estava em nome de Giulietta Buonadoni.

— Ela era uma mulher poderosa. — Miranda puxou uma cadeira. — Não seria usual uma amante possuir uma propriedade tão valiosa. Ela fez um óptimo negócio.

— Mulheres de grande beleza têm um grande poder — murmurou ele por entre dentes. — As inteligentes sabem como o utilizar. A História indica que ela era inteligente.

Intrigada, Miranda retirou uma fotografia do bronze da sua pasta. — Podemos ver no seu rosto que era uma mulher que sabia o seu valor. Que mais pode dizer-me sobre ela?

— O seu nome surge de vez em quando. Mas não há muito detalhe. Por exemplo, a genealogia perdeu-se com o passar do tempo. Não consigo encontrar nada. As primeiras menções que encontrei até agora datam de 1487. Tudo indica que ela era da família dos Médicis, potencialmente uma jovem prima de Clarice Orsini.

— Então, admitindo isso, Lourenço terá escolhido por amante a prima da mulher. Mantendo tudo em família — disse ela com um sorriso. Richard acenou sobriamente com a cabeça.

— Isso explicaria como ela lhe despertou a atenção. Embora outra fonte indique que ela poderá ter sido a filha ilegítima de um dos membros da Academia Neoplatónica de Lourenço. Esse facto também a teria colocado na sua linha de visão. Independentemente da forma como se tenham conhecido, ele mudou-a para a *villa* em 1489. Segundo consta, ela era tão dedicada às artes quanto ele e usava o seu poder e influência para reunir as celebridades da época sob o seu tecto. Faleceu em 1530, durante o cerco de Florença.

— Interessante. — Mais uma vez, uma altura em que poderiam ter

sido escondidos objectos de valor. Reclinando-se, Miranda oscilou os óculos pela hastes. — Então morreu antes de haver certeza de que os Médicis permaneceriam no poder.

— Assim parece.

— Filhos?

— Não encontrei nada a esse respeito.

— Dê-me alguns desses livros — decidiu ela. — Ajudo-o a consultá-los.

• • •

Vincente Morelli era a coisa mais próxima de tio que Miranda podia reivindicar. Conhecera os seus pais antes de ela nascer, e durante vários anos fora ele quem tratara da publicidade, das promoções e dos eventos para o Instituto no Maine.

Quando a sua primeira mulher adoecera, ele regressara com ela para Florença e enterrara-a lá havia já doze anos. Chorara a morte dela durante três anos e depois, para espanto geral, casara subitamente com uma actriz quase desconhecida. O facto de Gina ser dois anos mais nova do que a sua filha mais velha causara alguma consternação na família e alguns sorrisos afectados entre os seus sócios.

Vincente era redondo como um barril, com um peito à Pavarotti e pernas como troncos de árvore, enquanto que a esposa se parecia com uma jovem Sofia Loren, exuberante, sensual e deslumbrante. Raramente era vista sem algumas peças de ouro italiano e gemas cintilantes em volta do pescoço e do pulso ou nas orelhas.

Eram ambos ruidosamente alegres e ocasionalmente rudes. Miranda gostava muito de ambos, mas perguntava-se muitas vezes como um casal tão extrovertido conseguia manter um relacionamento tão próximo da sua mãe.

— Enviei cópias dos relatórios para cima — disse Miranda a Vincente enquanto ele preenchia o pequeno gabinete com a sua corpulência e personalidade. — Pensei que quisesses ver a evolução dos trabalhos, e assim, quando chegasse a hora de fazer um comunicado à imprensa, já terias conseguido extrapolar dados para a declaração.

— Sim, sim. Os factos são relativamente simples de relatar, mas diz-me o que achas, *cara*. Dá-me algumas luzes.

— Eu acho que ainda temos trabalho a fazer.

— Miranda — disse ele devagar, com um sorriso persuasivo, enquanto se recostava na cadeira que rangia alarmantemente devido ao seu peso. — A tua bela mãe atou-me as mãos até estar tudo verificado. Por isso, quan-

do eu puder levar esta história à imprensa, ela tem de ter impacto, emoção e romance.

— Se o bronze for realmente genuíno, terás impacto.

— Sim, sim, mas quero mais. A encantadora e talentosa filha da *directrice* vem do outro lado do Atlântico. Uma dama ao encontro de outra. O que pensas dela? O que sentes em relação a ela?

Miranda arqueou uma sobrancelha e baticou com o lápis na borda da mesa. — Acho que o Bronze de Fiesole tem noventa ponto quatro centímetros de altura e vinte e quatro ponto sessenta e oito quilos de peso. É a estátua de um nu, feminino, — continuou ela, reprimindo um sorriso enquanto Vincente revirava os olhos para o tecto, — trabalhada ao estilo renascentista. Os testes até agora indicam que foi esculpida na última década do século quinze.

— És demasiado parecida com a tua mãe.

— Não vais conseguir nada de mim com insultos — avisou Miranda. E sorriram um para o outro.

— Estás a dificultar-me o trabalho, *cara*. — Quando chegasse a altura certa, pensou ele, ele torceria as coisas à sua maneira no comunicado à imprensa.

• • •

Elizabeth deu uma atenta vista de olhos na papelada. Miranda fora muito cuidadosa com os factos, números, fórmulas, com cada passo e fase de todos os testes. Mas ainda era possível ver onde ela se apoiava e onde acreditava que iria chegar.

— Acreditas que é genuíno.

— Todos os testes indicam que a sua idade se situa entre os quatrocentos e cinquenta e os quinhentos anos. Tens cópias das fotografias geradas por computador, dos testes químicos.

— Quem as tirou?

— Eu.

— E o processo da termoluminescência. Quem o realizou?

— Fui eu.

— E a datação pelo estilo também é tua. A maioria da documentação resulta da tua própria investigação. Supervisionaste os testes químicos, testaste pessoalmente a pátina e o metal e fizeste as comparações das fórmulas.

— Não foi para isso que me mandaste vir para cá?

— Sim, mas também te forneci uma equipa de peritos. Esperava que os utilizasses mais.

— Se fizer eu mesma os testes, tenho maior controlo — disse Miranda secamente. — Há menor possibilidade de erro. Esta é a minha área. Autentiquei cinco peças desta era, três delas bronzes, uma delas um Cellini.

— O Cellini tinha uma documentação inatacável e registos de escavação.

— Seja como for — disse Miranda numa irritação fervilhante. Embora se imaginasse a levantar as mãos e a balançar os punhos, manteve os braços quietos ao lado do corpo. — Fiz nessa peça precisamente os mesmos testes que fiz nesta para descartar a hipótese de falsificação. Consultei-me com o Louvre, o Smithsonian, o Bargello. Acho que as minhas credenciais estão em ordem.

Elizabeth recostou-se com lassidão. — Ninguém está a pôr em causa as tuas credenciais, ou a tua perícia. Eu não te teria chamado para este projecto se duvidasse de alguma delas.

— Então porque é que as estás a questionar agora que fiz o meu trabalho?

— Estou a comentar a tua falta de espírito de equipa, Miranda, e estou preocupada com o facto de teres formado a tua opinião no instante em que viste o bronze.

— Reconheci o estilo, a época e o artista. — *Assim como tu*, pensou Miranda furiosa. *Raios, assim como tu*. — Contudo, — continuou friamente, — realizei todos os testes padrão, voltei a testar, e documentei o procedimento e os resultados. A partir deles posso formar uma opinião e uma convicção de que o bronze presentemente trancado no cofre é uma representação de Giulietta Buonadoni, esculpida por volta dos finais do século quinze, e que é obra de Miguel Ângelo Buonarroti ainda jovem.

— Concordo que o estilo é da Escola de Miguel Ângelo.

— O bronze é uma obra muito precoce para ser da Escola dele. Ele não tinha mais de vinte anos. E só génios conseguem imitar génios.

— Tanto quanto sei, não há nenhuma documentação de um bronze deste artista que atribua esta obra à sua autoria.

— Então a documentação ainda tem de ser encontrada, ou nunca existiu. Temos documentação de muitas das suas obras que se perderam. Porque não ter uma obra e não a documentação? O esboço do fresco da Batalha de Cascina. Perdido. O bronze de Júlio, o Segundo, destruído e derretido, muitos dos seus desenhos aparentemente queimados por ele próprio pouco antes de morrer.

— Contudo, sabemos que existiram.

— A *Dama Negra* existe. A idade está correcta e o estilo está correcto, particularmente se virmos o seu trabalho mais antigo. Ele teria cerca de dezoito anos quando isto foi esculpido. E já tinha esculpido *Madona das*

Escadas, Batalha dos Lápitas e Centauros. Já tinha demonstrado que era um génio.

Considerando-se uma mulher paciente, Elizabeth acenou simplesmente com a cabeça. — Não há nenhuma dúvida de que o bronze é de excelente qualidade e que corresponde ao seu estilo. Contudo, isso não prova ser obra dele.

— Ele vivia no Palácio dos Médicis, era tratado como filho de Lourenço. Conhecia-a. *Existe* documentação em como se conheciam. Ela era frequentemente usada como modelo. Seria mais estranho se ele não a tivesse usado. Sabias que existia esta possibilidade quando mandaste chamar-me.

— Possibilidade e factos são coisas distintas, Miranda. — Elizabeth entrelaçou as mãos. — Como disseste no teu primeiro dia aqui, não trabalhas com possibilidades.

— Vou apresentar-te factos. A fórmula do bronze está correcta, e os raios X verificam que a ferramenta de trabalho é autêntica para a época. O miolo de argila e as aparas foram datados. Os testes revelam o crescimento acentuado da corrosão. A pátina está correcta. O bronze é dos finais do século quinze. Mais provavelmente da última década.

Ergueu uma mão antes que a mãe pudesse falar. — Como perita nesta área, e após um estudo cuidadoso e objectivo da peça, concluo que o bronze é obra de Miguel Ângelo. Só falta a sua assinatura. E ele não assinava as suas obras, à excepção da *Pietà* em Roma.

— Não discutirei os resultados dos teus testes. — Elizabeth inclinou a cabeça. — Contudo, tenho reservas quanto às tuas conclusões. Não podemos dar-nos ao luxo de deixar o teu entusiasmo pesar para qualquer um dos lados. Por enquanto não dirás nada disto a ninguém. E devo insistir para que não digas nada fora do laboratório. Se passarem alguns rumores para a imprensa, será desastroso.

— Não vou ligar para os jornais para anunciar que autentiquei um Miguel Ângelo perdido. Mas autentiquei. — Colocou as mãos em cima da secretária e inclinou-se para a frente. — Eu sei. E mais cedo ou mais tarde, terás de o admitir.

— Nada me daria mais prazer, garanto-te. Mas, entretanto, isto tem de ser mantido em segredo.

— Não estou nisto pela glória. — Embora pudesse sentir o seu sabor, na ponta da língua. Podia senti-la, formigando nas pontas dos dedos.

— Estamos todos nisto pela glória — corrigiu Elizabeth com um pequeno sorriso. — Porquê fingir o contrário? Se a tua teoria for comprovada, terás muita. Se não, e fores prematura nas tuas declarações, estragarás a tua

reputação. E a minha e a desta instituição. Isso, Miranda, eu não permitirei. Continua com a pesquisa documental.

— É o que tenciono fazer. — Miranda deu meia volta e saiu a passos largos. Reuniria um monte de livros, levá-los-ia para o hotel e, se Deus quisesse, pensava ela, encontraria a ligação.

• • •

Quando o telefone tocou às três da manhã, ela estava sentada na cama rodeada de livros e papéis. O toque acordou-a de um sonho agradável com encostas ensolaradas e pátios frescos de mármore, fontes musicais e música de harpa.

Desorientada, pestanejou devido à claridade das luzes que deixara acesas e procurou pelo telefone.

— *Pronto*. Dra. Jones. Está?

— Miranda, preciso que venhas a minha casa assim que puderes.

— Quê? Mãe? — Olhou com dificuldade para o relógio da mesa-de-cabeceira. — São três da manhã.

— Sei muito bem que horas são. Assim como o ministro-adjunto que foi acordado há uns vinte minutos por um repórter que exigia saber os detalhes sobre o bronze perdido de Miguel Ângelo.

— O quê? Mas...

— Não quero discutir isto ao telefone. — A voz de Elizabeth vibrava com frieza e fúria mal refreada. — Lembras-te de como chegar aqui?

— Sim, claro.

— Espero-te dentro de meia hora — disse ela, segundos antes de desligar o telefone.

Miranda chegou em vinte minutos.

A casa de Elizabeth era pequena e elegante, uma habitação de dois andares típica de Florença, com paredes de marfim amarelado e telhado de telhas vermelhas. Flores brotavam de vasos e floreiras nas janelas e eram religiosamente cuidadas pela empregada.

Na escuridão, as janelas brilhavam, listas brilhantes de luz que escapava através das venezianas. Era espaçosa, como Miranda recordava, uma atraente arena para o entretenimento. Não ocorrera à mãe nem à filha partilharem aquele espaço enquanto Miranda estivesse em Florença.

A porta abriu-se antes que ela pudesse bater. Elizabeth apareceu, bem arranjada e perfeitamente apresentada num roupão cor-de-pêssego.

— O que é que aconteceu? — Perguntou Miranda.

— É precisamente essa a minha questão. — Um controlo severo foi o que impediu Elizabeth de bater com a porta. — Se esta foi a tua forma de

fazeres valer o teu ponto de vista, de exercer a tua perícia, ou de me causar um embaraço profissional, só conseguiste o último.

— Não sei do que é que estás a falar. — Miranda não tinha tido tempo de pentear o cabelo e passou uma mão impaciente para o afastar dos olhos. — Disseste que um repórter telefonou...

— Correcto.

Hirta como um general, Elizabeth virou-se e avançou a passos largos para a sala de estar. Havia uma lareira, mas tinha ainda de ser acesa. Lâmpadas brilhavam intensamente, fazendo reflectir o brilho da madeira polida. Havia um vaso de rosas brancas por cima do fogão e mais nada. As cores eram todas suaves, todas claras.

Parte da mente de Miranda registou o que sempre registava quando entrava naquela ou em qualquer outra divisão da casa. Era mais cenário do que casa, e igualmente fria.

— O repórter, como é óbvio, recusou-se a revelar a fonte. Mas estava bastante informado.

— O Vincente nunca iria prematuramente à imprensa.

— Pois não — concordou friamente Elizabeth. — O Vincente não faria tal coisa.

— Terá o canalizador falado com o repórter?

— O canalizador não lhe poderia ter entregue fotografias do bronze, nem resultados de testes.

— Resultados de testes. — Como os joelhos cederam subitamente, Miranda sentou-se. — Os meus testes?

— Os testes da Standjo — disse Elizabeth por entre dentes. — Apesar do facto de teres sido tu a realizá-los, continuam a ser responsabilidade do meu laboratório. E foi a segurança desse laboratório que foi quebrada.

— Mas como... — Então ela percebeu o tom, a expressão no olhar da mãe. Levantou-se lentamente. — Achas que contactei um repórter e lhe forneci informação? Fotografias e resultados de testes?

Elizabeth observou apenas o rosto furioso de Miranda. — Foste tu?

— Não, não fui. Mesmo que não tivéssemos discutido as implicações, eu nunca prejudicaria um projecto desta forma. É também a minha reputação que está em jogo.

— E é a tua reputação que podia muito bem ser construída.

Miranda olhou Elizabeth nos olhos e viu que a opinião já estava formada. — Podes ir para o Inferno.

— O repórter citou o teu relatório.

— Direitinha para o Inferno, e levar o teu precioso laboratório contigo. Sempre significou mais para ti do que a tua própria carne e sangue.

— O meu precioso laboratório deu-te experiência e emprego, e a

hipótese de atingires o topo da tua carreira. Agora, devido a precipitação, teimosia e ego, a minha integridade profissional está posta em questão, e a tua reputação pode muito bem estar arruinada. O bronze vai hoje ser transferido para outras instalações.

— Transferido?

— Fomos despedidos — disse bruscamente Elizabeth, atendendo em seguida o telefone que tocava numa mesa ao lado. Os seus lábios afixaram e a respiração atravessou-os de modo sibilante. — Sem comentários — disse ela em italiano. E desligou. — Outro repórter. O terceiro que me contacta no meu número particular.

— Não importa. — Embora tivesse o estômago aos saltos, Miranda falou calmamente. — Transfiram-no. Qualquer laboratório respeitável confirmará apenas as minhas descobertas.

— Foi precisamente esse tipo de arrogância que nos colocou nesta posição. — Os olhos de Elizabeth emitiam uma frieza tal que Miranda não reparou na tensão nem nas olheiras debaixo deles. — Trabalhei durante anos para chegar aqui, para construir e manter uma instituição que é sem dúvida uma das melhores do mundo.

— Isto não vai alterar isso. As fugas de informação acontecem nos melhores estabelecimentos.

— Não na Standjo. — A seda do robe de Elizabeth ondulava enquanto ela andava de um lado para o outro. As chinelas condizentes não produziam nenhum som ao calcarem as rosas cor-de-rosa que desabrochavam no tapete. — Vou começar imediatamente a reparar o estrago. Espero que evites a imprensa e que apanhes o primeiro avião para o Maine.

— Não me vou embora até isto estar acabado.

— Para ti já acabou. Os teus préstimos já não são necessários na Standjo. — Voltou-se para a filha, de rosto contraído, olhos cansados gelados e directos. — O teu livre-trânsito será cancelado.

— Estou a ver. Uma execução rápida sem julgamento. Não deveria estar surpreendida — disse meio para si mesma. — Porque é que estou?

— Isto não é hora de te entregares a dramas.

Como os seus nervos estavam em franja, Elizabeth dirigiu-se a um armário para ir buscar o brandy. Sentia um batuque na base do crânio que lhe provocava mais irritação do que dor.

— Depois disto, vai dar bastante trabalho equilibrar outra vez a Standjo. E surgirão perguntas, muitas perguntas. — De costas voltadas para Miranda, Elizabeth verteu dois dedos de brandy para dentro de um copo de balão. — Seria melhor para ti se não estivesses no país quando forem colocadas.

— Não tenho medo de perguntas. — O pânico trepava dissimulada-

mente pela sua coluna. Ela ia ser mandada embora. A *Dama Negra* ser-lhe-ia tirada. O seu trabalho posto em causa, a sua integridade ensombrada. — Não fiz nada de ilegal ou pouco ético. E reafirmo a minha autenticação do bronze. Porque está correcta. Porque é real.

— Pela tua saúde, espero bem que sim. A imprensa tem o teu nome, Miranda. — Elizabeth ergueu o brandy num brinde inconsciente. — Acredita, vão usá-lo.

— Que usem.

— Arrogância. — Elizabeth soltou um suspiro. — Obviamente não levaste em linha de conta o facto de as tuas acções se reflectirem em mim, tanto a nível pessoal como profissional.

— Pensaste nisso, — ripostou Miranda, — quando me trouxeste para cá para verificar e corroborar as tuas próprias suspeitas. Podes dirigir a Standjo, mas não tens as qualificações para este tipo de trabalho. Querias a glória.

O coração de Miranda batia dolorosamente na garganta quando ela se aproximou. — Chamaste-me porque tenho parte do teu nome e do teu sangue, por mais que ambas lamentemos isso.

Os olhos de Elizabeth semicerraram-se. A acusação não estava incorrecta, mas também não estava completa. — Dei-te a oportunidade da tua vida, por causa das tuas qualificações, e sim, porque és uma Jones. Estragaste essa oportunidade e a minha instituição no processo.

— Não fiz nada para além do que me chamaram para fazer. Não falei com ninguém fora da instituição, e com ninguém na instituição que não estivesse autorizado a saber.

Elizabeth inspirou profundamente. A sua decisão já estava tomada, lembrou a si própria. Não valia a pena discuti-la mais. — Sairás hoje de Itália. Não regressarás ao laboratório nem contactarás qualquer pessoa que lá trabalhe. Se não concordares, serei forçada a acabar com o teu lugar no museu.

— Já não diriges o Instituto, e nem o pai. Sou eu e o Andrew.

— Se queres manter essa situação, farás o que te digo. Quer acredites quer não, estou a tentar poupar-te de embaraços.

— Não me faças favores, mãe. Não queremos que estragues a tua reputação. — Exilada, era tudo o que conseguia pensar. Afastada do trabalho mais emocionante da sua vida e mandada embora tão impotente como uma criança que é mandada para o quarto.

— Dei-te a escolher, Miranda. Se ficares, ficarás por tua conta. E não serás mais bem-vinda em qualquer estabelecimento da Standjo, incluindo o Instituto de História da Arte de Nova Inglaterra.

Miranda sentiu que começava a tremer, tanto de medo como de rai-

va. Enquanto ouvia os gritos desse medo e raiva ecoarem na sua cabeça, falou calmamente: — Nunca te perdoarei por isto. Nunca. Mas vou, porque o Instituto é importante para mim. E porque, quando isto acabar, terás de me pedir desculpas e eu dir-te-ei que vás para o Inferno. Serão essas as últimas palavras que alguma vez te direi.

Tirou o copo de balão da mão da mãe. — *Salute* — disse ela, devolvendo provocadoramente o brandy. Pousando o copo com um estalido de vidro contra madeira, voltou-se e saiu. Não olhou para trás.

QUATRO

Andrew Jones estava a pensar em casamento e fracasso enquanto bebericava um *Jack Daniels* de um copo pequeno. Estava bem ciente de que todos os que o conheciam achavam que já era tempo de ele virar a página quanto ao divórcio e seguir em frente.

Mas não lhe apetecia seguir em frente. Não quando era tão reconfortante mergulhar no vício.

O casamento fora um enorme passo para si, que considerara cuidadosamente, muito embora estivesse loucamente apaixonado. Aceitar esse compromisso, transformando uma emoção num documento legal, custara-lhe muitas noites sem dormir. Ninguém na família Jones tivera até então um casamento bem sucedido.

Ele e Miranda chamavam-lhe a maldição dos Jones.

A avó sobrevivera ao avô por mais de uma década e nunca – pelo menos que o neto soubesse – dissera uma palavra agradável sobre o homem com quem vivera durante trinta anos.

Era difícil culpá-la, já que o falecido e não chorado Andrew Jones fora infame pela sua predileção por jovens louras e uísque *Jack Daniels*.

O seu homónimo estava bem ciente de que o velho fora um canalha, esperto e bem sucedido, mas ainda assim um canalha.

O pai de Andrew preferia escavações ao aconchego do lar, e passara a maior parte da infância do filho longe de casa a limpar terra de ossadas antigas. Quando estava em casa, concordava com tudo o que a mulher dissesse, olhava espantado para os filhos como se se tivesse esquecido de como eles haviam aparecido à sua frente e trancava-se durante horas seguidas no escritório.

Não tinham sido mulheres e uísque para Charles Jones. Ele cometera o seu adultério e incúria com a ciência.

Não que a grande Dra. Elizabeth Stanford-Jones se tivesse importado, pensou Andrew enquanto matutava sobre o que tencionara ser uma agradável bebida no Bar da Annie. Ela deixara a educação dos filhos ao cuidado de empregados, governara a casa como um general nazi e ignorara o marido tão sublimemente como ele a tinha ignorado.

Andrew estremezia sempre quando imaginava que, pelo menos duas vezes, estas pessoas de sangue frio e egocêntricas se tinham embrulhado na cama o tempo suficiente para conceber dois filhos.

Enquanto criança, Andrew fantasiara muitas vezes que Charles e Elizabeth os haviam comprado, a ele e à irmã, a algum casal pobre que chorara copiosamente quando trocara os filhos pelo dinheiro da renda.

Já mais velho, gostara de imaginar que ele e Miranda tinham sido criados num laboratório, tendo resultado de experiências científicas em vez de sexo.

Mas a triste realidade é que havia demasiado dos Jones em si para não ser filho daquele homem.

Sim, pensou, levantando o copo, Charles e Elizabeth haviam dançado o tango uma noite há trinta e três anos e concebido a geração seguinte de imbecis.

Mas ele tentara, pensou Andrew, deixando o uísque escorrer pela garganta abaixo numa carícia quente. Fizera o seu melhor para que o casamento funcionasse, para fazer Elise feliz, para ser o tipo de marido que ela queria e acabar com a maldição dos Jones.

E falhara por completo.

— Quero mais um, Annie.

— Não, não queres.

Andrew ajeitou-se no banco e suspirou irritado. Conhecia Annie McLean desde pequeno e sabia como lhe dar a volta.

No Verão do ano em que ambos haviam completado dezassete anos, haviam-se enroscado num cobertor em cima da areia e tinham feito amor ao som da rebentação das ondas do Atlântico.

Ele achava que o sexo atrapalhado – que afinal fora uma estreia para os dois – tivera tanto a ver com a cerveja que os dois tinham consumido, com a própria noite e com a tolice da juventude como com as ondas de calor que provocavam um ao outro.

E nenhum deles poderia ter adivinhado o que aquela única noite, aquelas poucas horas à beira-mar, faria aos dois.

— Vá lá, Annie, deixa-me beber mais um copo.

— Já bebeste dois.

Annie acabou de encher uma caneca de cerveja e fê-la deslizar pelo balcão de cerejeira até ao cliente. Rapidamente, limpou as mãos esguias ao avental.

Com um metro e setenta, e sessenta quilos bem tonificados, Annie McLean dava a impressão de competência séria, sem brincadeiras.

Apenas algumas pessoas – incluindo um ex-marido traidor – sabiam que tinha uma delicada borboleta azul no traseiro.

O cabelo cor de trigo era curto e espetado, e emoldurava um rosto mais interessante do que bonito. O queixo era pontiagudo, o nariz inclinava ligeiramente para a esquerda e era salpicado de sardas. A pronúncia

era típica do Maine, com tendência para achatar as vogais.

Ela podia, e já tinha, atirado homens para fora do bar com as suas próprias mãos.

O Bar da Annie era dela porque ela o tornara seu. Enterrara todos os tostões que conseguira juntar na época em que trabalhara como empregada de mesa no bar – todos os tostões que o patife do ex-marido não lhe roubara – e pedira emprestado o restante. Trabalhara dia e noite para transformar o que não passava de uma cave num confortável bar de bairro.

Tinha um estabelecimento agradável, conhecia os clientes habituais, as suas famílias, os seus problemas. Sabia quando servir mais uma dose, quando mudar para café e quando pedir as chaves do carro e chamar táxis.

Olhou para Andrew e abanou a cabeça. Ele beberia até desmaiar se ela o deixasse.

— Andrew, vai para casa. Come qualquer coisa.

— Não tenho fome. — Andrew sorriu, sabendo como pôr as suas covinhas em acção. — Está frio e chuva lá fora, Annie. Só preciso de alguma coisa para aquecer o sangue.

— Está bem. — Voltou-se para a máquina do café e serviu-lhe uma caneca. — Isto é quente.

— Meu Deus! Posso ir até ao fundo da rua e tomar uma porcaria de bebida sem me chatear.

Ela levantou simplesmente as sobrancelhas. — Bebe o café e pára de te queixar. — E regressou ao trabalho.

A chuva estava a manter a maioria dos clientes em casa. Mas aqueles que tinham enfrentado a tempestade estavam colados aos seus assentos a beber cerveja, a ver o canal de desporto na televisão e entretidos a conversar.

Havia uma pequena lareira acesa e alguém escolhera Ella Fitzgerald na *jukebox*.

Era o tipo de noite que ela mais apreciava. Quente, agradável, descomplicada. Era esse o motivo pelo qual ela estivera disposta a arriscar tudo, a trabalhar como uma louca e a ficar noites seguidas acordada na cama devido às preocupações. Poucos haviam acreditado que ela poderia ter êxito, uma mulher de vinte e seis anos cuja única experiência de negócio viera de servir cervejas e contar gorjetas.

Sete anos depois, e o Bar da Annie era visita obrigatória em Cabo Jones.

Andrew acreditara, recordou ela com uma pontada de culpa quando o viu sair do bar arrastando os pés. Emprestarta-lhe dinheiro quando os bancos haviam recusado. Aparecera-lhe com sanduíches quando ela an-

dara a pintar as paredes. Ouvira os seus sonhos quando outros os tinham ignorado.

Ele achava que estava em dívida para com ela, pensou Annie naquele momento. E era um homem honesto que pagava as suas dívidas.

Mas não conseguia esquecer a noite de dezasseis anos antes quando, perdida de amor por ele, ela lhe entregara a sua inocência e recebera a dele. Ele não podia fazê-la esquecer que ao fazer isso haviam gerado uma vida que existira apenas por instantes.

Não conseguia fazê-la esquecer-se da sua expressão quando, com uma felicidade escondida por detrás do medo, ela lhe contara que estava grávida. O rosto dele empalidecera, o corpo retesara quando ele se sentara numa rocha a olhar fixamente para o mar.

E a voz fora fria, impessoal, sem ponta de emoção quando a pedira em casamento.

A pagar uma dívida, pensou ela. *Nem mais, nem menos*. E, ao oferecer-se para fazer o que a maioria consideraria a coisa mais honrada, partira-lhe o coração.

Ela achava que perder o bebé apenas duas semanas depois fora obra do destino. Poupara a ambos o fardo de decisões pesadas. Mas ela amara o que estava a crescer dentro de si, tal como amara Andrew.

Assim que aceitara a perda do bebé, parara de amar. E sabia que esse facto tinha sido um alívio tanto para Andrew como para ela.

Era muito mais fácil dançar ao som do sussurrar da amizade do que ao do bater descompassado do coração apaixonado.

• • •

O raio das mulheres eram a cruz da sua vida, concluiu Andrew ao abrir a porta do carro. Sempre a dizer-lhe o que fazer, como fazer, e principalmente o que estava a fazer mal.

Estava satisfeito por ter acabado com elas.

Estava melhor a afundar-se em trabalho no Instituto durante o dia e a esquecer os problemas com uísque durante a noite. Assim ninguém se magoava. Especialmente ele.

Agora estava demasiado sóbrio e a noite ainda era uma criança.

Conduziu através da chuva, pensando como seria continuar simplesmente a conduzir. Continuar até ficar sem gasolina e começar de novo onde quer que isso acontecesse. Podia mudar o nome, arranjar um trabalho nas obras. Tinha braços fortes e boas mãos. Talvez o trabalho duro e manual fosse a solução.

Ninguém o conheceria nem esperaria nada de si.

Mas ele sabia que não faria tal coisa. Nunca abandonaria o Instituto. Este era, como nada mais havia sido, a sua casa. Precisava tanto dele quanto ele de si.

Bem, tinha uma ou duas garrafas em casa. Não havia razão para não tomar alguns copos, em frente à sua própria lareira, que o ajudassem a adormecer.

Mas viu as luzes a piscar através da chuva quando subia o caminho de acesso a casa. Miranda. Não esperara a irmã em casa, a não ser daí a uns dias. Os dedos apertaram o volante quando pensou nela em Florença, com Elise. Depois de estacionar o carro, demorou alguns minutos até os conseguir relaxar.

O vento açoitou-o quando abriu a porta do carro. A chuva bateu-lhe no rosto e escorreu para dentro do colarinho. Mesmo acima dos picos e beirais do telhado da casa, o céu explodia com os clarões dos relâmpagos.

Uma noite selvagem. Andrew imaginava que Miranda estivesse lá dentro a admirá-la. Ela adorava uma boa tempestade. Quanto a ele, preferia paz, sossego e o esquecimento.

Correu para a porta e sacudiu-se como um cão assim que entrou. Pendurou o casaco molhado no velho cabide de carvalho que estava na entrada e passou uma mão pelo cabelo sem olhar para o espelho antigo. Podia ouvir os tons fúnebres do Requiem de Mozart vindos da sala de estar.

Se Miranda estava a ouvir aquilo, ele sabia que a viagem não tinha corrido bem.

Encontrou-a encolhida numa cadeira em frente à lareira, envolta no seu robe de caxemira cinzento e a beber chá do melhor serviço de porcelana da avó.

— Voltaste cedo.

— Parece que sim. — Miranda examinou-o. Tinha a certeza que ele tinha estado a beber, mas os seus olhos estavam límpidos e a tez normal. Pelo menos ainda estava relativamente sóbrio.

Embora ele quisesse uma bebida, sentou-se em frente dela. Era fácil detectar os sinais de irritação. Mas ele conhecia-a melhor do que qualquer outra pessoa, e também conseguiu perceber a tristeza escondida. — Então, o que se passa?

— Ela tinha um projecto para mim. — Como tivera esperança de que ele regressasse a casa antes de ela se ir deitar, Miranda levava duas chávenas. Serviu uma segunda chávena de chá e fingiu não ver a cara de aversão de Andrew.

Ela sabia muito bem que ele preferiria um copo de uísque.

— Um projecto incrível — continuou Miranda, entregando-lhe a chávena. — Foi encontrado um bronze na cave da *Villa della Donna Oscura*. Conheces a história do lugar?

— Refresca-me a memória.

— Giulietta Buonadoni.

— Ok, já sei. A Dama Negra, amante de um dos Médicis.

— Lourenço, o Magnífico; pelo menos foi ele o seu primeiro protector — especificou Miranda, satisfeita por o conhecimento de Andrew relativamente à época ser suficientemente aprofundado. Poupar-lhe-ia tempo. — O bronze é da própria dama; o rosto não deixa dúvidas. Ela queria que eu fizesse os testes, a datação.

Andrew esperou um pouco. — A Elise podia ter tratado disso.

— A área da Elise é mais abrangente do que a minha. — Havia uma ponta de irritação na voz de Miranda. — A Renascença é a minha época, os bronzes a minha especialidade. Elizabeth queria a melhor.

— Ela quer sempre. Então, fizeste os testes?

— Sim. E tornei a fazê-los. Tinha o pessoal mais competente a ajudar-me. Fiz tudo pessoalmente, passo a passo. Depois voltei a fazer tudo de novo.

— E?...

— Era genuíno, Andrew. — Algum do entusiasmo transpareceu quando ela se inclinou para a frente. — Finais do século quinze.

— Isso é incrível. Maravilhoso. Porque é que não estás a celebrar?

— Ainda há mais. — Miranda teve de respirar fundo, acalmar-se. — É um Miguel Ângelo.

— Jesus! — Pousou rapidamente a chávena de chá. — Tens a certeza? Não me recordo de nada relacionado com um bronze perdido.

Miranda franziu o sobrolho. — Posso apostar a minha reputação nisso. É uma obra de início de carreira, magnificamente executada. É uma peça lindíssima, que ecoa o estilo sensual do seu *Baco* embriagado. Eu ainda estava a trabalhar na documentação quando me vim embora, mas esta já é suficiente para apoiar a teoria.

— O bronze não estava documentado?

Miranda começou a bater com o pé em sinal de irritação. — Provavelmente Giulietta escondeu-o, ou, pelo menos, guardou-o com ela. Política. Faz sentido — insistiu Miranda. — Tê-lo-ia provado sem sombra de dúvida se ela me tivesse dado mais tempo.

— Porque é que não deu?

Incapaz de se sentar, Miranda desdobrou as pernas e levantou-se para avivar o fogo com um atizador. — Alguém informou a imprensa. Não estávamos nada preparados para um comunicado oficial e o governo ficou

nervoso. Despediram a Standjo e ela despediu-me a mim. Acusou-me de ter sido eu a dar a informação. — Furiosa, voltou-se para trás. — De querer tanto a glória que arriscaria o projecto para a alcançar. Eu nunca faria uma coisa dessas.

— Não, claro que não. — Andrew podia afastar a ideia sem qualquer dúvida. — Despediram-na. — Embora fosse uma atitude baixa da sua parte, não conseguiu conter o sorriso sarcástico. — Aposto que isso a pôs fora de si.

— Estava lívida. Noutras circunstâncias, eu poderia ter ficado satisfeita com isso. Mas agora perdi o projecto. Não só não serei reconhecida pelo meu trabalho, como só voltarei a ver aquela peça num museu. Raios, Andrew, eu estava tão perto!

— Podes crer que quando o bronze for autenticado e anunciado, ela encontrará forma de lhe associar o nome da Standjo. — Levantou uma sobrancelha. — E quando ela fizer isso, só terás de te certificar que o teu não ficará de fora.

— Não é a mesma coisa. — *Ela tirou-mo*, era só o que Miranda conseguia pensar.

— Apanha o que puderes. — Ele levantou-se também, dirigindo-se ao armário do bar. Porque teria de perguntar. — Viste a Elise?

— Sim. — Miranda enfiou as mãos nos bolsos do robe. Porque teria de responder. — Ela parece-me bem. Acho que se adaptou bem à função de directora de laboratório. Perguntou por ti.

— E disseste-lhe que eu estava ótimo.

Miranda viu-o servir o primeiro copo. — Não pensei que quisesses que lhe dissesse que te estavas a transformar num bêbado pensativo e autodestrutivo.

— Eu sempre fui pensativo — disse ele. — Todos nós somos, por isso essa parte não conta. Ela anda com alguém?

— Não sei. Não chegámos a discutir a nossa intimidade. Andrew, tens de parar com isto.

— Porquê?

— Porque é uma perda de tempo e é estupidez. E, francamente, embora eu goste dela, acho que não vale a pena.

— Eu amava-a — murmurou ele, vendo o uísque rodopiar antes de o beber. — Dei-lhe o melhor de mim.

— Alguma vez consideraste a hipótese de ela não ter dado o melhor? Que talvez tenha sido ela a não estar à altura?

Andrew observou Miranda por cima da borda do copo. — Não.

— Talvez deveses. Ou talvez deveses considerar que o melhor que tinhas e o melhor que ela tinha não equivalessem ao melhor dos dois jun-

tos. Há muitos casamentos que falham. As pessoas acabam por ultrapassar a situação.

Ele olhou para a bebida, observando a luz tremeluzir através do copo.
— Talvez se não ultrapassassem isso tão facilmente, os casamentos não fracassassem tantas vezes.

— E talvez se as pessoas não fingissem que o amor é que faz girar o mundo, escolhessem os seus companheiros com mais cuidado.

— É o amor que faz girar o mundo, Miranda. É por isso que o mundo está de pernas para o ar.

Levantou o copo e bebeu tudo de uma só vez.

CINCO

O céu brilhava com a luz de uma madrugada fria e carregada. Irrequieto, escuro e cheio de som, o mar batia nas rochas e elevava-se para socar com os seus punhos brancos o ar gélido e cortante. A Primavera teria muito que lutar para conseguir derrotar o Inverno.

Nada poderia ter agradado mais a Miranda.

Estava na falésia, com um humor tão caprichoso como a água abaixo dela. Observava-a jorrar de entre as rochas, gelada e agressiva, e inalava a antiga violência do seu odor.

Dormira mal, enredada em sonhos que atribuía tanto à sua disposição como ao cansaço da viagem. Ela não era pessoa que costumasse sonhar. Ainda estava escuro quando desistira de dormir e vestira uma grossa camisola verde e calças de lã suave. Usara o café que ainda restava – Andrew não ficaria nada satisfeito quando acordasse – e preparara meia cafeteira para si.

Agora bebericava o café, forte e escuro, de uma caneca e observava o nascer da madrugada no infeliz céu oriental.

A chuva tinha parado mas regressaria, pensou. E como a temperatura baixara drasticamente durante a noite, muito provavelmente regressaria como neve e granizo. O que era bom, era óptimo.

Era assim o Maine.

Florença, com o seu Sol radioso e quente, e vento seco, estava a um oceano de distância. Mas dentro dela, no seu coração enraivecido, estava perto.

A *Dama Negra* tinha sido a sua passagem para a glória. Pelo menos nisso Elizabeth estava certa. A finalidade era sempre o reconhecimento. Mas ela tinha trabalhado para isso. Tinha estudado, esforçando-se brutalmente para aprender, absorver, lembrar, quando os seus contemporâneos haviam saltado de grupo em grupo e de relação em relação.

Não existira período rebelde e selvagem na sua vida, nem o torcer do nariz a regras e tradições enquanto estudava, nem casos loucos e comoventes. Recalcada, chamara-lhe uma colega de quarto. Entediante, fora a opinião de outra. Como, no seu íntimo, ela concordara, resolvera o problema saindo do campus e indo morar para um apartamento seu.

Fora melhor assim, pensava sempre Miranda. Não tinha jeito para interacção social. Sob a armadura de compostura e formalismo, ela era ex-

tremamente tímida com as pessoas e sentia-se muito mais à vontade com a informação.

Então lera, escrevera, fechara-se noutros séculos com uma disciplina acesa pela chama da ambição.

Essa ambição tinha um propósito. Ser a melhor. E ao ser a melhor, ver os pais admirarem-na com orgulho, satisfação e respeito. Oh, atormentava-a o facto de essa motivação ainda estar enterrada dentro de si, mas nunca conseguira desenterrá-la e livrar-se dela.

Estava quase na casa dos trinta, tinha o seu doutoramento, a sua posição no Instituto, uma reputação sólida em arqueometria. E uma necessidade lamentável de ouvir os pais aplaudirem o seu desempenho. Bem, teria apenas que ultrapassar isso.

Não faltaria muito tempo para que as suas descobertas fossem provadas, pensou. E, nessa altura, certificar-se-ia de que receberia o reconhecimento que merecia. Escreveria um artigo sobre a *Dama Negra* e o seu próprio envolvimento nos testes e na autenticação. E nunca perdoaria Elizabeth por ter tirado o controlo e o prazer das suas mãos. Ou por ter o poder para o fazer.

O vento aumentou, enfiando-se por debaixo da camisola como mãos à procura da pele. Os primeiros flocos molhados e finos começaram a cair. Miranda afastou-se do mar e desceu do rochedo.

O feixe estável do grande farol continuava a rodar no cimo da torre branca, projectando-se sobre a água e rocha embora não houvesse barcos dentro do seu raio de acção. Do anoitecer ao amanhecer, ano após ano, pensava ela, nunca falhava. Alguns olhavam para ele e viam romantismo, mas quando Miranda observava a robusta torre branca, via fiabilidade.

Maior, pensou ela naquele momento, do que a que se encontrava habitualmente nas pessoas.

Ao longe, a casa ainda estava escura e adormecida, uma bonita silhueta de outros tempos gravada contra um céu implacável.

A relva era de um castanho-amarelado invernal e ficava esmagada debaixo dos seus pés devido ao gelo. A cicatriz do outrora encantador jardim da avó parecia repreendê-la.

Naquele ano, prometeu Miranda a si mesma ao passar pelas folhas enegrecidas e ramos quebradiços, dedicar-lhe-ia algum tempo e atenção. Faria da jardinagem o seu hobby – estava sempre a prometer-se um hobby.

Na cozinha, verteu o resto do café que estava na cafeteira para dentro da caneca. Depois de uma última olhadela para a neve que caía lá fora, decidiu ir cedo para o Instituto antes que as estradas ficassem cobertas.

• • •

Do interior do Mercedes confortavelmente aquecido que alugara, ele viu o Land Rover deslizar sem esforço sobre a fina camada de neve da estrada e depois virar para o parque de estacionamento ao lado do Instituto de História da Arte de Nova Inglaterra. Parecia um veículo que deveria ter sido conduzido por um general durante uma pequena guerra elegante.

Ela era uma figura e tanto, reflectiu ele ao vê-la descer do jipe. Cerca de um metro e oitenta em cima das botas, embrulhada num casaco cinza-chumbo que era mais quente do que bonito. O cabelo era de um sexy vermelho-semáforo que escapava em caracóis desalinados de dentro de um gorro preto. Levava uma pasta ligeiramente abaulada com o conteúdo e movia-se com a precisão e objectivo que teria orgulhado qualquer general.

Mesmo com a ténue luminosidade, reconheceu-a. Era uma mulher difícil de não ser notada, pensou ele com um sorriso lento.

Já estava ali sentado há quase uma hora, entretido com diversas árias de *Carmen*, *La Bohème*, *O Casamento de Fígaro*. Na verdade, já tinha tudo de que precisava e já fizera o que tinha a fazer, mas estava satisfeito por se ter demorado o suficiente para a ver chegar.

Uma madrugadora, decidiu ele, uma mulher que gostava suficientemente do trabalho para o enfrentar numa manhã fria e nevosa antes de a maior parte dos habitantes da cidade acordarem. Ele apreciava uma pessoa que gostava do seu trabalho. Deus sabia que ele adorava o seu.

Mas o que fazer com a Dra. Miranda Jones? Pensou. Imaginou que ela estaria a utilizar a entrada lateral, a introduzir o cartão na ranhura e a inserir o código no teclado numérico. Sem dúvida que iria voltar a ligar os alarmes de segurança assim que entrasse.

Todas as informações indicavam que era uma mulher prática e cuidadora. Ele gostava de mulheres práticas. Era um enorme prazer corrompê-las.

Ele podia evitá-la, ou usá-la. Fosse como fosse, faria o seu trabalho. Mas usá-la seria tão mais... divertido. Como este seria o seu último trabalho, parecia justo que incluísse alguma diversão além da emoção e do lucro.

Pensou que valeria a pena conhecer Miranda Jones, satisfazer-se com ela. Antes de a roubar.

Viu uma luz acesa numa janela do terceiro piso do edifício de granito. Directa ao trabalho, meditou ele, sorrindo outra vez ao ver a sombra em movimento do outro lado da janela.

Também estava na altura de ele próprio deitar mãos ao trabalho. Ligou o carro e arrancou para ir vestir-se para a parte seguinte do dia.



O Instituto de História da Arte de Nova Inglaterra fora construído pelo bisavô de Miranda. Mas tinha sido o seu avô, Andrew Jones, que o estendera ao seu potencial máximo. Ele sempre tivera uma grande paixão pelas artes, e considerara-se até um pintor. Pelo menos fora suficientemente bom para convencer uma série de jovens modelos a despir a roupa e a posar para si.

Gostara de socializar com artistas, de os entreter, agindo como patrono quando um – principalmente uma mulher bonita – lhe despertava a atenção. Podia ter sido um mulherengo e bebedor entusiasta, mas também fora generoso, imaginativo e nunca tivera receio de aplicar o dinheiro onde mandava o coração.

O edifício era de um granito cinzento forte, que se estendia num bloco, com as suas colunas altas, alas e arcadas de ângulos rectos. A estrutura original tinha sido um museu com jardins cuidadosamente tratados, enormes árvores de sombra antigas e uma dignidade serena e bastante rígida.

Andrew quisera mais. Vira o Instituto como uma montra para a arte e os artistas, e como uma arena onde a arte era exibida, restaurada, ensinada e analisada. Por isso, deitara as árvores abaixo, lajeara o jardim e erigira as graciosas formas anexas à estrutura original.

Havia salas de aula com janelas altas e cheias de luz, laboratórios cuidadosamente concebidos, depósitos e muitos gabinetes. O espaço de galeria tinha sido mais que triplicado.

Os que lá desejavam estudar eram aceites com base no mérito. Os que podiam pagar, pagavam muito pelo privilégio. Os que não podiam, e que eram considerados merecedores, eram subsidiados.

A arte era sagrada no Instituto, e a ciência a sua divindade.

Esculpido num lintel de pedra acima da entrada principal estavam as palavras de Longfellow:

A ARTE É DURADOURA, E O TEMPO É FUGAZ

Estudar, preservar e exhibir essa arte era como o Instituto empregava o seu tempo.

Cinquenta anos depois, permanecia basicamente idêntico à concepção original de Andrew, com os netos no comando.

As salas de exposição que tinha eram provavelmente as melhores do Maine, e a obra lá representada fora cuidadosamente escolhida e adquirida ao longo dos anos, começando com as colecções particulares de Charles e depois de Andrew.

As áreas abertas ao público ocupavam o piso principal, com galerias

ligadas através de arcadas amplas. As salas de aula e os estúdios preenchem o segundo piso, com a área de restauro separada por um pequeno átrio onde os visitantes com os passes adequados podiam percorrer os espaços de trabalho.

Os laboratórios ocupavam o andar mais baixo e projectavam-se para todas as alas. Eram, apesar das grandes galerias e instalações educativas, os seus alicerces.

Os laboratórios eram também os alicerces de Miranda.

Pousando a pasta de lado, dirigiu-se à mesa que estava debaixo da janela para fazer um café. Ao ligar a cafeteira, ouviu o sinal do fax. Depois de abrir os estores, dirigiu-se à máquina e pegou na folha.

Bem-vinda a casa, Miranda. Gostaste de Florença? Pena que a viagem tenha sido interrompida de modo tão brusco. Onde achas que erraste? Já pensaste nisso? Ou tens assim tanta certeza de que tens razão?

Prepara-te para a queda. Vai ser dura.

Esperei tanto tempo. Observei tão pacientemente.

Ainda observo, e a espera já quase terminou.

Miranda deu por si a esfregar o braço para o aquecer enquanto lia a mensagem. Embora se tenha obrigado a parar, o frio permaneceu.

Não havia nenhum nome, nenhum número de origem.

Parecia uma brincadeira de mau gosto, pensou ela. O tom sarcástico e sinistramente ameaçador. Mas porquê? E quem?

A mãe? Envergonhava-a que o nome de Elizabeth fosse o primeiro a vir à sua mente. Mas certamente que uma mulher com o poder, personalidade e posição de Elizabeth não se esconderia atrás de mensagens anónimas.

Ela já magoara Miranda da forma mais directa possível.

Era mais provável tratar-se de um empregado descontente da Standjo ou do Instituto, alguém que se sentia de alguma forma injustiçado por ela.

Claro, era isso, concluiu ela tentando respirar calmamente outra vez. Um técnico que repreendera ou um aluno insatisfeito com uma nota. Aquilo só pretendia perturbá-la e ela não permitiria que funcionasse.

Mas em vez de se livrar da folha, enfiou-a na última gaveta da secretária e trancou-a à chave.

Afastando o sucedido do pensamento, começou a planear o dia. Quando terminou de anotar as primeiras tarefas na lista – ler o correio e anotações, organizar as mensagens telefónicas –, o sol já entrava radioso através das lâminas dos estores.

— Miranda? — Uma pancada rápida na porta assustou-a.
— Sim, entra. — Olhou para o relógio, reparando que a assistente tinha sido pontual, como sempre.
— Vi o teu carro no estacionamento. Não sabia que regressavas hoje.
— Não, foi... inesperado.
— Como estava Florença? — Lori movia-se rapidamente pela sala, verificando mensagens, ajustando a inclinação dos estores.
— Quente, cheia de sol.
— Parece maravilhoso. — Satisfeita por estar tudo nos devidos lugares, Lori sentou-se e pousou a agenda sobre o joelho. Era uma loura bonita com uma boca de boneca *Kewpie*, uma voz como a de Betty Boop e uma eficiência aguçada como uma navalha afiada. — É bom ter-te de volta — disse ela com um sorriso.
— Obrigada. — Como o sentimento era sincero, Miranda sorriu em resposta. — É bom *estar* de volta. Tenho muita coisa atrasada. Neste momento preciso de actualizações no *Nu* de Carbello e no restauro do Bronzino.

A rotina era tranquilizante, de tal forma que Miranda esqueceu tudo para além dos assuntos que tinha em mãos durante as duas horas seguintes. Deixando Lori a marcar encontros e reuniões, foi verificar como estavam as coisas no laboratório.

Como estava a pensar em Andrew, Miranda decidiu passar pelo gabinete dele antes de descer. O gabinete ficava na ala oposta, mais perto das áreas públicas. As galerias, aquisições e exposições eram responsabilidade dele, enquanto Miranda preferia trabalhar principalmente na retaguarda.

Avançou a passos largos pelos corredores, as botas práticas calcando o mármore. De quando em vez, as janelas quadradas permitiam que pálidos raios de luz listassem o chão, e ofereciam o som abafado do trânsito na rua, imagens de prédios e de árvores nuas.

As portas dos gabinetes estavam discretamente fechadas. O som ocasional de telefones ou o gemido de faxes ecoavam monotonamente. Uma secretária que carregava uma resma de papel lançou a Miranda um olhar assustado de coelho antes de murmurar um «Bom-dia, Dra. Jones», seguindo depois apressadamente.

Seria assim tão intimidativa? Pensou Miranda. Tão antipática? Como isso a fez lembrar-se do fax, olhou para trás para as costas da mulher, enquanto entrava rapidamente por uma porta e a fechava atrás de si.

Talvez não fosse sociável, talvez o pessoal não tivesse por ela o mesmo carinho que parecia ter por Andrew, mas ela não era... dura. Era?

Perturbava-a pensar que sim, pensar na possibilidade de a sua timidez inata ser confundida com frieza.

Como a sua mãe.

Não, ela não queria acreditar nisso. Os que a conheciam não pensariam assim. Ela tinha uma relação sólida com Lori, uma camaradagem agradável com John Carter. Não dirigia o laboratório ali como um campo de treino militar onde ninguém podia expressar as suas ideias ou contar uma anedota.

Embora ninguém brincasse com ela, pensou.

Estava no comando, lembrou a si mesma. Que mais poderia esperar?

Deliberadamente, relaxou novamente os ombros. Não podia deixar que uma secretária tímida a pusesse a fazer auto-análise.

Como felizmente não tinha nenhum compromisso marcado, ainda tinha a mesma camisola e calças que vestira naquela manhã para ver o amanhecer. O cabelo estava apanhado atrás, mas alguns caracóis e uma trança já se encontravam fora de sítio.

Lembrou-se que já passava do meio-dia na Itália e que o bronze estaria a ser intensamente estudado. Isso fê-la contrair de novo os músculos.

Entrou na antessala do gabinete do irmão. No interior encontrava-se uma robusta escrivaninha vitoriana, duas cadeiras de costas direitas, arquivos em cinzento e a mulher que guardava tudo aquilo.

— Bom-dia, Dona Purdue.

A assistente de Andrew estava algures na casa dos cinquenta, bem arranjada como uma freira e igualmente rigorosa. Usava o cabelo apanhado num carrapito idêntico todos os dias, ano após ano, e nunca se apresentava sem uma camisa engomada e casaco e saia pretos.

Era sempre a Dona Purdue.

Ela acenou com a cabeça, levantou os dedos do teclado do computador e entrelaçou-os. — Bom-dia, Dra. Jones. Não sabia que tinha regressado de Itália.

— Regressei ontem. — Miranda tentou fazer um sorriso, pensando ser uma boa altura para começar a ser mais simpática com os empregados. — É um pouco chocante regressar a este frio. — Quando a Dona Purdue respondeu apenas com um rápido aceno de cabeça, Miranda desistiu da ideia de uma conversa. — O meu irmão está?

— O Dr. Jones desceu agora mesmo para receber um convidado. Deve regressar dentro de momentos. Gostaria de esperar, ou quer que lhe transmita algum recado?

— Não, não é nada de importante. Vejo-o mais tarde. — Virou-se quando ouviu vozes masculinas nas escadas. Se o olhar crítico da Dona Purdue não lhe fosse dirigido, Miranda ter-se-ia escondido rapidamente

em vez de arriscar a possibilidade de socializar com o convidado de Andrew.

Não teria ficado presa se tivesse ido directamente para o laboratório, pensou, afastando rapidamente o cabelo dos olhos e pondo um sorriso educado no rosto.

Mas o sorriso desvaneceu quando Andrew e o acompanhante chegaram ao topo das escadas.

— Miranda, ainda bem que te encontro. — Andrew sorriu para ela. E um rápido exame mostrou a Miranda que não havia sinais de bebida. — Poupa-me o trabalho de ligar para o teu gabinete. Gostava que conhecesses Ryan Boldari, da Galeria Boldari.

O convidado avançou, pegou na mão de Miranda e levou-a suavemente aos lábios. — É um prazer conhecê-la finalmente.

O homem tinha um rosto que poderia ter sido reproduzido com traços a negro num dos quadros do Instituto. A boa aparência selvagem era apenas levemente suavizada por um fato cinzento de excelente corte e uma gravata de seda com um nó perfeito. O cabelo era espesso, negro como tinta e gloriosamente ondulado. A pele era morena, cobria ossos fortes e apresentava uma pequena cicatriz em forma de crescente na extremidade exterior da sobrancelha esquerda.

Os olhos que fixaram os dela eram escuros, de um castanho profundo que captava pequenos reflexos dourados de luz. A boca poderia ter sido esculpida por um mestre e estava curvada num sorriso concebido para fazer uma mulher pensar como seria a sensação de a encostar à dela. E suspirar.

Miranda ouviu um tinido – um alegre estalido dentro da cabeça – e o coração disparou.

— Bem-vindo ao Instituto, Sr. Boldari.

— É um prazer estar aqui. — Ele manteve a mão dela na sua porque isso parecia perturbá-la. Por mais educadamente que ela sorrisse, havia uma ténue linha de aborrecimento entre as sobrancelhas.

Ela ponderou tirar repentinamente a mão, mas decidiu que isso seria uma atitude demasiado feminina.

— Porque não entramos no meu gabinete? — Alheio a quaisquer jogos que se passassem debaixo do seu nariz, Andrew fez um gesto em direcção à porta do gabinete. — Miranda, tens um minuto?

— Na verdade, eu só...

— Gostaria muito que me concedesse alguns minutos do seu tempo, Dra. Jones. — Ryan lançou-lhe um sorriso ao deslocar a mão para o cotovelo dela. — Tenho uma proposta para o seu irmão que me parece poder ser do seu interesse. A sua principal área de investigação é a Renascença, não é?

Encurralada, Miranda deixou-se conduzir para dentro do gabinete de Andrew. — Correcto.

— Uma época brilhante, tão rica em beleza e energia. Conhece a obra de Giorgio Vasari?

— Claro, finais do período renascentista, um maneirista cujo estilo representou a fase de aproximação à elegância.

— Ryan tem três Vasaris. — Andrew fez sinal em direcção a umas cadeiras que, graças à Dona Purdue, não estavam cobertas de livros e papéis como seria normal.

— Verdade? — Miranda sentou-se numa cadeira e colocou outro sorriso. O gabinete de Andrew era muito mais pequeno do que o dela, porque ele assim preferia. Também era desorganizado, colorido e cheio de bugangas de que adorava rodear-se. Ossos velhos, fragmentos de cerâmica, pedaços de vidro. Ela preferiria ter feito aquela reunião inesperada na formalidade acerba do seu próprio território.

Como estava nervosa, imaginou-se a tamborilar com os dedos e a abanar o pé.

— Sim. — Ryan ajeitou as calças para preservar o vinco enquanto se sentava numa estreita cadeira forrada a pele. — Não considera a obra dele um pouco auto consciente? Demasiado madura?

— Isso também era típico do Maneirismo — replicou Miranda. — Vasari é um artista importante daquela época e estilo.

— Concordo. — Ryan sorriu simplesmente. — Pessoalmente, prefiro o estilo do início e auge do período renascentista, mas negócio é negócio. — Abanou uma mão. Tinha mãos fortes e elegantes, reparou Miranda. Grandes e com dedos longos.

Irritava-a reparar nisso, envergonhava-a ter – por um ou dois segundos – imaginado a sensação delas na sua pele. *Como uma adolescente que se depara com uma estrela de rock*, pensou, espantada consigo própria.

Quando desviou propositamente o olhar das mãos dele, este deparou-se com o dele. Ele sorriu novamente, com um brilho definitivo nos olhos.

Em defesa, a voz dela tornou-se fria: — E que negócio tem com o Instituto?

Mulher fascinante, pensou ele. *Corpo de uma deusa, modos de uma puritana, o sentido de estilo de um refugiado e uma ponta de timidez extremamente encantadora em volta daqueles belos olhos azuis.*

Manteve o olhar preso ao dela, deleitado quando ela começou a corar. Na sua opinião, as mulheres da actualidade já não coravam o suficiente.

Perguntou-se então como ficaria ela com aqueles óculos de armação metálica que estavam enganchados no decote da blusa.

Intelectualmente sexy.

— Conheci o seu irmão há alguns meses quando estivemos ambos em Washington para o encontro sobre as Mulheres nas Artes. Acho que ele foi no seu lugar.

— Sim, eu não pude ir.

— A Miranda estava com muito trabalho no laboratório. — Andrew sorriu ironicamente. — Eu sou mais facilmente dispensável. — Recostou-se na cadeira. — O Ryan está interessado na nossa Madona de Cellini.

Miranda arqueou uma sobrancelha. — É um dos nossos mais importantes.

— Sim, acabo de o ver. Glorioso. O seu irmão e eu discutimos uma troca.

— O Cellini. — O seu olhar lançou faíscas ao irmão. — Andrew...

— Não permanente — disse rapidamente Ryan, não se dando ao trabalho de disfarçar o risinho provocado pela angústia dela. — Uma troca de três meses, para benefício mútuo. Estou a planear fazer uma exposição sobre Cellini na nossa galeria de Nova Iorque, e o empréstimo da vossa Madona seria uma mais-valia para mim. Em troca, estou disposto a emprestar ao Instituto os meus três Vasaris pelo mesmo período de tempo.

— Podias fazer a exposição sobre os três estilos da Renascença de que falas há anos — salientou Andrew.

Era um dos sonhos de Miranda, uma grande exposição para mostrar todo o âmbito da sua área de interesse. Arte, artefactos, História, documentos, todos em exibição, exactamente como ela escolhesse.

Miranda manteve as mãos entrelaçadas para evitar erguer um punho triunfante no ar.

— Sim, acho que podia. — Miranda sentiu a rápida agitação de entusiasmo no estômago, mas virou-se serenamente para Ryan. — Os Vasaris foram autenticados.

Ryan reclinou a cabeça e ambos fingiram não ouvir o gemido de Andrew. — Sim, claro. Farei com que receba cópias dos documentos antes de esboçarmos o acordo. E far-me-á o mesmo relativamente ao Cellini.

— Posso tratar disso hoje mesmo. A minha assistente pode fazer-lhos chegar ao hotel.

— Ótimo. Agradecia.

— Bem, deixo-vos a tratar dos pormenores.

Mas quando ela se levantou, ele levantou-se também e pegou-lhe novamente na mão. — Gostaria de saber se seria muito pedir-lhe que me mostrasse um pouco do Instituto. O Andrew disse-me que os laboratórios e os serviços de restauro são alçada sua. Gostaria muito de os ver.

— Eu...

Antes de ela se poder desculpar, Andrew levantou-se e deu-lhe uma pancada não muito subtil nas costas. — Não podias estar em melhores mãos. Encontrar-me-ei de novo aqui contigo daqui a algumas horas, Ryan. Então veremos aquele guisado de amêijoas que te prometi.

— Estou deseioso... As minhas galerias são para a exibição de arte — começou ele, mantendo casualmente a mão de Miranda na sua enquanto percorriam o corredor até à ala seguinte. — Não sei quase nada acerca da ciência da arte. Alguma vez dá por si com dificuldade em fundir as duas coisas?

— Não, sem uma não existiria a outra. — Percebendo que a sua resposta fora abrupta, Miranda inspirou lentamente. O homem punha-a nervosa, suficientemente nervosa para se notar. Assim não podia ser. — O Instituto foi construído para albergar as duas, ou, poder-se-á dizer, celebrar as duas. Enquanto cientista que estuda arte, eu gosto muito disso.

— Eu fui um péssimo aluno a ciências — disse ele, com um sorriso tão encantador que ela sorriu em resposta.

— Tenho a certeza de que deveria ter outros pontos fortes.

— Gosto de pensar assim.

Ele era um homem observador e reparou cuidadosamente no espaço entre as alas e na localização das escadas, gabinetes, armazéns, janelas. E, claro, nas câmaras de segurança. Era exactamente como constava das suas informações. Ainda assim, transcreveria mais tarde as observações em notas pormenorizadas. Mas naquele momento preencheu-as simplesmente na cabeça enquanto apreciava a suave fragrância do perfume de Miranda.

Nada evidente para a Dra. Jones, pensou. Nada obviamente feminino. E o odor campestre que imaginava vir do sabão em vez de um frasco delicado assentava-lhe que nem uma luva, decidiu ele.

No final do corredor, ela virou para a direita e depois parou para passar o cartão de acesso numa ranhura ao lado de uma porta de metal cinzenta. Ouviu-se uma campainha e as fechaduras abriram. Ryan olhou de relance para a câmara que estava por cima.

— A nossa segurança interna é bastante apertada — começou ela. — Ninguém entra neste departamento sem uma chave ou um acompanhante. Fazemos frequentemente testes independentes para particulares e para outros museus.

Conduziu-o até um local muito parecido com a Standjo, em Florença, embora numa menor escala. Os técnicos trabalhavam em computadores e microscópios, ou entravam apressadamente em antessalas.

Ela reparou num membro do pessoal a trabalhar num vaso antigo e levou Ryan até ele. — Stanley, o que nos podes dizer acerca disto?

O técnico coçou o bigode louro e inspirou através de dentes ligeira-

mente tortos. — O seu pai enviou esta peça da escavação no Utah, juntamente com outros artefactos. Este é provavelmente Anasazi, século doze, e era usado como recipiente para cozinhar.

Pigarreou, lançando um olhar rápido a Miranda. — A beleza é que está praticamente intacto, apenas com esta pequena falha no rebordo.

— Porquê um recipiente para cozinhar? — Perguntou Ryan, e Stanley pestanejou.

— Pelo formato, tamanho, espessura.

— Obrigada, Stanley. — Miranda virou-se novamente para Ryan e quase esbarrou nele, já que ele se aproximara enquanto ela estivera voltada de costas. Ela deslocou-se imediatamente para o lado, mas sem antes reparar que ele era uns cinco centímetros mais alto do que ela. E aquele brilho de divertida percepção nos olhos dele fazia a sua cara ir para além do sensual, directamente para o erótico.

Ela ouviu o maldito tinido outra vez.

— Somos acima de tudo um instituto para a arte, mas como os interesses do meu pai se situam na área da arqueologia, temos uma secção para exibição de artefactos e fazemos bastantes testes e datação nessa área. Não é o meu campo. Agora isto...

Miranda dirigiu-se a um armário, abriu uma gaveta e retirou lá de dentro um pequeno saco castanho. Transferiu os pequenos pedaços de tinta do interior para uma lamela e inseriu-a num microscópio desocupado.

— Dê uma olhadela — convidou ela. — Diga-me o que vê.

Ele dobrou-se e ajustou o foco. — Cor, forma, interessante como um quadro de Pollock. — Endireitou-se e fixou aqueles olhos cor de brandy nos dela. — O que é que eu estou aqui a ver, Dra. Jones?

— Uma raspagem de um Bronzino que estamos a restaurar. O quadro é indiscutivelmente do século dezasseis. Retiramos uma amostra por segurança antes de iniciarmos o trabalho e outra depois de o trabalho estar finalizado. Desta forma não há dúvidas de que recebemos uma obra autêntica e que devolvemos a mesma obra aos seus proprietários depois do trabalho terminado.

— Como é que sabe que se trata de um quadro do século dezasseis?

— Quer uma aula sobre ciência, Sr. Boldari?

— Ryan... podemos tratar-nos por tu. Miranda é um nome encantador. — A voz dele era como nata quente sobre uísque e fazia-lhe cócegas. — E eu podia realmente gostar dessa aula sobre ciência se fosse com a professora certa.

— Terás de te inscrever numa turma.

— Os estudantes fracos saem-se melhor com aulas particulares. Janta comigo esta noite.

— Sou má professora.

— Janta comigo de qualquer forma. Podemos discutir arte e ciência, e posso falar-te dos Vasaris. — Ele tinha pressa em erguer a mão e brincar com os caracóis rebeldes que escapavam à sua prisão. Ela saltaria como um coelho, decidiu ele. — Chamar-lhe-emos jantar de negócios, se isso te deixa mais confortável.

— Não me sinto desconfortável.

— Então, está bem. Apanho-te às sete. Sabes, — continuou ele, deslizando a mão novamente sobre a dela, — adorava ver aquele Bronzino. Admiro a pureza formal do teu trabalho.

Antes que ela pudesse pensar em como libertar a mão, ele já a enfiara confortavelmente no braço, dirigindo-se para a porta.

SEIS

Ela não sabia porque tinha concordado com o jantar. Embora, pensando bem na conversa, não tivesse realmente concordado. O que não explicava porque é que se estava a vestir para sair.

Ele era um sócio, lembrou a si mesma. A Galeria Boldari era famosa pela sua elegância e exclusividade. A única vez que estivera em Nova Iorque e conseguira arranjar uma hora livre para a visitar, ficara impressionada com a subtil grandiosidade do edifício, quase tanto como com a própria arte.

Não faria mal ao Instituto que ela ajudasse a estabelecer uma ligação entre uma das galerias mais glamorosas do país e a organização Jones.

Ele queria jantar para discutir negócios. Ela certificar-se-ia de que as coisas se mantivessem na arena dos negócios. Mesmo que aquele sorriso enviasse pequenas fagulhas de puro desejo directamente ao seu âmagô.

Se ele queria namoriscá-la, muito bem. Com tinido ou sem tinido, namoricos não a afectavam. Afinal, ela não era uma tontinha facilmente impressionável. Homens com o aspecto de Ryan Boldari nasciam com a capacidade de seduzir totalmente desenvolvida.

Ela gostava de pensar que já nascera imune a tais talentos.

Ele tinha os olhos mais incríveis. Olhos que olhavam para uma pessoa como se tudo, exceptuando ela, tivesse simplesmente desaparecido.

Quando Miranda percebeu que suspirara e fechara os seus, resmungou por entre dentes e puxou o fecho das costas do vestido.

Fora apenas por uma questão de orgulho e cortesia profissional que decidira esmerar-se no visual aquela noite. A primeira vez que o vira parecia uma estudante mal-arranjada. Naquela noite ele veria que ela era uma mulher madura e sofisticada sem qualquer dificuldade em lidar com um homem a uma refeição.

Miranda escolhera um vestido preto de lã fina com um decote profundo que revelava a elevação dos seus seios firmes. As mangas eram longas e quentes, a saia estreita e fluida até aos tornozelos. Acrescentara uma excelente reprodução de uma cruz bizantina inquestionavelmente sexy. A haste vertical ornamentada repousava aconchegadamente no sulco entre os seios.

Apanhou o cabelo utilizando ganchos dispostos aleatoriamente. O resultado, de acordo com a sua opinião, era descuidadamente sexy.

Era um bom visual, concluiu ela, um visual confiante e muito distante da palerma demasiado alta e socialmente inapta que fora nos tempos de estudante. Ninguém que olhasse para esta mulher perceberia que sentia um nó no estômago por causa de um simples jantar de negócios, ou que se preocupava em esgotar o assunto de conversa antes de serem servidos os aperitivos.

Toda a gente veria segurança e estilo, pensou. Todos, incluindo ele, veriam exactamente o que ela queria que se visse.

Agarrou na bolsa, esticou o pescoço para examinar o traseiro ao espelho e para se certificar de que o vestido não o fazia parecer demasiado grande, e depois desceu as escadas.

Andrew estava na sala a beber o segundo uísque. Baixou o copo quando ela entrou e ergueu as sobrancelhas.

— Bem, uau!

— Andrew, és um poeta. Pareço gorda com isto?

— Não existe uma resposta certa para essa pergunta. Ou se existe, ainda nenhum homem a descobriu. Assim sendo... — Levantou o copo num brinde. — Abstenho-me.

— Cobarde. — E porque o seu estômago estava demasiado agitado, Miranda serviu-se de meia taça de vinho branco.

— Não estarás demasiado aperaltada para um jantar de negócios?

Ela bebeu um gole de vinho, deixando a bebida escorrer para acalmar alguns dos nervos do estômago. — Não foste tu que me deste um sermão de vinte minutos esta tarde em como seria benéfica para nós uma ligação à Galeria Boldari?

— Sim. — Mas semicerrou os olhos. Embora Andrew não visse muitas vezes a irmã como mulher, via-a naquele momento. Ela estava deslumbrante, pensou desconfortavelmente. — Ficaste apanhada por ele?

— Controla-te.

— Ficaste?

— Não. Não exactamente — corrigiu ela. — E se tivesse ficado, ou se estiver a ficar, sou uma mulher adulta que sabe como se conter e comportar-se.

— Onde é que vão?

— Não perguntei.

— As estradas ainda estão em bastante mau estado.

— É Março, e estamos no Maine; claro que as estradas estão uma porcaria. Não te armes em meu pai, Andrew. — Deu-lhe umas pancadinhas na

bochecha ao afirmar isso, já mais relaxada porque ele não estava. — Deve ser o Ryan — acrescentou ela quando a campainha tocou. — Comportate.

— Por três Vasaris, comportar-me-ei — murmurou ele, mas franzindo o sobrolho ao ver Miranda dirigir-se à porta. Às vezes esquecia-se o quão provocante ela podia parecer se perdesse algum tempo com isso. O facto de ela se ter realmente preocupado provocou-lhe uma comichão entre as omoplatas.

A comichão poderia ter-se transformado em ardor se ele tivesse visto a forma como os olhos de Ryan brilharam, a forma como entraram em ebulição quando Miranda abriu a porta.

Era um soco directo ao estômago, pensou Ryan, para o qual deveria estar melhor preparado. — Pareces algo que Ticiano poderia ter pintado. — Pegou na mão dela, mas desta vez entrou e roçou os lábios pelas suas faces: primeiro uma, depois a outra, ao estilo europeu.

— Obrigada. — Ela fechou a porta e resistiu à necessidade de se encostar a esta para recuperar o equilíbrio. Havia algo de poderoso e desconcertante no modo como as botas de salto alto faziam os seus olhos e bocas ficarem à mesma altura. Como ficariam na cama, pensou ela.

— Andrew está na sala de estar — disse-lhe ela. — Queres entrar por alguns instantes?

— Sim, claro. Têm uma casa fabulosa. — Ryan observou o hall de entrada e deitou uma olhadela às escadas enquanto a seguia em direcção à sala. — Dramática e confortável ao mesmo tempo. Devias contratar alguém para a pintar.

— O meu avô fez um retrato a óleo. Não é muito bom, mas gostamos dele. Posso servir-te uma bebida?

— Não, nada. Olá, Andrew. — Estendeu a mão para o cumprimentar. — Vou roubar a tua irmã por esta noite, a não ser que gostasses de nos fazer companhia.

Ryan jogara com as probabilidades durante toda a vida, mas amaldiçoava-se agora ao ver que Andrew considerava a hipótese. Embora não estivesse ciente de que Miranda estivesse a semicerrar os olhos e a fazer expressões ameaçadoras atrás das suas costas, Ryan sentiu-se aliviado quando Andrew acenou negativamente com a cabeça.

— Agradeço, mas tenho outros planos. Divirtam-se vocês dois.

— Vou buscar o meu casaco.

Andrew acompanhou-os à porta e depois tirou também o casaco do armário. Os seus planos tinham mudado. Já não lhe apetecia beber sozinho. Preferia embebedar-se acompanhado.

• • •

Miranda contraiu os lábios ao deslizar para dentro da limusina. — Viajas sempre assim?

— Não. — Ryan sentou-se ao lado dela, tirou uma rosa branca de uma jarra e ofereceu-lha. — Mas tinha um apetite por champanhe que não podia satisfazer se fosse a conduzir. — Para o provar, retirou uma garrafa já aberta de *Cristal* de um balde com gelo e serviu-lhe uma taça.

— Jantares de negócios raramente começam com rosas e champanhe.

— Mas deviam. — Ele serviu a sua própria taça e encostou-a à dela. — Quando incluem mulheres atraentes. Ao início de uma relação interessante.

— Sociedade — corrigiu ela, bebendo o champanhe. — Estive na tua galeria de Nova Iorque.

— Estiveste? E o que é que achaste?

— Íntima. Glamorosa. Uma pequena jóia polida que tem arte como facetas.

— Sinto-me lisonjeado. A nossa galeria em São Francisco é mais arejada, tem mais luz e espaço. Lá centramo-nos em arte contemporânea e moderna. O meu irmão Michael tem uma ligação muito forte a esse tipo de arte. Eu prefiro a clássica... e a íntima.

A voz dele provocou suaves arrepios na pele de Miranda. *Um sinal significativo e perigoso*, pensou ela. — Então Boldari é uma empresa familiar.

— Sim. Como a tua.

— Duvido — murmurou ela. *Faz conversa*, lembrou a si mesma. Era uma mulher segura. Podia manter uma conversa. — Como é que te envolveste com a arte?

— Os meus pais são artistas. Durante a maior parte do tempo ensinam, mas as aguarelas da minha mãe são espantosas. O meu pai esculpe estruturas de metal complicadas que ninguém, exceptuando o Michael, parece compreender. Mas alimenta-lhe a alma.

Ryan mantinha os olhos fixos directamente nos dela enquanto falava, o que lhe provocava insistentes ondas de desejo sexual. — E pintas ou esculpes? — Perguntou ela.

— Não, não tenho habilidade para nada disso, ou talento. Foi uma enorme decepção para os meus pais nenhum dos seis filhos ter talento para criar arte.

— Seis. — Miranda pestanejou. — Seis filhos.

— A minha mãe é irlandesa, o meu pai italiano. — Fez um sorriso breve e charmoso. — Que mais podiam fazer? Tenho dois irmãos, três ir-

mãs, e sou o mais velho de todos. Tens um cabelo fascinante — murmurou ele, enrolando um caracol solto no dedo. E estava certo. Ela deu um salto. — Como é que consegues manter as mãos afastadas dele?

— É ruivo e indomável, e se eu não ficasse parecida com uma azálea de um metro e oitenta, cortava-o bem curto.

— Foi a primeira coisa que reparei em ti. — O olhar dele desceu e fixou-se outra vez no dela. — Depois foram os teus olhos. És feita de cores e formas arrojadas.

Ela esforçou-se por reprimir a imagem fascinante de segurar na lapela dele e de o puxar para si, juntando os corpos até estes se tornarem um emaranhado de membros no banco traseiro. E apesar de lutar por se controlar, não parava de se remexer. — Como a arte moderna?

Ele riu por entre dentes. — Não, demasiado pragmatismo clássico para isso. Gosto da tua aparência — disse ele quando a limusina encostou e parou. Quando a porta abriu, pegou-lhe na mão para a ajudar a sair. A sua boca quase roçou na orelha dela. — Vejamos se gostamos da companhia um do outro.

• • •

Ela não conseguia dizer quando tinha começado a relaxar. Talvez tivesse sido durante a terceira taça de champanhe. Tinha de admitir que ele era amável – talvez um pouquinho de mais – mas funcionava. Há muito tempo que não se sentava numa mesa à luz de velas em frente a um homem, e quando o homem tinha um rosto que pertencia a um quadro renascentista, era impossível não apreciar o momento.

E ele escutava. Podia alegar ter sido um mau aluno a ciências, mas fazia perguntas e parecia interessado nas respostas. Talvez estivesse simplesmente a deixá-la à vontade conduzindo a conversa para o plano profissional, mas ela estava grata pelos resultados.

Miranda não conseguia lembrar-se da última vez que passara a noite a falar do trabalho e, ao falar nisso, lembrou-se porque é que gostava tanto do que fazia.

— É a descoberta — disse-lhe ela. — O estudo de uma obra de arte e descobrir a sua história, a sua individualidade, a sua personalidade.

— Dissecá-la?

— De certa forma, sim. — Era tão agradável estar assim sentada, no quente aconchego do restaurante com uma lareira acesa por perto e o mar gelado e escuro mesmo do outro lado da janela. — A tinta em si, depois as pinceladas, o tema, o propósito. Todas as partes podem ser estudadas e analisadas para encontrar as respostas.

— E não sentes, no final, que a resposta é simplesmente a própria arte?

— Sem a história e a análise, é apenas um quadro.

— Quando algo é belo, isso basta. Se eu fosse analisar o teu rosto, analisaria os olhos, o seu azul profundo, a sua inteligência, a ponta de tristeza. E a desconfiança — acrescentou ele com um sorriso. — A tua boca, suave, ampla, relutante em sorrir. As tuas maçãs-do-rosto, salientes, aristocráticas. O teu nariz, fino, elegante. Separando tudo, estudando, analisando, chegaria ainda assim à conclusão de que és uma mulher belíssima. E posso fazer isso recostando-me apenas e admirando o todo.

Ela brincava com o peixe, tentando não ficar demasiado agradada ou encantada. — Isso foi perspicaz.

— Sou um homem perspicaz, e não confias em mim.

O olhar dela ergueu-se de novo em direcção ao dele. — Não te conheço.

— Que mais te posso dizer? Venho de uma família grande, ruidosa e étnica, cresci em Nova Iorque e estudei, sem muito entusiasmo, na Columbia. Depois, como não sou artístico, mudei para o negócio da arte. Nunca casei, o que desagradava a minha mãe, e de tal forma que houve uma altura em que considerei seriamente a hipótese, mas apenas por breves momentos.

Ela arqueou uma sobrancelha. — E rejeitaste-a?

— Naquela altura específica, com aquela mulher em particular. Falta-nos uma faísca. — Inclinou-se mais, para prazer dela e porque gostava do estado de alerta que surgia nos olhos dela quando o fazia. — Acreditas em faíscas, Miranda?

Ela imaginava que as faíscas devessem ser primas dos tinidos. — Acho que alimentam a atracção inicial, mas as faíscas extinguem-se e não são suficientes para a longa caminhada.

— És muito racional — concluiu ele. — Eu sou um romântico. Tu analisas e eu aprecio. É uma combinação interessante, não achas?

Miranda mexeu o ombro, descobrindo que já não estava assim tão relaxada. Ele tinha a mão dela outra vez, e brincava simplesmente com os seus dedos sobre a mesa. Ryan tinha um hábito de tocar a que ela não estava habituada e que a fazia sentir demasiado bem as faíscas.

As faíscas tinham uma luz bonita, lembrou a si mesma. Mas também podiam queimar.

Ficar assim tão rápida e escandalosamente atraída por ele era perigoso e era ilógico. Tinha tudo a ver com glândulas e nada com o intelecto.

Assim sendo, era algo que podia e seria controlado, concluiu ela.

— Não compreendo os românticos. Tomam decisões com base em

sentimentos e não em factos. — Andrew era um romântico, e ela sofria por ele. — Depois admiram-se quando essas decisões se revelam erradas.

— Mas divertimo-nos muito mais do que os racionais. — Ryan percebeu que se sentia muito mais atraído por ela do que esperara. E não era apenas a sua aparência, concluiu enquanto os pratos eram levantados. Era aquele sentido pragmático a que era difícil resistir.

E, sim, os enormes olhos tristes.

— Sobremesa? — perguntou ele.

— Não, não consigo. Foi uma refeição maravilhosa.

— Café?

— É muito tarde para tomar café.

Ele sorriu, totalmente encantado. — És uma mulher metódica, Miranda. Gosto disso. — Ainda a observá-la, fez sinal para que lhe trouxessem a conta. — Porque não damos um passeio a pé? Podias mostrar-me o porto.

• • •

— Cabo Jones é uma cidade segura — começou ela quando caminhavam através do vento gelado que açoitava a água. A limusina seguia-os em marcha lenta, um facto que a divertia e desconcertava. Por mais que tivesse vindo de uma família abastada, nenhum Jones alugaria alguma vez uma limusina para acompanhar um passeio a pé. — É muito boa para caminhar. Há diversos parques. São lindos na Primavera e no Verão. Árvores sombrias, canteiros de flores. Nunca cá estiveste?

— Não. A tua família já vive aqui há muitas gerações?

— Sim. Sempre existiram Jones em Cabo Jones.

— É por isso que vives aqui? — Os dedos enluvados brincavam com os dela, cabedal deslizando sobre cabedal. — Porque assim se espera?

— Não. É de onde eu venho, onde estou. — Era difícil explicar, mesmo a si própria, o quão profundamente enterradas estavam as suas raízes naquele solo rochoso de Nova Inglaterra. — Gosto de viajar, mas é aqui que quero estar quando é hora de regressar a casa.

— Então fala-me de Cabo Jones.

— É uma cidade tranquila que evoluiu de uma aldeia piscatória para uma comunidade que dá ênfase à cultura e ao turismo. Uma série de habitantes ainda ganha a vida no mar. Aquilo a que chamamos porto é na realidade a Rua Comercial. A pesca da lagosta é lucrativa; exportamos para o mundo inteiro.

— Alguma vez fizeste isso?

— O quê?

— Pescar lagostas.

— Não. — Miranda sorriu levemente. — Consigo ver os barcos e bóias da falésia atrás da casa. Gosto de observar.

Observa em vez de participar, pensou ele.

— Esta zona é o Porto Velho — continuou ela. — Encontras muitas galerias nesta parte da cidade. Talvez gostasses de visitar algumas antes de te ires embora.

— Sim.

— A cidade é mais atractiva na Primavera, quando podemos fazer uso dos parques e das praias. Há algumas belas extensões de charcos e areia, vistas da baía e das ilhas. Mas no Inverno pode ser um postal. O lago gela no Parque Atlântico e as pessoas vêm patinar no gelo.

— Também patinas? — Ryan colocou-lhe um braço em volta dos ombros para a proteger do vento cortante. Os corpos colidiram.

— Sim. — O sangue dela fervilhava, a garganta estava seca. — É um excelente exercício.

Ele riu, e mesmo no limite externo do foco de luz emitido pelo candeeiro de rua, voltou-a para si. Agora tinha as mãos nos ombros dela, e o vento que batia nas suas costas levantava-lhe os cabelos. — Então é pelo exercício e não pela diversão.

— Eu gosto. Mas nesta época do ano já não se patina.

Ele conseguia sentir os nervos dela, a vibração sob as suas mãos. Intrigado, puxou-a um pouco mais para si. — E como é que te exercitas nesta altura do ano?

— Caminho bastante. Nado quando posso. — A pulsação dela começava a disparar, uma sensação em que não podia confiar. — Está muito frio para estarmos parados.

— Então porque não consideramos exercício esta partilha de calor corporal? — Ele não tinha a intenção de a beijar. Eventualmente, sim, claro, mas não tão cedo. Ainda assim, não lhe havia mentido ao dizer que era um romântico. E o momento exigia isso.

Roçou os lábios nos dela, testando, de olhos abertos como ela. A prudência nos dela fê-lo sorrir e saboreá-la uma segunda vez. Ele era um homem que acreditava na prática até se tornar experiente num assunto do seu agrado. Sendo muito experiente com as mulheres, aqueceu pacientemente os lábios de Miranda com os seus até os dela relaxarem, abrirem, até ela baixar as pálpebras e suspirar suavemente para dentro da sua boca.

Talvez fosse tolice, mas que mal poderia fazer? O pequeno debate racional na cabeça dela desvanecia-se para sussurros à medida que era tomada pela sensação. A boca dele era firme e persuasiva, o corpo longo e

rijo. Ele sabia vagamente ao vinho que tinham partilhado e era igualmente excitante e exótico.

Miranda deu por si a encostar-se nele e a agarrar-lhe o casaco pela zona da cintura. E a sua mente ficou desorientada de prazer.

De repente as mãos dele estavam a emoldurar-lhe o rosto, o cabedal frio e suave das luvas um choque para o seu cérebro sonhador. Miranda abriu os olhos e viu que os dele tinham uma intensidade ardente que o beijo fácil não previra.

— Tentemos novamente.

Desta vez a boca dele foi rude e quente, invadindo a dela até a sua cabeça ressoar com sons idênticos aos do mar abaixo da falésia de sua casa. Havia ali exigência, e a certeza arrogante de que seria correspondido. Enquanto a sua mente se retraía, decidida a recusar, a boca respondia.

Ele sabia o que era querer. Ele quisera muita coisa na vida e empenhara-se em concretizar os seus desejos. Querê-la era aceitável, até esperado. Mas querê-la naquele momento, com aquela violência, era perigoso. Até um homem que jogava por opção sabia evitar riscos desnecessários.

Mesmo assim, demorou o tempo suficiente para ter a certeza de que passaria uma noite muito desconfortável, sozinho. Não podia dar-se ao luxo de a seduzir, de a levar para a cama. Havia trabalho a fazer, e a altura certa já estava determinada. Acima de tudo, não podia dar-se ao luxo de gostar dela. Apegar-se a um peão era uma maneira certa de perder o jogo.

Ele nunca perdia.

Afastou-a de si, observando-lhe o rosto. As bochechas estavam coradas, do frio e do calor. Os olhos ainda estavam enevoados com uma paixão que ele pensava tê-la surpreendido tanto quanto a si mesmo. Ela estava a tremer quando ele baixou novamente as mãos até aos seus ombros. E ela não disse nada.

— É melhor levar-te a casa. — Por mais que se amaldiçoasse, o sorriso foi suave e fácil.

— Sim. — Ela queria sentar-se, acalmar-se. Pensar outra vez. — Está a ficar tarde.

— Mais um minuto, — murmurou ele, — e teria sido tarde de mais. — Pegando na mão dela, conduziu-a à limusina. — Vais muitas vezes a Nova Iorque?

— De vez em quando. — O calor parecia concentrar-se numa bola nas suas entranhas. O resto do corpo estava frio, muito frio.

— Diz-me quando tiveres planos para ir até lá. E eu ajustarei os meus.

— Está bem — ouviu-se dizer, e não se sentiu nada tola.

• • •

Miranda cantava no chuveiro. Era algo que nunca costumava fazer. Não precisava que lhe dissessem que tinha uma voz medonha, quando podia constatar isso mesmo. Mas naquela manhã cantava a plenos pulmões «Making Whoopee». Não fazia ideia por que razão aquela música não lhe saía da cabeça – não fazia ideia que até sabia a letra – mas gorgolejava-a enquanto a água lhe escorria pela cabeça.

Ainda estava a cantarolar quando saiu para se secar.

Dobrando-se pela cintura, envolveu o cabelo com uma toalha enquanto bamboleava as ancas. Não era melhor a dançar, embora conhecesse todos os passos. Os membros do Conselho das Artes que a tinham conduzido nas suas rígidas valsas teriam ficado chocados ao ver a plácida Dra. Jones a saracotear-se pela casa de banho.

Deu risadinhas ao pensar nisso, um som tão raro que teve de parar para retomar o fôlego. Percebeu com uma certa surpresa que estava feliz. Realmente feliz. Isso também era uma coisa rara. Sentia-se muita vezes contente, envolvida, satisfeita ou desafiada. Mas sabia que a simples felicidade lhe escapava muitas vezes.

Era maravilhoso senti-la agora.

E porque não? Enfiou um robe de veludo frisado e amaciou os braços e pernas com um creme corporal ligeiramente perfumado. Estava interessada num homem bastante atraente e ele estava interessado nela. Ele gostava da sua companhia, apreciava o seu trabalho, achava-a atraente tanto no plano físico como no intelectual.

Não se sentia intimidado, como tantos outros, com a sua posição ou personalidade. Era encantador, bem sucedido – já para não dizer lindo – e fora suficientemente civilizado para não se aproveitar de uma vantagem óbvia para tentar levá-la para a cama.

Teria ela ido? Pensou Miranda enquanto limpava apressadamente o espelho embaciado. Normalmente a resposta teria sido um firme não. Ela não se entregava a aventuras amorosas e ponto final. Já haviam passado dois anos desde que tivera um namorado, e as coisas tinham acabado tão mal que ela resolvera evitar até relacionamentos casuais.

Mas a noite anterior... Sim, ela achava que poderia ter sido persuadida. Contra a sua convicção, podia ter-se deixado levar. Mas ele respeitara-a o suficiente para não lhe perguntar.

Continuou a cantarolar enquanto se arranjava para o dia de trabalho, escolhendo um fato de lã com uma saia curta e casaco comprido num bonito tom de azul. Maquillhou-se cuidadosamente e deixou os cabelos soltos. Num último acto de desafio feminino contra os elementos,

enfiou uns sapatos de salto alto.

Saiu para o trabalho na escuridão gelada, continuando ainda a cantar.

• • •

Andrew acordou com a mãe de todas as ressacas. Não sendo capaz de suportar os próprios gemidos, tentou aliviar-se com comprimidos. A sobrevivência era mais forte do que a infelicidade e ele explodiu, lutando por respirar e agarrando a cabeça para a impedir de cair dos ombros.

Depois largou-a, rezando para que a dor passasse.

Levantou-se lentamente da cama. Enquanto cientista, sabia que não era possível os ossos estilhaçarem realmente, mas tinha medo que estes desafiassem as leis da física e fizessem precisamente isso.

A culpa era de Annie, decidiu. Ela aborrecera-se o suficiente com ele na noite anterior para o deixar beber até cair. Ele contara com ela para o travar, como fazia habitualmente. Mas não, ela não tinha parado de lhe servir bebidas sempre que ele as pedia.

Lembrava-se vagamente de ela o enfiar dentro de um táxi e de dizer alguma coisa como esperar que ele ficasse bastante maldisposto.

Ela conseguira realizar o desejo, pensava ele enquanto descia as escadas aos tropeções. Se se sentisse pior, estaria morto.

Quando viu que já havia café, pronto e quente, quase chorou de amor e gratidão pela irmã. Com mãos trémulas e atrapalhadas, tirou quatro *Excedrin* extra-fortes da embalagem e engoliu-os com café que lhe escaldou a boca.

Nunca mais, prometeu a si mesmo, pressionando os dedos sobre os olhos raiados de sangue. Nunca mais se embebedaria daquela maneira. Enquanto fazia a promessa, o desejo dissimulado de apenas um copo fê-lo estremecer. Apenas um copo para lhe acalmar as mãos e o estômago.

Mas recusou, dizendo para si mesmo que havia uma diferença entre cometer-se excessos e o alcoolismo. Se tomasse uma bebida às sete da manhã, seria um alcoólico. Mas às sete da tarde não tinha problema. Ele podia esperar. Ia esperar. Doze horas.

O soar da campainha da porta trespassou-lhe o crânio como uma lâmina bem afiada. Ele quase gritou. Em vez de responder, sentou-se à mesa da cozinha, deitou a cabeça e rezou para que se esquecesse de tudo.

Já quase adormecera quando a porta das traseiras se abriu, deixando entrar uma corrente de ar gelada e uma mulher furiosa.

— Pensei que estavas enrolado nalgum sítio a sentir pena de ti mesmo. — Annie pousou um saco de compras em cima da bancada, bateu com

as mãos nas ancas e lançou-lhe um olhar carrancudo. — Olha para ti, Andrew. Metes dó. Meio despido, barba por fazer, olhos vermelhos e a cheirares mal. Vai tomar um duche.

Ele levantou a cabeça para olhar para ela. — Não quero.

— Vai tomar um duche enquanto eu te preparo o pequeno-almoço. — Quando ele tentou baixar de novo a cabeça, ela agarrou-o simplesmente pelos cabelos e puxou-a outra vez. — Estás apenas a ter o que mereces.

— Meu Deus, Annie! Vais arrancar-me a cabeça.

— E tu sentir-te-ias consideravelmente melhor se eu fizesse isso. Agora levanta-me esse rabo magricela da cadeira e vai-te lavar. E usa alguma pasta de dentes extra-forte. Estás a precisar.

— Jesus! Que raios estás tu a fazer aqui? — Ele não achara que haveria espaço para constrangimento na fúria da ressaca, mas estava errado. Podia sentir o enrubescimento – uma maldição da sua tez – subir do peito em direcção à cara. — Vai-te embora.

— Vendi-te a bebida. — Annie soltou-lhe os cabelos, e a cabeça dele caiu para cima da mesa com um baque que o fez gritar. — Enfureceste-me, por isso deixei-te continuar a beber. Por isso vou preparar-te um pequeno-almoço decente e assegurar-me de que te vais arranjar e trabalhar. Agora vai tomar um duche, ou levo-te para cima e enfió-te eu mesma na banheira.

— Ok, ok. — Qualquer coisa era melhor do que tê-la a chateá-lo. Com a dignidade possível de quem está apenas de boxers, levantou-se. — Não quero comer nada.

— Vais comer o que eu te preparar. — Annie voltou-se para a bancada e começou a despejar o saco. — Agora sai daqui. Cheiras como o chão de um bar de segunda categoria.

Esperou até o ouvir afastar-se e depois fechou os olhos e encostou-se à bancada.

Oh, ele estava tão patético. Tão triste, maldisposto e tolo. Ela tivera vontade de o abraçar, de o acalmar, de lhe fazer festas e livrá-lo de todos aqueles venenos. Venenos que lhe vendera porque estava furiosa, pensou com remorso.

Na realidade, o problema não era o álcool, pensou ela. Era o coração dele, e ela não sabia como alcançá-lo.

Perguntou-se se conseguiria se gostasse dele um pouco menos.

Ouviu a água a correr pelos canos quando ele ligou o chuveiro e isso fê-la sorrir. Ele era tão parecido com aquela casa, pensou. Um pouco gasto, um pouco danificado, mas surpreendentemente robusto no seu interior.

Só não conseguia ver que Elise, com toda a sua inteligência e beleza, não fora a pessoa certa para ele. Haviám formado um belo casal, inteligente

e brilhante, mas fora tudo superficial. Ela não compreendera o seu íntimo, a necessidade de doçura e a dor que sentia no coração por não se achar digno de ser amado.

Andrew precisava que cuidassem dele.

Isso ela podia fazer, decidiu Annie arregaçando as mangas. Quanto mais não fosse, podia coagi-lo a encontrar de novo o chão.

Os amigos ajudavam-se, disse para si mesma.

A cozinha estava cheia de aromas caseiros quando ele regressou. Se não fosse Annie estar ali, ele provavelmente ter-se-ia trancado no quarto. O duche ajudara e os comprimidos tinham eliminado o pior da ressaca. Ainda havia uns resquícios a embrulhar-lhe o estômago e a ribombarem-lhe na cabeça, mas ele achava que já conseguia lidar com isso.

Clareou a garganta e pôs um sorriso. — Cheira muito bem.

— Senta-te — disse-lhe ela sem se virar.

— Ok. Desculpa, Annie.

— Não precisas de me pedir desculpa. Devias pedir desculpa a ti mesmo. O prejudicado aqui és tu.

— Desculpa, de qualquer forma. — Olhou para a tigela que ela colocou à sua frente. — Papas de aveia?

— Vão forrar-te o estômago.

— A Sra. Patch costumava obrigar-me a comer papas de aveia — disse ele, pensando na mulher que cozinhará para eles quando ele era criança. — Todos os dias antes de ir para a escola, no Outono, Inverno e Primavera.

— A Sra. Patch sabia o que era bom para ti.

— Ela costumava acrescentar um pouco de xarope de ácer.

Sentindo os lábios contorcerem-se, Annie dirigiu-se a um armário. Conhecia a cozinha dele tão bem quanto a sua. Pôs a garrafa de xarope em frente dele e acrescentou um prato de pão torrado. — Come.

— Sim, senhora. — Deu cuidadosamente uma primeira dentada, com receio de que as coisas não se agentassem no estômago. — É bom. Obrigado.

Quando Annie viu que ele estava a conseguir comer e que a sua tez já não era acinzentada, sentou-se em frente dele. Os amigos ajudavam-se, pensou novamente. E eram honestos uns com os outros.

— Andrew, tens de parar de fazer isto a ti próprio.

— Eu sei. Não devia ter bebido tanto.

Ela esticou o braço e tocou-lhe na mão. — Se tomares um copo, tomas outro a seguir, e mais outro.

Aborrecido, ele encolheu os ombros. — Não há nada de errado em tomar um copo de vez em quando.

— Há, quando se é um alcoólico.

— Eu não sou.

Ela recostou-se. — Eu tenho um bar e fui casada com um bêbado. Conheço os sinais. Existe uma diferença entre alguém que bebe alguns copos a mais e alguém que não consegue parar.

— Eu consigo parar. — Pegou no café que ela lhe servira. — Não estou a beber agora, estou? Não bebo no trabalho. E não deixo que a bebida afecte o meu trabalho. Não me embebedo todas as noites.

— Mas bebes todas as noites.

— Eu e meio mundo. Que diferença há entre dois copos de vinho ao jantar e um *shot* ou dois à noite?

— Terás de descobrir isso por ti próprio. Como eu. Estávamos ambos meio bêbados na noite em que... — Custava falar. Ela achava que estaria preparada, mas o assunto magoava-a e ela não conseguiu continuar.

— Meu Deus, Annie. — Recordar fê-lo passar uma mão pela cabeça, desejando que o novelo de vergonha e culpa não tivesse acabado de lhe cair no estômago. — Éramos apenas miúdos.

— Éramos suficientemente crescidos para fazermos um bebé. — Annie contraiu os lábios. Por mais que lhe custasse, exteriorizaria pelo menos uma parte. — Éramos estúpidos, inocentes e irresponsáveis. Já aceitei esse facto. — Oh, Deus, como ela tentava aceitar isso. — Mas o que aconteceu ensinou-me o que podemos perder, o que pode acontecer se não nos controlarmos. Tu não te estás a controlar, Andrew.

— Uma noite há quinze anos atrás não tem nada a ver com o que se passa agora. — No mesmo instante em que pronunciou as palavras, no preciso momento em que viu a forma como ela se encolhera, arrependeu-se do que tinha dito. — Eu não queria dizer isto, Annie. Não é que não tenha importado. Eu só...

— Pára. — A voz dela era fria e distante. — Não digas mais nada. Estamos melhor quando fingimos que não aconteceu. Só toquei no assunto porque tu não pareces perceber a diferença. Só tinhas dezassete anos, mas já tinhas problemas com a bebida. Eu não tinha. Eu não tenho. Conseguiste passar a maior parte da tua vida sem te deixares dominar. Agora ultrapassaste o risco. A bebida está a começar a controlar-te, Andrew, e tu tens de retomar esse controlo. Digo-te isto como amiga. — Annie levantou-se e segurou-lhe o rosto com as mãos. — Não venhas mais ao meu estabelecimento. Não te vou servir.

— Vá lá, Annie...

— Podes aparecer para conversar, mas não me peças uma bebida porque eu não ta vou dar.

Virou-se, pegou no casaco e saiu apressadamente.

SETE

Ryan vagueava pela galeria sul, admirando a utilização da luz e a fluidez do espaço. Os Jones sabiam do seu ofício, reflectiu. As vitrinas estavam elegantemente arranjadas, as placas educativas eram discretas e informativas.

Ouviu, sem prestar muita atenção, uma mulher de cabelo azul com um acentuado sotaque de Nova Inglaterra que conduzia um pequeno grupo de visitantes a uma das magníficas Madonas de Rafael.

Outro grupo, um pouco maior e mais barulhento, era composto de meninos de escola e estava a ser guiado por uma morena desenvolta. Dirigiam-se para os Impressionistas, para grande alívio de Ryan.

Não que não gostasse de crianças. A realidade é que as suas sobrinhas e sobrinhos eram uma grande fonte de alegria e diversão para si. Ele tinha prazer em estragá-los com mimos sempre que possível. Mas as crianças eram uma distração durante as horas de trabalho. Ryan estava muito ocupado.

Os seguranças eram discretos, mas em grande número. Ryan reparou nos postos de vigilância e percebeu pelo olhar sub-reptício que um guarda lançou para o relógio que estavam quase a mudar de turno.

Ele parecia deambular sem objectivo, parando aqui e ali para ver um quadro, uma escultura ou uma vitrina de artefactos. Na sua mente contava passos. Da porta de entrada até à câmara de vigilância no canto sudoeste, da câmara até à arcada, da arcada à câmara seguinte, e daí ao seu objectivo.

Não se demorou mais em frente da vitrina do que qualquer amante de arte demoraria para examinar a beleza rara de um bronze do século quinze. O bronze *David* era uma pequena jóia: jovem, pretensioso, esbelto, com a sua funda naquele histórico momento de verdade.

Embora o artista fosse desconhecido, o estilo era de Leonardo. E como indicava a placa, presumia-se ser uma obra de um dos seus alunos.

O cliente de Ryan era particularmente fã de Leonardo, e contratara-o por causa daquela obra em particular depois de a ter visto no Instituto seis meses antes.

Ryan achava que o cliente ficaria muito feliz, e era melhor mais cedo do que mais tarde. Decidira antecipar o plano. Era mais sensato continuar e concluir o trabalho antes que cometesse algum erro com Miranda, pensou. Já começava a sentir um pouco de pena por lhe ir causar algum transtorno e aborrecimento.

Mas, afinal de contas, ela estava segura. E o bronze não era de todo a melhor peça do Instituto.

Se fosse ele a escolher, ficaria com o Cellini, ou talvez com a mulher de Ticiano que lhe fazia lembrar Miranda. Mas o pequeno bronze fora a escolha do seu cliente. E seria uma tarefa mais fácil do que o Cellini ou o Ticiano.

Devido à sua reacção inesperada em relação a Miranda, depois de a ter levado a casa e de ter trocado de roupa passara uma ou duas horas produtivas nos túneis de manutenção por baixo do Instituto. Aí, tal como já sabia, encontrava-se a instalação eléctrica do sistema de segurança do edifício. Alarmes, câmaras, sensores.

Só tinha precisado do portátil e de um pouco de tempo para introduzir as suas especificações pessoais. Não alterara muita coisa. A maior parte do trabalho seria executada daí a algumas horas, mas algumas modificações sensatas facilitariam a tarefa.

Completo as medições e depois, de acordo com o plano, executou o primeiro teste. Sorriu para a senhora de cabelo azul, passando rente ao grupo. Com as mãos nos bolsos, estudou um quadro sombrio da Anunciação. Com o pequeno mecanismo na mão, percorreu os controlos com o polegar até encontrar o botão certo. A câmara estava mesmo à sua direita.

Sorriu para a Virgem quando viu, pelo canto do olho, a minúscula luz vermelha da câmara apagar-se.

Deus, como ele adorava a tecnologia!

No outro bolso, pressionou o botão de um cronómetro e aguardou.

Calculou que tivessem passado quase dois minutos antes de o walkie-talkie do guarda mais próximo dar sinal. Pressionou novamente o botão do cronómetro, desbloqueou a câmara com a outra mão e avançou rapidamente para examinar o rosto triste e perplexo de São Sebastião.

Mais do que satisfeito, saiu da galeria e foi para o exterior para usar o telemóvel.

— Gabinete da Dra. Jones. Posso ajudar?

— Espero que sim. — A voz fininha da assistente de Miranda fê-lo sorrir. — A Dra. Jones pode atender? Daqui fala Ryan Boldari.

— Um momento, Sr. Boldari.

Ryan resguardou-se do vento enquanto esperava. Ele gostava do aspecto da cidade, da diversidade arquitectónica, do granito e tijolo. Passara por uma imponente estátua de Longfellow durante os seus passeios e descobrira que esta e as outras estátuas e monumentos eram uma mais-valia para uma cidade interessante.

Talvez preferisse Nova Iorque, o ritmo acelerado e as exigências da cidade. Mas achava que não se importaria de passar um pouco mais de

tempo ali. Noutra altura, claro. Nunca era sensato ficar por muito tempo depois de concluir um trabalho.

— Ryan? — A voz de Miranda soou ligeiramente sem fôlego. — Desculpa ter-te feito esperar.

— Não tem importância. Acabo de passear pelas tuas galerias. — Melhor que ela soubesse, pois era provável que fossem rever as cassetes no dia seguinte.

— Oh. Gostava que me tivesses dito que vinhas. Teria tido muito gosto em mostrar-tas.

— Não queria interromper o teu trabalho. Mas queria dizer-te que acho que os meus Vasaris irão ter uma maravilhosa casa temporária. Devias vir a Nova Iorque para veres onde vai ficar o teu Cellini.

Ele não tencionara dizer aquilo. Raios. Mudou o telemóvel para a outra mão, lembrando a si mesmo que seria necessário algum distanciamento durante uns tempos.

— Talvez faça isso. Queres subir?

— Gostaria, mas tenho uns compromissos inadiáveis. Esperava poder levar-te a almoçar, mas não posso cancelar estes encontros. Vou estar preso o resto do dia, mas pensei que talvez pudesses almoçar comigo amanhã.

— Estou certa de que posso arranjar tempo para isso. A que horas te dá mais jeito?

— Quanto mais cedo melhor. Quero ver-te, Miranda. — Podia imaginá-la sentada no gabinete, talvez de bata vestida sobre uma camisola grossa. Oh, sim, queria vê-la, e muito. — Que tal meio-dia?

Ouviu o restolhar de papéis. *A consultar a agenda*, pensou ele. E, por alguma razão, achou isso delicioso. — Sim, ao meio-dia está óptimo. A documentação do teu Vasari acaba de chegar à minha mesa. Trabalhas de pressa.

— Mulheres belas não deviam ter de esperar. Vejo-te amanhã. Vou pensar em ti esta noite.

Cortou a ligação e sofreu uma sensação muito rara. Reconheceu-a como culpa apenas porque na realidade não se recordava de a ter sentido antes. Não certamente quando se tratava de mulheres e de trabalho.

— Não há nada que eu possa fazer — disse suavemente. E guardou o telemóvel. Enquanto caminhava a passos largos para o estacionamento, retirou o cronómetro do bolso. Cento e dez segundos.

Tempo suficiente. Mais do que suficiente.

Olhou para cima em direcção à janela do gabinete de Miranda. Também haveria tempo para isso. Eventualmente. Mas as obrigações profissionais vinham primeiro. Ele tinha a certeza de que uma mulher de natureza prática como ela concordaria.

• • •

Ryan passou as horas seguintes trancado na sua suite. Encomendara um almoço rápido, sintonizara o rádio para uma estação de música clássica e espalhara as anotações para as rever.

Tinha as plantas do Instituto abertas em cima da mesa presas com o saleiro, o pimenteiro e pequenos frascos de mostarda e ketchup que tinham ido no carrinho do almoço.

Os esquemas do sistema de segurança estavam no monitor do portátil. Mordiscou uma batata frita e bebericou Evian enquanto estudava os esquemas.

As plantas tinham sido relativamente fáceis de obter. Contactos e dinheiro conseguiam aceder a quase tudo. Ele tinha também muito jeito para computadores. Um talento que desenvolvera e aprimorara quando andava no liceu.

A mãe insistira para que ele aprendesse a dactilografar – porque nunca se sabia se um dia poderia ser útil – mas ele arranjava coisas mais interessantes para fazer com um teclado do que dactilografar correspondência.

Construía o computador portátil que levava consigo, acrescentando-lhe uma série de extras que não eram exactamente legais. Mas a sua profissão também não.

As Galerias Boldari eram totalmente legais e auto financiavam-se e faziam um lucro bastante bom. Mas tinham sido construídas com dinheiro que ele acumulara ao longo dos anos, tendo começado como carteirista nas ruas de Nova Iorque.

Algumas pessoas nasciam artistas, outras nasciam contabilistas. Ele tinha nascido ladrão.

No início, roubara carteiras e pequenas jóias porque não tinha dinheiro. Afinal, os professores de arte não andavam a nadar em dinheiro e havia muitas bocas para alimentar no lar dos Boldari.

Mais tarde começara a assaltar apartamentos porque... bem, porque era bom nisso e porque era emocionante. Ainda conseguia lembrar-se da sua primeira invasão a um apartamento escuro e adormecido. O sossego, a tensão, a excitação de estar num lugar onde não deveria estar, e o nervosismo inicial que sentira devido à possibilidade de ser apanhado tornaram tudo mais entusiasmante.

Como fazer sexo num local público, em plena luz do dia. Com a mulher de outro.

Como tinha um código bastante estrito contra o adultério, limitava essa sensação eléctrica ao roubo.

Quase vinte anos depois, sentia a mesma excitação cada vez que arrombava uma fechadura de um edifício seguro.

Ryan refinara o seu ofício e especializara-se em arte durante mais de uma década. Tinha um sentido para a arte, um amor, e no seu íntimo, considerava-a domínio público. Se roubasse um quadro do Smithsonian – o que já acontecera –, estava apenas a prestar um serviço a um particular, pelo qual era bem pago.

E com os honorários adquiria mais arte para expor nas suas galerias para o público admirar e apreciar.

Parecia equilibrar bem as coisas.

Como tinha uma queda para electrónica e engenhocas, porque não pô-la ao seu serviço juntamente com o talento natural para o furto?

Voltando-se para o portátil, acedeu às medições que fizera na Galeria Sul, visionando a planta do piso a três dimensões. As posições das câmaras estavam realçadas a vermelho. Com o digitar de algumas teclas, instruiu a máquina para calcular os ângulos, a distância e a melhor aproximação.

Já ia longe o tempo em que assaltava casas, trepava por janelas e rastejava enquanto enfiava jóias num saco, pensou. Esse aspecto da profissão era para os novos, para os estouvados ou para os tolos. E nestes tempos instáveis, havia muita gente com armas em casa que atirava em qualquer coisa que se mexesse na escuridão da noite.

Ele preferia evitar proprietários armados.

Era melhor pôr a tecnologia ao seu serviço, fazer um trabalho limpo e seguir em frente.

Como já era habitual, verificou as pilhas do transmissor de bolso. Era concepção sua, feito de partes retiradas de um comando remoto de televisão, de um telemóvel e de um *pager*.

Assim que estudava o sistema de segurança de uma marca – que Andrew fora suficientemente simpático para lhe mostrar –, podia facilmente ajustar a frequência a aplicar depois de ter alterado o sistema na fonte. O teste no final daquela manhã provara que fora bem sucedido nesse aspecto.

Conseguir entrar fora mais problemático. Se trabalhasse com um cúmplice, um deles poderia trabalhar com o computador no túnel para destrancar fechaduras. Ele trabalhava sozinho, e precisava do transmissor para as câmaras.

As fechaduras eram um assunto relativamente simples. Ele tinha acedido aos esquemas do sistema de segurança algumas semanas antes e conseguira finalmente quebrá-lo. Depois de passar duas noites no local, marcara a porta lateral e forjara um cartão de acesso.

O código de segurança fora uma vez mais cortesia de Andrew. Ryan

achava espantoso a quantidade de informação que as pessoas transportavam nas suas carteiras. Os algarismos e a sequência tinham sido anotados num pedaço de papel que estava escondido atrás da carta de condução de Andrew. Ryan precisara apenas de alguns segundos para sacar a carteira, de alguns momentos para a vasculhar, encontrar os números e memorizá-los, e nada mais do que uma amigável pancadinha nas costas para voltar a enfiar a carteira no bolso de Andrew.

Ele calculava que o serviço lhe tivesse custado aproximadamente setenta e duas horas de trabalho preparativo; acrescentando a hora que demoraria a executar, e deduzindo os gastos, conseguiria um lucro de oitenta e cinco mil dólares.

Um bom trabalho para quem pode, pensou, tentando não lamentar o facto de esta ser a sua última aventura. Empenhara a palavra nisso, e nunca deixava de cumprir uma promessa. Não à família.

Verificou as horas e reparou que tinha oito horas antes de iniciar a tarefa. Passou a primeira a tratar das provas, queimando as plantas na lareira da suite, trancando todos os aparelhos eléctricos numa caixa reforçada e introduzindo depois atalhos e palavras-passe no computador para o guardar em segurança.

Ainda tinha tempo para algum exercício, uma sauna, natação e uma sesta curta. Acreditava em estar alerta de espírito e corpo antes de entrar em acção.

• • •

Passava pouco das seis e Miranda estava no gabinete a compor uma carta que ela própria preferia digitar. Embora ela e Andrew dirigissem o Instituto, ainda era procedimento normal os pais serem informados e aprovarem qualquer empréstimo ou transferência de arte.

Ela tencionava fazer uma carta directa e sucinta e estava disposta a trabalhar nisso palavra a palavra até esta ficar tão ácida como vinagre, igualmente desagradável, mas extremamente profissional.

Já tinha completado o primeiro rascunho, e estava a começar a fazer os melhoramentos, quando o telefone tocou.

— Instituto de Nova Inglaterra. Fala a Dra. Jones.

— Miranda, graças a Deus que te apanho.

— Perdão? — Perturbada com o ruído de fundo, ajeitou o telefone e tirou o brinco. — Quem fala?

— Giovanni.

— Giovanni? — Olhou para o relógio de secretária e calculou as horas. — Já passa da meia-noite aí. Passa-se alguma coisa de errado?

— Está tudo errado. É um desastre. Não me atrevi a telefonar-te mais cedo, mas achei que tinhas de saber, o mais depressa possível, antes... antes de amanhecer.

O coração dela deu um pulo, bastante forte, e o brinco que tinha tirado caiu em cima da mesa. — A minha mãe? Aconteceu-lhe alguma coisa?

— Sim... não. Ela está bem, não lhe aconteceu nada. Desculpa. Estou perturbado.

— Não faz mal. — Para se acalmar, fechou os olhos e inspirou profundamente. — Mas diz-me o que foi que aconteceu.

— O bronze, o Bronze de Fiesole. É uma falsificação.

— Isso é ridículo. — Endireitou-se na cadeira e começou a falar bruscamente. — Claro que não é uma falsificação. Quem é que te disse isso?

— Chegaram hoje cedo os resultados dos testes feitos em Roma. Nos Laboratórios Arcana-Jasper. O Dr. Ponti supervisionou os testes. Conheces o trabalho dele?

— Sim, claro. Foste mal informado, Giovanni.

— Estou a dizer-te, eu mesmo vi os resultados. A Dra. Standford-Jones mandou chamar-me, e também ao Richard e à Elise, já que estávamos na equipa original. Até interrogou o Vincente. Miranda, ela está furiosa e muito maldisposta. O bronze é uma falsificação. Provavelmente não foi esculpido há mais de alguns meses, se tanto. A fórmula do metal estava certa, até a pátina estava perfeita e podia ter causado confusão.

— Eu não me confundi com nada — insistiu ela. Mas sentia arrepios de pânico percorrerem-lhe as costas.

— Os níveis de corrosão estão errados, todos errados. Não sei como é que isso nos escapou, Miranda, mas estavam errados. Alguém tentou criá-los no metal, mas não conseguiu.

— Tu viste os resultados, as fotos de computador, os raios X.

— Eu sei. Eu disse isso à tua mãe, mas...

— Mas o quê, Giovanni?

— Ela perguntou-me quem tinha feito os raios X, quem programara o computador. Quem tinha feito os testes de radiação. Lamento, *cara*.

— Compreendo. — Agora sentia-se dormente, a mente enevoada. — A responsabilidade é minha. Fui eu que fiz os testes e escrevi os relatórios.

— Se não tivesse sido a fuga de informação para a imprensa, podíamos ter varrido pelo menos parte disto para debaixo do tapete.

— Ponti pode estar errado. — Miranda esfregou a boca com a mão. — Pode estar errado. Eu não me posso ter enganado com uma coisa tão básica como níveis de corrosão. Preciso de pensar nisto, Giovanni. Agradeço teres-me contado.

— Detesto ter de pedir isto, Miranda, mas tenho de o fazer se quero

manter o meu emprego. A tua mãe não pode saber que falei contigo acerca deste assunto, que entrei em contacto contigo. Creio que ela tenciona contactar-te de manhã.

— Não te preocupes. Não mencionarei o teu nome. Não posso falar agora. Preciso pensar.

— Está bem. Lamento, lamento imenso.

Lenta e deliberadamente, Miranda pousou o auscultador e deixou-se ficar sentada, imóvel como uma pedra, a olhar para o nada. Tentou recordar-se de toda a informação, ordená-la e ver tudo claramente como vira em Florença. Mas não conseguiu nada para além de um zumbido que a fez desistir e baixar a cabeça entre os joelhos.

Uma falsificação? Não podia ser. Não era possível. A respiração acelerou, tornando-lhe impossível encher os pulmões. Então as pontas dos dedos começaram a formigar à medida que a dormência ia desaparecendo dando lugar aos tremores.

Tinha sido cuidadosa, garantiu a si mesma. Tinha sido minuciosa. Tinha sido exacta. O coração batia tão violentamente que ela pressionou o esterno com a mão fechada.

Oh, Deus, não tinha sido suficientemente cuidadosa, suficientemente minuciosa nem suficientemente precisa.

A mãe teria razão? Apesar de todas as alegações em contrário, ter-se-ia ela decidido a respeito do bronze no momento em que o vira?

Em que o quisera, admitiu, levantando a cabeça para se recostar na cadeira com um movimento lento característico dos idosos ou doentes. Ela quisera que a estátua fosse verdadeira, desejara ter tido algo tão importante, tão precioso e raro nas mãos.

Arrogância, fora o nome que Elizabeth dera. Arrogância e ambição. Teria ela deixado aquele capricho, aquele desejo, aquela necessidade de aprovação toldar-lhe o raciocínio e afectar-lhe o trabalho?

Não, não, não. Cerrou os punhos e pressionou-os contra os olhos. Ela vira as imagens, os resultados da radiação, os testes químicos. Estudara-os. E eram factos, e os factos não mentiam. Todos os testes tinham corroborado a sua convicção. Tinha de haver algum engano, mas não era seu.

Porque se fosse, pensou, pousando as mãos em cima da mesa, era pior do que fracasso. Ninguém voltaria a confiar nela. Nem ela própria.

Fechou os olhos e recostou a cabeça.

Foi assim que Andrew a encontrou vinte minutos depois.

— Vi que tinhas a luz acesa. Também ainda estava a trabalhar e...
— Calou-se, parando à entrada da porta. Ela estava pálida como a água, e quando abriu os olhos, estes estavam demasiado escuros, demasiado brilhantes e vazios. — Estás doente?

Embora a doença o pusesse nervoso, Andrew atravessou a sala para lhe pôr uma mão na testa. — Estás fria. — Pegou instintivamente nas mãos dela e começou a esfregá-las. — Deves ter-te resfriado ou coisa do género. Vou levar-te a casa. Devias deitar-te.

— Andrew... — Ela ia ter que contar. E as palavras custavam a sair da garganta. — A *Dama Negra* é falsa.

— O quê? — Ele tinha começado a fazer-lhe festas na cabeça e parou naquele instante. — O bronze? De Florença?

— Chegaram os resultados das repetições dos testes. O crescimento da corrosão está errado, os valores da radiação estão errados. Ponti, em Roma. Foi ele que supervisionou pessoalmente os testes.

Ele sentou-se à beira da mesa, sabendo que festas de irmão na cabeça não iam afastar aquela doença. — Como é que sabes?

— O Giovanni acabou de me telefonar. Não era suposto fazê-lo. Se a mãe descobre, pode despedi-lo.

— Ok. — Giovanni não era a sua preocupação no momento. — Tens a certeza de que as informações dele estão correctas?

— Não quero pensar dessa forma. — Cruzou os braços sobre o peito, enterrando os dedos nos bíceps. Apertando e largando, apertando e largando. — Ele não me teria contactado se não estivessem. A mãe chamou-o e mais à Elise e ao Richard Hawthorne para lhes dizer. E também ao Vincente. Imagino que os tenha arrasado. Eles vão dizer que fui eu que fiz asneira. — A voz quebrou, fazendo-a abanar veementemente a cabeça como que para negar a emoção. — Tal como ela previu.

— E fizeste?

Ela abriu a boca para negar isso também, e de forma igualmente veemente. Mas fechou-a de novo, pressionando os lábios. *Controla-te*, ordenou a si mesma. No mínimo, precisava de se controlar. — Não vejo como. Fiz os testes. Segui os procedimentos. Documentei os resultados. Mas eu queria que o resultado fosse aquele, Andrew, talvez quisesse demasiado.

— Nunca me pareceu que deixasses o que queres intrometer-se no que é a realidade. — Ele não suportava vê-la tão abalada. Dos dois, ela fora sempre a mais forte. Ambos sempre haviam contado com isso. — Poderá ter havido alguma falha ao nível do equipamento?

Ela quase riu. — Estamos aqui a falar do orgulho e satisfação de Elizabeth, Andrew.

— As máquinas avariavam.

— Ou as pessoas que introduzem dados nessas máquinas cometem erros. A equipa de Ponti pode ter cometido um. — Afastou-se da secretária, e embora sentisse as pernas a tremer, começou a andar de um lado para o outro. — Não é mais inverosímil do que ter sido eu a errar. Preciso de ver

outra vez os meus dados e os resultados. Preciso de ver os dele. Preciso de ver a *Dama Negra*.

— Vais ter de falar com ela.

— Eu sei. — Miranda parou e virou-se para a janela, mas viu apenas a escuridão. — Ligar-lhe-ia agora se isso não prejudicasse o Giovanni. Preferia tratar já do assunto do que esperar que ela me contacte.

— Tu sempre foste aquela que tomava o remédio de uma só vez. Eu sou um grande apologista de adiarmos para sempre o que não queremos enfrentar hoje.

— Não há como evitar. Quando os resultados forem públicos, vem tudo por água abaixo. Serei considerada uma tola ou uma fraude, e uma é tão má como a outra. O Vincente vai encontrar alguma forma de torcer a história, mas isso não deterá a imprensa. Ela estava certa nesse ponto. Isto vai afectar a Standjo, a ela e a mim. — Voltou-se para o irmão. — Vai afectar o Instituto.

— Podemos tratar disso.

— Isto é problema meu, Andrew. Não teu.

Ele avançou e pôs as mãos nos ombros dela. — Não — disse simplesmente. E fê-la ter vontade de chorar. — Estamos juntos nisto, como sempre.

Ela suspirou, encostou-se a ele e deixou-se confortar. Mas pensou que a mãe não lhe daria qualquer hipótese. Se tivesse de escolher entre o Instituto e a filha, Miranda não tinha dúvidas de qual teria primazia.

O I T O

O vento nocturno era frio como uma mulher desprezada e igualmente mal-humorado. Ryan não se incomodava. Considerou-o tonificante enquanto percorria os três quarteirões depois de ter estacionado o carro.

Tinha tudo o que precisava debaixo do casaco, em bolsas e algibeiras, ou na pequena pasta que transportava. Se a polícia o mandasse parar por algum motivo, e desse uma olhadela, estaria atrás das grades antes de conseguir exercer o direito de fazer um telefonema. Mas isso fazia parte da emoção.

Não ia chegar a tempo, pensou, e acelerou o passo como quem está deseioso de se encontrar com a pessoa amada. A fase de planeamento estava terminada, e também esse aspecto da sua vida. Agora aproximava-se a execução, a última. Queria gravar todos os detalhes na cabeça para quando fosse muito velho conseguir descrever aos netos aquela maravilhosa sensação de poder.

Perscrutou as ruas. As árvores estavam nuas e tremiam ao vento, o trânsito estava fraco e a Lua reduzida a um ponto ténue pelas luzes da cidade e pelas nuvens altas. Passou por um bar onde um copo de Martini azul-néon cintilava à janela e sorriu. Era capaz de entrar para tomar um copo depois do trabalho. Um pequeno brinde ao final de uma era parecia-lhe apropriado.

Atravessou a rua quando o sinal dos peões permitiu, como um cidadão cumpridor da lei que não sonharia em atravessar fora da passadeira. Pelo menos não quando estava em posse de ferramentas de assalto.

Viu o Instituto mesmo à sua frente, uma silhueta majestosa de bom granito ianque. Agradava-lhe o facto de a última tarefa consistir em assaltar um edifício antigo tão imponente e digno.

As janelas estavam escuras à excepção do brilho das luzes de segurança no átrio de entrada. Ele pensou que era estranho, e de facto bastante encantador, as pessoas deixarem as luzes ligadas para afastar os bandidos. Um que fosse bom conseguia assaltar tão facilmente em plena luz do dia como na escuridão da noite.

E ele era muito bom.

Olhou a rua de cima a baixo antes de consultar o relógio. As vigilâncias que fizera haviam-lhe permitido observar o comportamento da polícia naquela zona. A não ser que a chamassem, tinha uns bons quinze minutos

antes que um carro azul e branco passasse por ali.

Atravessou para o lado sul do edifício, mantendo o passo acelerado mas sem pressas. O casaco longo conferia-lhe a ilusão de corpulência, o chapéu chique encobria-lhe o rosto, e o cabelo que se via por debaixo era agora de um elegante cinzento-aço.

Qualquer um que reparasse nele veria um homem de negócios de meia-idade ligeiramente obeso.

Ainda se encontrava a cerca de dois metros da porta, e fora do alcance da câmara, quando retirou o transmissor do bolso e o apontou para ela. Viu a luz vermelha apagar-se e avançou rapidamente.

O falso cartão de acesso deu algum trabalho, mas foi aceite à terceira tentativa. Introduziu o código que tinha de memória e em quarenta e cinco segundos estava na antessala. Voltou a ligar a câmara, pois não dava muito jeito que se deslocasse lá um guarda para a verificar, e depois fechou a porta e voltou a trancá-la.

Despiu o casaco e pendurou-o ao lado da maquina de café do pessoal. Guardou as luvas pretas no bolso. Debaixo destas usava umas finas luvas de cirurgia que qualquer pessoa podia comprar às caixas numa loja de produtos médicos. Cobriu o cabelo grisalho com um gorro negro.

Verificou com eficiência as ferramentas uma última vez.

Só depois é que se permitiu fazer uma pausa, apenas por uns instantes, e desfrutar do momento.

Estava no escuro a ouvir o silêncio que não era de facto nenhum silêncio. Os edifícios tinham a sua linguagem, e aquele zunia e chiava. Podia ouvir a passagem do ar quente através das grelhas de ventilação, os suspiros do vento que empurrava a porta atrás de si.

O guarda e as salas de segurança estavam no andar de cima, e os pisos eram espessos. Não ouvia nada do que se passava lá em cima, e sabia que eles também não o conseguiam ouvir. Com a vista já adaptada à escuridão, passou à porta seguinte. Tinha uma boa fechadura que exigia as suas gazuas, a sua lanterna, que segurou entre os dentes, e aproximadamente trinta segundos para a conseguir abrir.

Sorriu ao ouvir a fechadura destrancar, abriu a porta e seguiu pelo corredor.

A primeira câmara encontrava-se onde o corredor fazia uma bifurcação para a esquerda e para a direita. Esta não o preocupava grandemente. Ali ele era uma sombra entre muitas, e a câmara estava apontada na direcção da galeria. Ryan deslizou por debaixo desta, fora de alcance, e virou para a esquerda.

A gruta de Aladino, pensou quando se agachou mesmo à entrada da Galeria Sul. A Torre de Londres, o Tesouro do Barba-Negra, País das Maravilhas.

Um lugar como aquele era todos os contos de fadas que lera e lhe tinham lido na sua infância.

Uma ansiedade gloriosa percorria-lhe o corpo, contraindo-lhe os músculos, contorcendo-se como desejo nas suas entranhas. Estava tudo ao seu alcance. O que o fez pensar o quão facilmente um profissional podia sucumbir à ganância... e ao desastre.

Verificou uma vez mais as horas. A sensibilidade ianque num lugar daqueles significava que os guardas ainda faziam rondas, embora as câmaras e os sensores fossem suficientes. Claro que ele era a prova de que não eram, e se fosse ele o responsável pela segurança, teria contratado o dobro dos guardas e duplicado as rondas.

Mas não era essa a sua função.

Desligou a lanterna. Até o brilho punctiforme faria disparar os sensores. Usando as suas medições e excelente visão noturna, avançou até ao canto da galeria, apontou o transmissor e desligou a câmara maçadora.

Numa parte do cérebro contava segundos. O resto dele movia-se rapidamente. Quando se agachou em frente à vitrina, já tinha o cortador de vidro na mão. Fez um círculo perfeito, ligeiramente maior do que o seu punho, retirou-o praticamente sem barulho e pousou-o em cima do expositor.

Agiu rapidamente, mas com uma agilidade de movimento que era tão inata como a cor dos seus olhos. Não perdeu tempo a admirar o objecto ou a pensar no quão maravilhoso seria levar mais do que estava nos seus planos. Isso era para amadores. Enfiou simplesmente a mão, pegou no bronze e meteu-o na bolsa que tinha à cintura.

Como apreciava ordem, e ironia, colocou novamente o círculo de vidro no lugar e recuou de gatas até ao canto. Ligou outra vez a câmara e iniciou o caminho de regresso.

Pelas suas contas, demorara setenta e cinco segundos.

Quando chegou à antessala, transferiu o bronze para uma pasta, enfiando-o entre duas placas espessas de espuma. Trocou de chapéu, tirou as luvas cirúrgicas e enfiou-as no bolso.

Vestiu o casaco, abriu a porta, saiu, trancou-a de novo e estava a um quarteirão de distância menos de dez minutos depois de ter entrado no edifício.

Rápido e sem incidentes, pensou. Uma boa maneira de acabar uma carreira. Olhou novamente para o bar e quase entrou. Mas no último instante decidiu voltar para o hotel e encomendar antes uma garrafa de champanhe.

Alguns brindes eram para se fazer em privado.

• • •

Às seis da manhã, depois de uma noite sem conseguir dormir, Miranda acabara finalmente de adormecer quando acordou sobressaltada com o telefone a tocar. Cheia de dores de cabeça, desorientada, pegou atrapalhadamente no auscultador.

— Dra. Jones. *Pronto.* — *Não. Não estás em Itália. Estás no Maine. Em casa.* — Estou?

— Dra. Jones, daqui fala Ken Scutter da segurança.

— Sr. Scutter. — Não conseguia associar o nome à pessoa e estava demasiado confusa para tentar. — Que se passa?

— Tivemos um incidente.

— Um incidente? — Assim que a sua mente começou a clarear, sentou-se na cama. Os lençóis e cobertores estavam enrolados em volta dela como faixas numa múmia, e ela praguejou baixinho enquanto tentava libertar-se. — Que tipo de incidente?

— Ninguém reparou até à mudança de turnos, há momentos, mas eu quis contactá-la imediatamente. Fomos assaltados.

— Assaltados. — Endireitou-se como um raio, completamente acordada com o sangue a inundar-lhe o cérebro. — O Instituto?

— Sim, senhora. Achei que devia querer vir para cá.

— O que é que levaram?

— Falta apenas uma peça da Galeria Sul, Dra. Jones. O catálogo indica que é um bronze de David do século quinze, de autor desconhecido.

Um bronze, pensou ela. De repente era perseguida por bronzes. — Vou imediatamente.

Saltou da cama e, sem se preocupar com o robe, correu de pijama até ao quarto de Andrew. Entrou de rompante, foi direita à cama e abanou-o energicamente.

— Andrew, acorda! Houve um assalto.

— O quê? — Ele tentou desviar a mão dela e começou a bocejar. O maxilar deu um estalo enquanto ele se sentava na cama. — O quê? Onde? Quando?

— No Instituto. Falta um bronze da Galeria Sul. Veste-te, vamos embora.

— Um bronze? — Passou uma mão pelo rosto. — Miranda, estavas a sonhar?

— O Scutter, da segurança, acaba de ligar! — Gritou. — Eu não sonho. Dez minutos, Andrew — disse ela por cima do ombro enquanto saía apressadamente.

• • •

Em menos de quarenta minutos já estava com o irmão na Galeria Sul, a olhar para o círculo perfeito no vidro e para o espaço vazio por detrás. Sentiu um aperto no estômago.

— Chame a polícia, Sr. Scutter.

— Sim, senhora. — Fez sinal para um dos seus homens. — Dei ordem para que passassem revista ao edifício, o que ainda está em curso, mas até agora não encontramos nada fora do lugar e parece não haver mais nada em falta.

Andrew acenou com a cabeça. — Quero rever as gravações das câmaras de segurança das últimas vinte e quatro horas.

— Sim, senhor. — Scutter produziu um suspiro. — Dra. Jones, o guarda-nocturno comunicou um pequeno problema com duas das câmaras.

— Problema. — Miranda virou-se. Já se recordava de Scutter. Era um homem baixo e forte, um antigo polícia que decidira trocar as ruas pela segurança privada. Tinha uma folha de serviços impecável. Andrew entrevistara-o e contratara-o pessoalmente.

— Esta câmara. — Scutter apontou para cima. — Apagou durante aproximadamente noventa segundos ontem de manhã. Ninguém deu muita importância ao facto, embora o diagnóstico habitual tenha sido feito. Ontem à noite, cerca da meia-noite, a câmara exterior da entrada sul fálhou quase um minuto. O vento estava muito forte, e a falha foi atribuída ao tempo. Esta câmara interna também desligou cerca de oitenta segundos entre a meia-noite e a uma da manhã. As horas exactas estão gravadas nas fitas.

— Entendo. — Andrew enfiou as mãos nos bolsos e cerrou os punhos. — Opinião, Sr. Scutter?

— Eu penso que o assaltante é um profissional, com conhecimentos de segurança e electrónica. Terá entrado pelo lado sul, desligado o alarme e a câmara. Ele sabia o que vinha buscar, não teve de andar à procura. Tudo indica que conhece o museu e o seu funcionamento.

— E entra sem qualquer dificuldade — disse Miranda com uma fúria mal disfarçada —, leva o que quer e sai sem problemas. Apesar da existência de um complexo e caro sistema de segurança e de meia dúzia de guardas armados.

— Sim, senhora. — Os lábios de Scutter estreitaram quando ele os contraiu. — Basicamente foi isso que aconteceu.

— Obrigada. Não se importa de ir até ao átrio da recepção aguardar a chegada da polícia? — Esperou até deixar de ouvir os passos dele; depois, como já se encontrava sozinha com Andrew, libertou toda a ira que estava a sentir.

— Filho da mãe! Filho da mãe. — Avançou a passos largos até à câmara em questão, espreitou-a e depois voltou para trás. — Aquele homem quer fazer-nos acreditar que qualquer pessoa é capaz de passar por cima da segurança, entrar aqui e roubar uma peça de arte específica em menos de dez minutos.

— Essa é a teoria mais provável, a não ser que aches que os guardas estão metidos nalguma conspiração e que todos tenham subitamente desenvolvido uma obsessão por meninos nus italianos esculpidos em bronze.

Andrew sentia-se doente. Ele adorava aquela peça, a sua vitalidade e arrogância pura. — Podia ter sido muito pior, Miranda.

— A nossa segurança falhou, fomos roubados. Como é que poderia ter sido pior?

— Pelo aspecto da coisa, este tipo podia ter enchido um saco do Pai Natal e pilhado metade desta área.

— Uma peça ou uma dúzia, o que interessa é que fomos assaltados. Meu Deus! — Miranda cobriu o rosto com as mãos. — O Instituto já não era assaltado desde os anos cinquenta, quando levaram seis quadros; e quatro deles foram recuperados.

— Então talvez tenha sido culpa nossa — disse ele.

— Uma treta. — Miranda deu meia volta. — Protegemos a nossa propriedade, não olhando a despesas quanto à segurança.

— Não temos sensores de movimento — murmurou ele.

— Tu queria-los.

— O sistema que eu queria significava ter de levantar o chão. — Olhou para o mármore lindo e espesso. — Os generais não foram nisso.

Com generais ele queria dizer pais. O pai ficara horrorizado com a ideia de destruírem o chão, e quase igualmente horrorizado com o custo estimado do sistema proposto.

— Se calhar não tinha feito diferença — disse ele com um encolher de ombros. — O ladrão teria muito provavelmente conseguido arranjar uma forma de anular os sensores. Raios, Miranda, a segurança é responsabilida-de minha!

— Isto não é culpa tua.

Andrew suspirou e ansiou ardentemente por uma bebida. — É sempre culpa de alguém. Vou ter de lhes contar. Nem sei como contactar o velhote no Utah.

— Ela vai saber, mas não avancemos depressa de mais. Deixa-me pensar um pouco. — Miranda fechou os olhos e permaneceu quieta. — Como disseste, podia ter sido muito pior. Só perdemos uma peça. E podemos muito bem vir a recuperá-la. Entretanto, a peça está segura e a polícia

está a caminho. Tudo o que podíamos fazer está a ser feito. Temos de deixar a polícia fazer o seu trabalho.

— E eu tenho de fazer o meu, Miranda. Tenho de ligar para Florença.
— Consegui esboçar um pequeno sorriso. — Vê as coisas desta forma: o nosso pequeno incidente pode fazê-la esquecer o teu problema durante algum tempo.

Miranda bufou. — Se eu achasse que isso podia acontecer, teria eu própria roubado o raio da peça.

— Dra. Jones. — Um homem de faces coradas do frio e pequenos olhos verdes sob umas sobrancelhas grisalhas entrou na sala. — E Dr. Jones. Sou o detective Cook. — Exibiu um distintivo dourado. — Parece que perderam alguma coisa.

• • •

Às nove, a cabeça de Miranda pulsava com uma violência suficiente para a fazer desistir e deitá-la sobre a mesa. Tinha a porta fechada, quase cedera à necessidade de a trancar e permitira-se parar durante dez minutos para se deixar levar pelo desespero e auto comiseração.

Só haviam passado cinco quando o intercomunicador deu sinal. — Miranda, desculpa. — Havia preocupação e hesitação na voz de Lori. — A Dra. Standford-Jones está na linha um. Queres que lhe diga que não estás disponível?

Oh, era tentador. Mas inspirou profundamente e endireitou as costas. — Não, eu atendo. Obrigada, Lori. — Como a sua voz soava enferrujada, ela clareou-a e depois premiu o botão da linha um. — Olá mãe.

— A análise ao Bronze de Fiesole já foi efectuada — disse Elizabeth sem rodeios.

— Sim.

— As tuas conclusões estavam erradas.

— Não acredito nisso.

— Independentemente daquilo em que insistas em acreditar, a verdade é que foram refutadas. O bronze não passa de uma tentativa sagaz e bem executada de imitar o estilo e materiais do Renascimento. As autoridades estão a investigar Carlo Rinaldi, o homem que afirma ter encontrado a peça.

— Quero ver esses resultados.

— Isso está fora de questão.

— Podes conseguir isso. Tenho direito a...

— Não tens direito a nada, Miranda. Sejam claras. A minha prioridade neste momento é evitar que este mal se espalhe. Já nos cancelaram

dois projectos governamentais. A tua reputação e, conseqüentemente, a minha estão a ser atacadas. Há quem pense que forjaste propositadamente resultados para te ser atribuída uma descoberta.

Com muito cuidado, Miranda limpou o círculo de humidade que uma chávena de chá tinha deixado sobre a secretária. — É isso que achas?

A hesitação foi mais clara do que as palavras que se seguiram. — Eu acho que permitiste que a ambição, a pressa e o entusiasmo te nublassem o raciocínio, a lógica e a eficiência. Assumo a responsabilidade, já que te envolvi nisto.

— Sou responsável pelos meus actos. Obrigada pelo teu apoio.

— O sarcasmo fica-te mal. Estou certa de que os *media* tentarão contactar-te durante os próximos dias. Não farás qualquer comentário.

— Tenho muitos comentários a fazer.

— Que guardarás para ti. Seria melhor se tirasses uma licença.

— Seria? — A mão começava a tremer, por isso cerrou-a num punho. — Isso é uma admissão passiva de culpa, e não o farei. Quero ver esses resultados. Se cometi um erro, pelo menos preciso de saber onde e como.

— Está fora das minhas mãos.

— Certo. Encontrarei uma forma. — Olhou irritada para o fax que começava a apitar e chiar. — Eu mesma entrarei em contacto com Ponti.

— Já falei com ele. Ele não tem nada para te dizer. O assunto está encerrado. Transfere-me para o gabinete do Andrew.

— Oh, com todo o prazer. Ele tem uma novidade para ti. — Furiosa, esmurrou o botão de espera e apitou para Lori. — Transfere esta chamada para o Andrew — ordenou ela, afastando-se depois da sua mesa.

Primeiro respirou profundamente. Daria alguns momentos a Andrew e depois iria ter com ele. Já estaria calma nessa altura. Calma e solidária. Para conseguir isso, tinha de esquecer por uns instantes o seu próprio problema e concentrar-se no assalto.

Para se distrair, dirigiu-se ao fax e arrancou a folha impressa.

E o sangue gelou-se-lhe nas veias.

*Estavas tão segura, não estavas? Parece que estavas errada.
Como é que vais explicar isso?*

O que é que te resta agora, Miranda? Agora que a tua reputação está desfeita? Nada. Não passavas disso: de uma reputação, um nome, um monte de diplomas.

Agora metes dó. Agora não tens nada.

E eu tenho tudo.

Qual é a sensação de ser exposta como fraude, de ser considerada incompetente? De ser um fracasso?

Miranda enfiou uma mão entre os seios enquanto lia a mensagem. A respiração acelerada e descontrolada fê-la sentir-se enfraquecer e ela recuou, apoiando-se na mesa para não cair.

— Quem és tu? — Disse com raiva. — Quem és tu?

Não interessa, pensou. Não deixaria que aquelas mensagens mal-intencionadas a afectassem. Não significavam nada.

Mas enfiou o fax dentro da gaveta, ao pé do outro, e trancou-a.

Ia acabar por descobrir. Havia sempre uma forma de descobrir. Pôs as mãos na cara e esfregou as faces para as irrigar de novo. E quando descobrisse, trataria do assunto, prometeu a si mesma.

Aquela não era a altura para se preocupar consigo e com brincadeiras de mau gosto. Inspirou fundo, expirou e esfregou as mãos até estas aquecerem.

Andrew precisava dela. O Instituto precisava dela. Fechou os olhos com força quando a pressão no peito se transformou em dor. Ela não era apenas um nome, um monte de diplomas.

Era mais do que isso. E tencionava prová-lo.

Saiu do seu gabinete com a intenção de se dirigir ao de Andrew.

Pelo menos dois membros da família apoiar-se-iam mutuamente.

O detective Cook estava junto à mesa de Lori. — Mais um momento do seu tempo, Dra. Jones.

— Claro. Entre, por favor, e sente-se. Lori não me passes nenhuma chamada. Deseja um café, detective?

— Não, obrigado. Estou a tentar reduzir. A cafeína e o tabaco são verdadeiros assassinos. — Instalou-se numa cadeira e retirou um bloco de notas do bolso. — Dra. Jones, o Dr. Andrew disse-me que a peça que foi roubada estava segura.

— O Instituto está totalmente seguro contra roubo e incêndio.

— Quinhentos mil dólares. Não é muito para uma peça tão pequena como aquela? Também não estava assinada nem nada, não é assim?

— O artista é desconhecido, mas pensamos tratar-se de um aluno de Leonardo da Vinci. — Miranda ansiava massajar a dor incomodativa que sentia na têmpora, mas manteve as mãos quietas. — Era um excelente estudo de David, aproximadamente de 1524.

Ela própria fizera os testes, pensou irritada. E ninguém pusera em questão a sua descoberta.

— Quinhentos mil é bastante razoável para o caso de a peça ter sido leiloadada ou vendida a um coleccionador — acrescentou ela.

— Fazem aqui esse tipo de coisas? — Cook contraiu os lábios. — Vendem peças?

— Ocasionalmente. Também adquirimos. Faz parte do nosso objetivo.

Cook passou os olhos pelo gabinete. Arrumado, limpo, com equipamento de última linha e uma secretária que também valia provavelmente uma pequena fortuna. — É necessário muito dinheiro para gerir um lugar destes.

— Sim, é. Os lucros que obtemos com as aulas, trabalho de consultadoria e admissões cobrem grande parte da despesa. Existe também um fundo criado pelo meu avô. Além disso, há benfeitores que doam frequentemente dinheiro ou colecções. — Embora lhe passasse pela ideia que seria sensato chamarem o advogado, Miranda continuou. — Detective Cook, não precisamos de quinhentos mil dólares da seguradora para o funcionamento do Instituto.

— Deve ser uma gota no charco. Claro que para algumas pessoas é uma boa soma. Principalmente se jogam ou têm dívidas, ou querem apenas comprar um carro de luxo.

Apesar de sentir o pescoço e ombros retesados, olhou directamente para os olhos dele. — Eu não jogo, não tenho dívidas e já tenho carro.

— Se me permite, Dra. Jones, não me parece particularmente transtornada com esta perda.

— O facto de eu estar transtornada vai ajudá-lo a recuperar o bronze?

Cook fez um estalido com a língua. — Tem razão. Mas o seu irmão está bastante abalado.

Miranda baixou os olhos em direcção à chávena de chá. — Ele sente-se responsável. Leva as coisas a peito.

— E a senhora não?

— Se me sinto responsável, ou se levo as coisas a peito? — Retorquiu ela, elevando as mãos alguns centímetros da mesa. — Neste caso, nenhum dos dois.

— Só para as minhas anotações, importa-se de me relatar a sua noite?

— Está bem. — Os músculos estavam de novo todos contraídos, mas Miranda falou calmamente: — O Andrew e eu trabalhamos até cerca das sete horas. Mandeí a minha assistente para casa por volta das seis. Recebi uma chamada do estrangeiro pouco depois.

— De?

— Florença, Itália. Um sócio meu. — A angústia ardia-lhe sob o peito como uma úlcera. — Calculo que tenhamos estado cerca de dez minutos ao telefone, talvez um pouco menos. O Andrew apareceu aqui pouco depois. Tivemos uma conversa e saímos juntos por volta das sete.

— Costumam chegar e sair juntos do trabalho?

— Não. Os nossos horários nem sempre coincidem. Ontem à noite eu não me estava a sentir bem, por isso ele levou-me a casa. Partilhamos a casa que a nossa avó nos deixou. Tivemos um pequeno jantar. Fui-me deitar perto das nove.

— E já não saiu de casa?

— Não. Como disse, não me estava a sentir muito bem.

— E o seu irmão esteve em casa a noite toda.

Ela não fazia ideia. — Sim, esteve. Acordei-o assim que recebi o telefonema do Sr. Scutter da segurança, pouco depois das seis da manhã de hoje. Chegámos juntos, ficámos a par da situação e dissemos ao Sr. Scutter para chamar a polícia.

— Aquele pequeno bronze... — Cook pousou o bloco no joelho. — Certamente terá obras muito mais valiosas naquela galeria. Estranho ele só ter levado aquela peça. Apenas uma peça depois de todo o trabalho para conseguir entrar.

— Sim — disse ela calmamente. — Eu pensei o mesmo. Como explicaria isso, detective?

Ele teve de sorrir. Era uma boa réplica. — Teria de dizer que ele queria essa peça. Não falta mais nada?

— A galeria está a ser minuciosamente examinada. Parece não faltar mais nada. Não sei que mais lhe posso adiantar.

— Por agora é suficiente. — Cook levantou-se e guardou o bloco de notas. — Vamos entrevistar o seu pessoal, e é provável que precise de falar novamente consigo.

— Estamos ao seu inteiro dispor. — Miranda levantou-se também. Queria que ele saísse. — Pode entrar em contacto comigo, aqui ou em casa — continuou ela enquanto se encaminhava para a porta. Quando a abriu, viu Ryan a andar de um lado para o outro na antessala.

— Miranda. — Foi direito a ela e pegou-lhe nas mãos. — Acabo de saber.

Por algum motivo, ela sentiu as lágrimas virem-lhe novamente aos olhos e tentou retrá-las. — Um mau dia — conseguiu dizer.

— Lamento. Quanto é que levaram? A polícia tem alguma pista?

— Eu... Ryan, este é o detective Cook. É ele que está responsável pelo caso. Detective, apresento-lhe Ryan Boldari, nosso sócio.

— Detective. — Ryan teria percebido que se tratava de um polícia a quilómetros de distância.

— Sr. Boldari, trabalha aqui?

— Não, tenho galerias em Nova Iorque e São Francisco. Estou aqui a negócios durante alguns dias. Miranda, que posso fazer para ajudar?

— Nada. Não sei. — A pergunta atingiu-a de novo, como uma onda,

e fez tremer as suas mãos dentro das dele.

— É melhor sentares-te.

— Sr. Boldari? — Cook levantou um dedo quando Ryan se virou para levar Miranda de volta para o gabinete. — Como se chamam as suas galerias?

— Boldari — disse com o arquear de uma sobrancelha. — Galerias Boldari. — Retirou um cartão de visita do bolso e entregou-o a Cook. — Está aqui o endereço de ambas. Desculpe, detective. A Dra. Jones precisa de um momento.

Deu-lhe algum prazer fechar a porta na cara de Cook. — Senta-te, Miranda. Diz-me o que aconteceu.

Ela fez como ele lhe pediu, confortada pelo aperto das suas mãos.

— Apenas uma peça — disse Ryan quando ela terminou. — Estranho.

— Tinha de ser um ladrão estúpido — disse ela com alguma graça. — Podia ter surripiado aquela vitrina sem precisar de muito mais tempo e sem maior esforço.

Ryan enfiou a língua na bochecha e lembrou-se de não se sentir ofendido. — Aparentemente ele foi selectivo, mas estúpido? É difícil acreditar que um homem estúpido, ou uma mulher, se for o caso, conseguisse passar pela segurança com tal facilidade e rapidez aparentes.

— Bem, ele pode ter conhecimentos de electrónica, mas não percebe nada de arte. — Incapaz de ficar sentada, Miranda levantou-se e ligou a máquina de café. — O *David* era uma peça encantadora, mas nem de longe a melhor que temos. Oh, mas isso não interessa — murmurou ela, passando uma mão pelos cabelos. — Pareço que estou aborrecida por ele não ter levado mais nada nem escolhido melhor. Mas estou furiosa por ele ter conseguido entrar.

— Como eu ficaria. — Ele aproximou-se para lhe beijar a testa. — Tenho a certeza de que a polícia irá encontrá-lo, e ao *David*. Cook pareceu-me ser eficiente.

— Espero que sim. Assim que me eliminar e ao Andrew da lista de suspeitos e se concentrar em encontrar o verdadeiro ladrão.

— Imagine que isso seja típico. — O pequeno verme da culpa começou a remexer-se quando a voltou de frente para si. — Não estás preocupada com essa parte, pois não?

— Não, nem por isso. Chateada, mas não preocupada. Agradeço que tenhas vindo até cá, Ryan, eu... Oh, o almoço — lembrou-se. — Não vou poder ir.

— Não te preocupes com isso. Marcamos outro da próxima vez que eu vier.

— Próxima vez?

— Tenho de partir esta noite. Tinha esperança de ficar mais um ou dois dias... por motivos pessoais. Mas preciso de regressar hoje.

— Oh. — Ela não pensara ser possível ficar mais feliz.

Ele levou as mãos dela aos seus lábios. Olhos tristes eram tão irresistíveis, pensou. — Não fará mal sentires saudades minhas. Pode até ajudar-te a desviar o pensamento de tudo isto.

— Tenho um pressentimento de que irei estar ocupada durante os próximos dias. Mas tenho pena que não possas ficar mais tempo. Isto não... Este problema não vai fazer-te mudar de ideias acerca do nosso acordo, pois não?

— Miranda. — Ele desfrutava o momento, fazendo o papel de herói firme e solidário. — Não sejas tola. Os Vasaris estarão nas tuas mãos em menos de um mês.

— Obrigada. Depois da manhã que tive, agradeço a confiança.

— E vais sentir a minha falta.

Miranda sorriu. — Acho que sim.

— Agora diz-me adeus.

Ela começou, mas ele tapou-lhe a boca com a sua e deleitou-se com um beijo profundo, ultrapassando a resistência inicial dela como ladrão que era.

Ryan sabia que passaria muito tempo antes que tornassem a ver-se — se alguma vez isso voltasse a acontecer. As suas vidas separavam-se ali, mas ele queria levar alguma coisa consigo.

Por isso, levou a doçura que começara a sentir sob a resistência, e a paixão que começara a despertar sob o controlo.

Afastou-a de si, examinou-lhe o rosto, acariciou-lhe os braços num movimento ascendente e novamente para baixo até o toque atingir as pontas dos dedos.

— Adeus, Miranda — disse ele, com maior tristeza do que era desejável. E deixou-a, certo de que ela conseguiria resolver o pequeno contratempo que causara na sua vida.